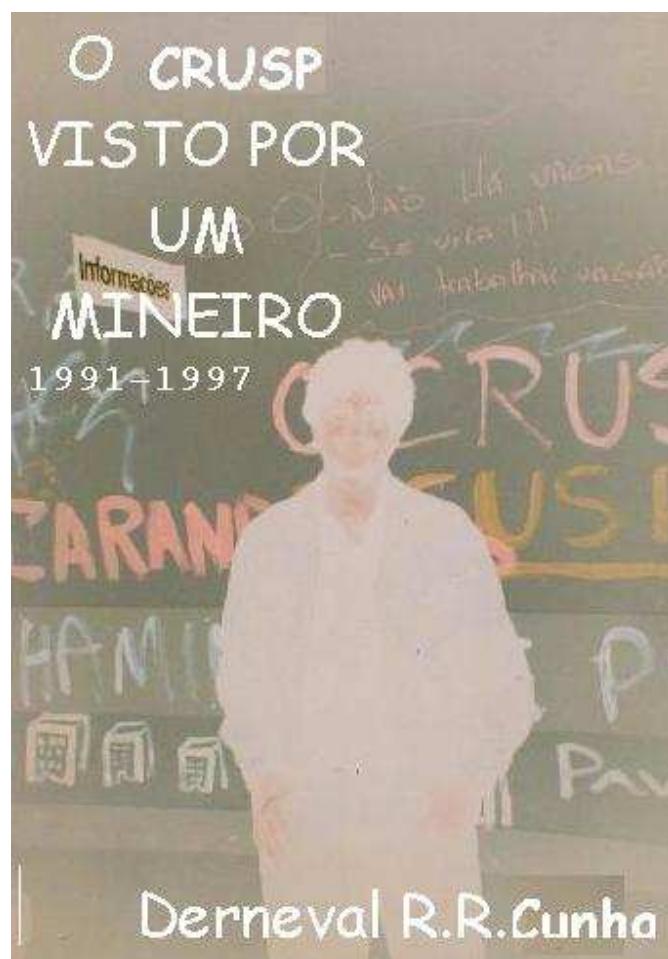


O CRUSP visto por um mineiro – Derneval R.R. da Cunha - drrcunhal@yahoo.com.br

ATUALIZADO 23/02/09



Prefácio

Este texto foi escrito para o projeto Nascente (concurso que pretende estimular a produção artístico-cultural do Campus). Não chegou nem a receber qualquer menção honrosa. Mas paciência. Apesar dos elogios que recebi de amigos que leram, nada ganhei com esse texto. A editora a quem primeiro ofereci o rascunho não achou a idéia interessante o bastante. Algumas iniciativas, como a série 2apê, feita pela TVUSP (que usou este texto durante a elaboração dos primeiros capítulos) e algumas semanas de arte cruspiana, me dão alguma esperança. Conheci e tive notícia de vários moradores e hóspedes que coletaram informações e textos durante o período da bolsa-moradia. Há um projeto de memória cruspiana, na Sociais, mas não tive ainda nenhum contato. Um ex-morador, dono de editora, manifestou interesse num livro que contasse a história desse Conjunto Residencial. O problema é que não tenho como fazer isso.

Mesmo se tivesse, teria que ser história basicamente oral. Poucos moradores se deram ao trabalho de manter um registro qualquer de sua estada. Um caso famoso (pelo menos durante algum tempo) foi o de um mineiro (João Hess?) que, como eu, se queimou fazendo parte de uma associação de moradores. Voltou uma vez no CRUSP e eu o conheci. Tinha um arquivo respeitável de informações. Levou junto com a mudança dele, para Belo Horizonte. Última notícia é que tinha doado esse acervo para algum centro acadêmico ou grêmio estudantil de lá. Luciana, uma estudante de Biblioteconomia, me contou pouco tempo depois de se formar (1995 ou 1996) que haviam outros que tinham coletado um material não especificado durante muito mais tempo que esse cara.

Outro problema de se escrever essa história do ponto de vista “cronológico” dos acontecimentos, é que pintam problemas de divergência política ou social. As vezes, a pessoa fez uma excelente administração, mas não registrou nada do que fez. Outras vezes, foi difamada no dia seguinte em que deixou a faculdade. Então as pessoas chaves que poderiam elucidar este ou aquele aspecto não estão com nenhuma vontade de relembrar. Ou mesmo distorcem os acontecimentos como forma de dar um “troco”. Quando perguntando sobre o vídeo “Experiência Cruspiana” (Nílson Couto), um antigo morador fez questão de comentar o pouco enfoque político do criador do documentário.

O que traz outro problema: Há várias fases do CRUSP, cada qual correspondente a uma invasão. Na primeira invasão (o conjunto de prédios tinha sido construído para hospedagem de atletas durante os jogos panamericanos, - outra longa história – e depois fechado até que os estudantes o invadissem), o critério para a pessoa “desfrutar” de moradia estudantil era a vontade de participar ativamente da comunidade. Tendo potencial para ativista político, conseguia vaga. Tive poucos relatos sobre essa época, qualquer dia continuo a pesquisa.

Há o caso da obra “Arquivo do Horror” (GUENA, Márcia) enfocando os arquivos da repressão, onde se coloca a história de um sujeito que foi preso no Paraguai e acabou revelando dados sobre os colegas e a vida na moradia durante aquele período específico. Do ponto de vista histórico, só sei desse material, mas ainda não tive acesso. Tem um pessoal mexendo com isso na Ciência Sociais (Antropologia? Perdi as anotações) e o Rodrigo de Oliveira do Núcleobase, que também fez um trabalho em prol da cultura no Conjunto.

Meu plano, ao colocar esse material on-line, é dar uma chance as pessoas de sentir um pouco dessa história. Lembro que esse é o rascunho de algo muito maior. Por exemplo, não coloquei a história do Ninja do bloco C, a escatologias cruspianas, o dia do clube das mulheres, a última invasão do milênio, etc, etc..

Aqueles que tiverem alguma história, estória ou fofoca para contar sobre esse conjunto residencial (ou quiserem contribuir financeiramente com qualquer dinheiro, eu aceito e agradeço), podem acessar a página <http://www.crusp.cjb.net> ou enviar para derneval@gmail.com ou drrcunha@yahoo.com.br

Sumário:

Prefácio

Introdução

O que é o início?

Para quem está chegando:

Os problemas para se conseguir moradia

COSEAS

AMORCRUSP

BOLSA-MORADIA: A CONDIÇÃO DE MORADOR OFICIAL

O CANDIDATO A HÓSPEDE

O ALOJAMENTO

Moradia Externa: A Vida em Pensão, Quarto Alugado ou República

CADOPÔ

A hospedagem

A hospedagem do ponto de vista do morador.

Os Prédios

Sobre os tipos de apartamento e organização:

Organização

Os Burocráticos:

Os Desencanados:

Sobre a Escala de Limpeza e Reunião de Moradores do apartamento

A Lista de Schindler - Será que consegui entrar?

O sorteio

A questão da Afinidade:

Genealogia de um apartamento

Últimas Alternativas: Invasões e outros galhos

Lado Social da Vida Cruspiana

Amizades

Costumes

Pontualidade

A Primeira Vez

Piolho do CRUSP:

Como entrar pelo lado de fora do apartamento:

Teto dos prédios:

Comida:

Depressão e Loucura:

Drogas

Brigas

Religião

Gays, Lésbicas e Simpatizantes

Festas:

Esquerdofrenia

Piscina

- 29

O CRUSP visto por um mineiro – Derneval R.R. da Cunha - drrcunhal@yahoo.com.br

Trabalho

Casamento e filhos

Mulher

Política Interna

A Invasão/Ocupação do Bloco D.

AMORCRUSP - Associação de MORadores do CRUSP

Assembléia:

Formação de Comissões e outras dores de cabeça:

Eleições:

Durante a Gestão:

Autoridade, Abuso e outros grilos:

Duração da Gestão:

Minhas histórias:

Estrangeiros (adicionado 28/10/2000)

Conclusão:

Addendum:

Ex-cruspianos

Estrangeiros

Ocupação

Página do CRUSP

Introdução:

"Em todo Caos, existe um Cosmo
Em toda desordem, uma secreta ordem
Em todo capricho, uma lei fixa
Porque tudo que trabalha se fundamenta no seu oposto".
(JUNG, Karl C – Obras Completas Volume IX pag. 41)

Porquê escrever sobre o CRUSP? Uma pergunta até razoável. Quem já morou lá nem quer admitir isso. Prefere esquecer. Quem morou na Cadopô, como dizem que o político Mário Covas fez, prefere negar. Mas é uma pergunta que muitas pessoas fazem. Como é? Gera um certo mistério. Não é muito fácil explicar. Vou apresentar um argumento então menos "emocional". De acordo com o IBGE, no Brasil de 40% de analfabetos. Uma minoria, por assim dizer completa o segundo grau. Dessa minoria uma parte consegue entrar no 3º grau. Desse pessoal, uma elite consegue entrar na USP. Um substrato dessa "elite" intelectual, que comprehende muita gente de várias partes de dentro e fora do Brasil, consegue entrar no CRUSP. Uma mistura de gêneros, raças, culturas, classes sociais, crenças religiosas, etc, etc. Com a globalização do mundo e União Européia, vemos gente importante falando que o mundo está virando Brasil. Será que não é importante ver como funciona o "futuro" do Brasil quando entra no terceiro grau? E é preciso se lembrar que qualquer texto que abranja uma certa quantidade de informação sobre a resistência ao golpe de estado de 64, irá mencionar eventos que aconteceram no CRUSP.

Definido o porquê não esquecer, como descrever e analisar essa vivência? Do ponto de vista científico existe algumas dificuldades porque a população não é homogênea. São várias classes sociais, de diferentes estados e até países, perseguindo carreiras específicas e com objetivos de vida até contraditórios entre si. Uma idéia seria analisar as experiências das assistentes sociais, dos porteiros, da segurança. Mas aí existe a questão da privacidade de cada um e também o fato de que há gente que mora no conjunto e não tem tanto contato. Nada acontece por isso nada é registrado. Outro caso seria que nem todas as experiências são arquivadas. Muitos casos ou "causos" são só memória ou folclore. Analisar sociologicamente implicaria em estatística e tendo participado de uma experiência, desconfio que os moradores não necessariamente colaborariam com isso. Porque conhecimento é poder. Existem coisas acontecendo lá. Como existe em qualquer lugar. Uma das idéias é que existe um tráfico de drogas na FFLCH. Qual a influência nos moradores? Eles não vão dar depoimentos sobre isto. O estudante comum consumidor ocasional de maconha não vê o ato de repartir um cigarro como tráfico. Mas todo jovem sabe do crime em si e que "abrir" a boca sobre o assunto implica em problemas tanto para ele como para outros. Não interessa a própria Universidade uma divulgação de que pode haver um consumo X de drogas Y, W e Z. Estou colocando isso como exemplo de assunto do qual é difícil se obter informações precisas e relevantes para uma análise do que seria o caráter cruspiano.

Por um outro lado, toda visão de determinado assunto é no fundo, parcial, limitada. Para se fazer algo imparcial seria necessário delimitar o campo de estudo, talvez até comparar com um grupo morando fora da USP, por exemplo. Morando lá, cheguei a conclusão que o modo de encarar essa vivência cruspiana pode variar e varia de acordo com a origem social e até étnica do indivíduo. E essa visão pode ser alterada radicalmente, basta mudar de bloco, de andar ou até mesmo de apartamento. E nem mesmo apartamento, basta entrar um novo morador e já se alteram alguns dados da vivência. Há moradores que mudaram N vezes de apartamentos e de blocos assim como há apartamentos com grande rotatividade de moradores.

Minha idéia inicial de colocar no título como o ponto de vista de um mineiro é exatamente deixar estabelecido que analiso aquilo que ouço e vejo, está sendo filtrado por uma ótica própria, que admito: pode ser bem careta (apesar que não acho que uma coisa implique a outra). Não tenho nem certeza que, depois de morar algum tempo no local, essa ótica já não tenha sofrido outras influências. Mas o principal

é que o observador em questão é heterossexual, teve alguma formação tipo classe média antes de entrar e não necessariamente era de esquerda ou de direita. Os vários depoimentos que foram acrescentados foram retirados de memória de conversas, anotados ou em alguns casos, gravados. Em alguns casos, foram alterados para preservar nomes e identidades.

Em outros casos, interessava mais a versão do acontecido do que o fato. Pelo simples fato de que mais de uma vez a realidade ultrapassa qualquer ficção. Acontecem coisas fora do padrão, inexplicáveis, irracionais. O conceito de normalidade se altera, uma vez morando nessa comunidade. Existem homossexuais morando com crentes, malufistas com stalinistas, ex-favelados com boyzinhos, todo tipo de mistura. Como entender e analisar tudo isso? E pior, descrever esse universo. Por isso optei por primeiro dar uma descrição genérica, seguida por alguns depoimentos. Vários deles são de memória, pode-se perceber que foram escritos por mim. O que não quer dizer que aconteceram comigo. Alguns desses não são exatamente eventos cruspianos per si, mas aconteceram na USP e são aspectos que tem algo da comunidade ou ajudam a entender um aspecto da vivência na comunidade. Algumas das coisas relatadas provavelmente é falsa em gênero, número e grau. Mas o que é a mentira senão uma verdade que deixou de acontecer?

PARA QUEM ESTÁ CHEGANDO..

O que é o início?

Uma história pode ser vista pelo início. O livro começa quando você o lê, mas o ato de comprar o livro também é parte da trajetória da leitura. Todo mundo pensa na vida tomando como base o que já passou, ninguém volta do futuro para contar sua opinião do que irá viver. De repente, nossa noção de realidade é formada por esses tijolinhos de tempo que são chamados de experiências. Tudo fragmentado porquê só um ou outro tijolo desse fragmento se imagina que viveu. A ida ao dentista só está arquivada a partir do momento em que se senta na cadeira mas não os instantes que se passou aflito na sala de espera. Sua realidade então é aquilo que a sua memória guardou como realidade. A pessoa vive aquilo que se recorda de ter vivido.

Os problemas para se conseguir moradia

Todo ano é igual, a mesma bateção. Calouro procurando lugar para morar. Na época que eu entrei havia uma escassez enorme de moradias para estudantes. Continua a mesma coisa, tenta alugar qualquer coisa um dia ou dois após a liberação da lista de aprovados no vestibular. Caminhões de pessoas estão atrás de vagas, quartos, sofás para morar. Literalmente. Já soube de uma dona de pensão que ia dormir na sala para poder alugar a cama de casal para dois calouros. Existe o Serviço de Residência Externa do COSEAS, que dá uma ajuda, mantendo uma listinha de pensões, credenciadas pela Universidade. Poupa o sujeito de ir num lugar e descobrir que não há vagas.

Quem pode e encontra, aluga um espaço. Muitos não tem essa sorte. Fazem uma via crucis todo santo dia, trecentas conduções, mas felizes da vida, isso é o mais incrível. Porque passaram no vestibular.. Ficam mais felizes ainda quando descobrem que existe a possibilidade de moradia estudantil gratuita. O CRUSP. E qual o caminho para morar lá? Ir no COSEAS e requerer aquilo que se chama de Bolsa Moradia. Mais fácil falar do que fazer. Entregar pilhas de documentos que você nem sabia que existiam. Preencher formulários e sofrer uma entrevista onde falta só te perguntar qual papel higiênico que você usa. Isso é passar pela é uma avaliação sócio-psicológica que é uma seleção sócio-econômica. A idéia é ver quem precisa mais da vaga e quem pode muito bem se virar sem ela.

O CRUSP visto por um mineiro – Derneval R.R. da Cunha - drrcunhal@yahoo.com.br

O que que conta? Se a pessoa está morando com os pais em São Paulo, ela tem menos necessidade do que alguém que veio do interior e mal sabe como vir até a USP de ônibus. Se sua família tem dinheiro, fica meio problemático. Há uma crença que o indivíduo que for hóspede em algum apartamento já tem meio caminho andado. Porque pode comprovar que está na pior. Essa que é a bateção nas portas. O ritual de iniciação. A pessoa várias vezes nunca morou longe dos pais. Não teve nenhum amigo a não ser os colegas do bairro. E agora, tem que ir batendo na porta de gente que nem conhece atrás de um lugar onde cair morto.

COSEAS

Seria o responsável pela administração dos blocos. Também é responsável pela seleção dos moradores, serviços de manutenção nos elevadores, encanamentos, etc.. Eles tem uma página oficial na Internet. A única coisa que vou mencionar é que não é muito fácil o serviço deles. Se fazem o que é certo, ninguém aplaude. Se fazem errado, arriscam-se a um monte de dores de cabeça.

AMORCRUSP

Associação de Moradores. Em teoria, está do lado do morador. Tudo depende da gestão e do morador. Há muito tempo atrás, ele tinha umas funções bem precisas. Quando começou, era tudo para os estudantes, uma mistura de partido político, tribuna livre, etc. Perdeu muitos poderes. Mais tarde entro em detalhes sobre o assunto.

Bolsa-moradia: a condição de morador oficial

A pessoa não é dona do lugar onde mora. Ela precisa passar por um processo de seleção para o que se chama Bolsa-Moradia. Passando, torna-se o que é chamado MORADOR OFICIAL, e tem o direito a uma vaga no Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo. Para manter esse direito, que tem uma duração máxima. Que SERIA 1 vez e meia o tempo mínimo para conclusão do curso. No caso da Letras-FFLCH, 4 anos de curso, 6 anos de moradia. Mas é necessário fazer um número de matérias contabilizando X créditos por semestre para se manter o privilégio. Só o morador oficial tem realmente o direito a vaga. Passou para a Pós-graduação ou não cumpriu com o número de créditos/matérias necessárias, perde. Algumas vezes se consegue por vias burocráticas, justificar uma extensão, o chamado recurso. Se não consegue, a vaga no apartamento fica livre e um espaço em branco aparece na lista de moradores a disposição do público, na portaria de cada prédio. O processo que reavalia se o desempenho do aluno permite que continue na sua vaguinha chama-se re-seleção e é quase automático.

O candidato a hóspede:

Normalmente se passa primeiro pela condição de hóspede. São 3 moradores OFICIAIS por apartamento, embora seja possível 4 pessoas morando, contando o hóspede (Que não é exatamente nem morador nem pessoa, vide mais adiante). É preciso chamar de ser, realmente. É quase igual a ser calouro. Não tem uma identidade. Você vai num apartamento, de preferência, algum que tenha vaga para novo morador. Como descobrir? Existe um mapa de moradores, afixado na portaria. Bate na porta de cada apê. SE encontrar o(s) moradores, pode até defini-los em três tipos, pela resposta que dá:

O Vigilante: Aquele que fala que tem alguém em vista para a vaga.

"Estou esperando um sujeito que ficou de dar a resposta semana que vem, está tudo acertadinho com ele, se não der certo e você ainda estiver afim eu deixo um recado".

O "Tudo bem": É um desencanado.

Você pode ficar aqui, só que tem que agüentar o mal humor daquele cara, a sujeira de ciclano, a bebedeira de beltrano ou fazer a limpeza em troca do privilégio da hospedagem. Por falar nisso, você não pode ser contra o cigarro, né? De vez em quando nos finais de semana tem uma festinha mas ninguém vai te incomodar.

O "Ocupado":

Essa vaga que está lá no mapa de moradores já foi preenchida. Na verdade é um erro do COSEAS, o sujeito ainda está entrando com recurso e vai continuar no apartamento.

O Alojamento

"Aquele que vive entre feras, aprende a também ser fera". (Cismas do Destino, Augusto dos Anjos)

Claro que existe outra alternativa. Algumas vezes, depende do COSEAS, existe um dormitório que é reservado para esse pessoal que não tem mesmo onde ficar.. Quem passa por ele, dificilmente conserva qualquer tipo de frescura. Coisa parecida com o exército. A tendência é o cara virar um animal. Alguns já são, então pioram. Um monte de caras, homens e mulheres, morando num quarto, sem lugar para colocar as roupas, sem privacidade. Não é tão ruim quanto parece. Basta não se preocupar com sono, falta de privacidade e outros desconfortos. Se se têm sono pesado, não é tão ruim. Caso contrário, dá uns problemas. Sempre tem alguém que não consegue dormir e fica conversando com outra pessoa ou alguém procurando algo que esqueceu no fundo da mala. As vezes tem gente que joga truco. Isso vai até mais ou menos 2 horas da manhã.

Quando não tem ninguém roncando é uma beleza..

Mas de manhã, começa a sinfonia de despertadores. Primeiro o sujeito que acorda as 5:30. Depois, aquele que só vai para o emprego as 6:00. E depois tem a fila para ir no banheiro, fazer o primeiro pipi do dia, a barba, tomar banho, procurar se vestir e comer algum lanche, já que café não tem. E assim por diante. Mas o chato é aquele sono acumulado. E o tédio de todo mundo ali, todo dia aquela puta cara de animal. Não é a toa que calouro é chamado de "Bicho". Principalmente o calouro cruspiano. Esse cotidiano tem seu lado bom. Dá também um estímulo adicional para o cara sair dali tão rápido quanto possível. E prepara para o que vai enfrentar como hóspede num apartamento.

OBS: Atualmente (10/2000) as condições de habitação do alojamento tiveram uma melhora sensível. Mas o pessoal ainda dorme depois de determinada hora e acorda nos horários mencionados acima.

**Moradia Externa:
A Vida em Pensão, Quarto Alugado ou Repúblca:**

"Aquele que aqui entrai, deixai para trás toda a esperança" (Divina Comédia, Dante)

A moradia externa é um fator que detona muito, para um estudante que precisa também trabalhar. O sujeito pode querer mudar do lugar onde está e demorar dias ou semanas para achar outro. Adiciona uma situação de prova ou trabalho para entregar e se tem uma amostra do inferno.

É preciso comentar alguma coisa sobre isso, a grande maioria do pessoal que vem de fora de São Paulo acaba encarando uma. Encaro quarto alugado como pensão também, embora exista alguma diferença. A pensão mesmo, precisa até de alvará para funcionar, acredito. Tende a ser maior, ter mais quartos, gente para fazer a limpeza, é específica para isto. No entanto, qualquer locatário de apartamento de São Paulo pode alugar um quarto para ajudar a pagar o aluguel. Sem oferecer café da manhã ou qualquer outro benefício. Repúblca é quando alguém consegue alugar um apê e enfiar um monte de gente lá dentro para dividir os custos. Pode-se alugar um quarto, dividir uma vaga ou beliche.

Quarto individual é a mesma coisa em quase qualquer lugar. É um espaço para si. Dividir um quarto ou beliche já significa uma ausência de privacidade maior. Pinta discussões dos mais variados tipos, as vezes só para espantar o tédio. A pior parte é o dia do pagamento. No tempo da inflação existia muito dos locadores reajustarem bem acima da média. O chato é que não existe nenhuma forma de contrato. Você paga por mês e não existe nenhuma garantia que não será colocado na rua no mês ou na semana seguinte. Claro, pode-se ir na delegacia reclamar, mas e daí? A tranquilidade da pessoa não está garantida. Pode sumir coisa também. E alguns donos de pensão são nojentos a ponto de controlar a hora de saída e de chegada e aumentar o preço de acordo com a procura. Normalmente não se tem liberdade de se trazer visitas ou hospedar alguém. Muito menos ficar sozinho com a namorada numa boa.

Numa repúblca, as pessoas teoricamente se cotizam para pagar todas as despesas. Na prática, acontece muito de alguém atrasar porque está duro ou inclusive até sair só porque não gostou do ambiente. Mas existe o fato que se pode trazer quem quiser, para visitar ou até hospedar por uma noite ou mais. O lance da privacidade algumas vezes gera briga e com o tempo deixa de ser importante. Pode-se fazer arranjos do gênero: todo mundo vai dar uma volta quando o cara quer ficar sozinho com a namorada, todo mundo faz vaquinha para consertar ou comprar um eletrodoméstico, faxina coletiva, etc. Também rola baixarias dos mais variados tipos e o chato é que os problemas tem que ser resolvidos sem uma força superior. Pode dar certo e não dar certo. Há gente que gosta e há gente que detesta.

A pensão tipo estabelecimento tem uma grande vantagem sobre o quarto alugado ou a repúblca. É que se o cara pode comprovar alguma idoneidade (vai entender lá o que é isso), a discriminação é menor. A personalidade do sujeito não interessa tanto quanto a capacidade de pagar o aluguel. Já o quarto ou vaga em algum apartamento demanda uma boa conversa com o senhorio. Qualquer dúvidazinha, não acontece. Já dividir o apartamento ou montar uma repúblca, não só é algo mais difícil de se encontrar anúncio no jornal como o ritual de aceitação é algo bem mais complicado.

Uma vez aceito, a coisa pode ser boa, ruim ou tolerável em vários graus. Dependendo do grau, a pessoa fica com uma cara que mistura stress e olheiras, algo chato de se ver. Lentamente o sorriso desaparece e o assunto de conversa passa a ser uma mistura de sadismo com fatalismo. A pessoa fica fã de notícias populares (qualquer desgraça anima o papo). Muito tempo nessa condição também torna a pessoa meio que difícil de ser aceita em ambientes melhores. Não é algo que se explique com facilidade, mas o visual da pessoa espanta a vontade de convivência. Fica difícil arrumar quarto alugado em casa de família, por exemplo. Pode demorar algum tempo para esses efeitos desaparecerem.

Claro que tem o dia em que a pessoa finalmente se acostuma e fica até indiferente ao lugar onde mora. Tem gente que consegue conciliar estudo, trabalho e desconforto na hora de dormir. Cada caso é um caso.

Durante o tempo do vestibular, morava numa república, que acabou se dissolvendo, por conta de vários problemas. Fui para uma pensão no Paraíso. Que não era lá um paraíso, mas pelo menos tinha um quarto dividindo só com uma pessoa.

No início, tudo bem. Até que a inflação comeu o pouco dinheiro que eu tinha dando aulas e outros trabalhos. Com o tempo, fiquei sabendo que havia uma pilha de queixas contra aquele lugar, que tinha gente que derrubou um muro com um martelo de construção, só de vingança. Não demorou muito para sentir na pele. A dona reajustou acima da inflação e como tantos outros, usou um expediente para me tirar do quarto, falou que ia reformar. Era para ir para um quarto que tinha 5 pessoas. Ainda dei alguma sorte. Pude escolher que se ficava com a parte de cima do beliche. Quem fica com a de baixo é acordado com qualquer movimento da cama. Mas foi um inferno que durou meses, até achar outro lugar. Chegava 23:30 da USP e acordava as 5:30. Não porque queria, mas por causa da sinfonia de despertadores. Como era inverno, também acordava, esvaziava a bexiga e escalava o beliche, para ver se dormia mais um pouco. Com o tempo isso ficou automático. Tão automático que dois anos depois, um ex-colega de pensão me lembrou essa história e fiquei o mês inteiro acordando as 5:30 para ir no banheiro urinar. Era um tempo em que era muito difícil achar outro lugar, ainda mais (tentando) estudar o meu primeiro semestre.

Acabei conseguindo um quarto um pouco em cima da minha capacidade financeira, mas um alívio. Pena que a dona da pensão era uma megera quase pior do que a outra. Do tipo que reclamava se o sujeito gastava muita água lavando roupa ou tomando banho. Chegava a fechar o registro. Eu aguentei lá um tempo, apesar da grana ser curta. Ia tomar banho no CEPÊ de vez em quando, só para não estragar meu dia brigando por conta de água. Como em outros lugares, ela também reajustava acima da inflação, quando podia. Tinha uma época que estava fácil eu sair, mas acabei ficando. E miséria. Chegou a época de matrícula da colourada na USP e o preço da vaga subiu lá em cima. O pessoal tinha me falado que nessa época, alugava até a cama de casal do quarto dela para os "bichos" e ia dormir no sofá. Ela queria me despejar de qualquer jeito, quando fui discutir o preço absurdo que pedia. Como tinha sido o Serviço de Residência Externa do COSEAS que me aconselhou, fui atrás para avisar das sacanagens da mulher. E me preparar para o pior, iniciando uma mudança das minhas coisas. Um amigo cruspiano concordou em guardar algumas caixas de livros.

Terminou o dia, saí da casa do meu colega aliviado. As minhas coisas iriam estar bem guardadas por um tempo.

Tinha passado o dia inteiro carregando as caixas para lá e para cá. Fui numa padaria na esquina, para tomar um refrigerante. O dia inteiro passado sem nada no estômago. Foi quando cheguei em casa que aconteceu o pesadelo. Bilhete na porta. A mulher, me avisando que tinha de sair na mesma noite. Uma imagem de mim mesmo caindo de sono veio à cabeça. Sair naquele mesmo dia, quando parecia que meus braços iam se destacar do corpo e correr para debaixo dos lençóis. Ao entrar no quarto, percebi a falta da escrivaninha. Depois notei que minha mochila, as caixas de livros restantes também tinham desaparecido. Minha faca de acampamento, minha desde a viagem à São Tomé das Letras, já era. As botas militares.

Comecei a sentar para raciocinar. Tô morto de cansado. Releio o bilhete. Passo os olhos pelo quarto para descobrir sinal de algo que ela possa ter esquecido. Reparo num som de alguém falando alto. É ela no telefone. Está se queixando com alguém. Deve ser o aquecimento, para quando eu for correndo atrás dela. Está gritando tanto que dá para ouvir daqui. E está sabendo que já cheguei. Apesar do fone, da conversa, sei que ela só está de bote, está aguardando. E exercitando a voz.

Não tenho que esperar muito. Ela nem bate na porta. Já começa a gritar. Chingando, antes de me ver, para ver se me descontrolo. Mas não entro no jogo. Deixo ela falar. Quando ela perde o fôlego, começo a falar com segurança, de que não vou sacaneá-la, sumindo com umas chaves que ela quer de

volta, porque o outro cara saiu com elas, porque tem que ter as chaves, porque o mundo está contra ela, por isso de agora em diante ela vai ter que bancar a mandona, que sei lá o quê. Começo a falar que morei um tempão no quarto dela sem sacanear e não é agora que iria começar. Vaca. Começa a repetir que não interessa, que ela só quer as chaves, que não ia devolver minhas coisas sem as chaves..e que queria o pagamento de mais um dia. Comecei a falar para ela se acalmar, vai ver ela tinha um coração fraco e podia ter um ataque cardíaco. Aí eu vou ficar com a morte dela na consciência. Ela se acalmou e parou de falar.

Falei que ia embora já. Disse que não iria pagar mais um dia. E que não ia devolver chave nenhuma sem minhas coisas de volta. Enfrentei ela nos olhos. Era mais fácil do que desviar o olhar para o corpo, envolvido por um peinhoar quase transparente. Talvez por causa do calor, ela estava nua por baixo, uma coisa nojenta, quando é uma senhora, com mais de 60 anos. Falei: "Vou trocar uma coisa por outra que é minha e foi pega pelas minhas costas? Vou é dar queixa na delegacia, por furto".

Venci.

Ela começou a tirar minhas coisas de onde estavam e jogou na sala. Repetia que queria as chaves, como um disco furado. E eu repetia que quando saísse entregava. Resolvi perguntar o porquê dessa atitude. Ela mostrou um bilhete onde chamava o quarto de "joça". Porquê um bilhete desses e não um bilhete de agradecimento, logo ela que tinha feito tanta coisa boa para mim...Quase ri. Continuou dizendo que ia telefonar para aquele cara, para sicrano, para beltrano, para o amigo do beltrano, que era amigo dela, que nunca mais ia alugar quarto, que ia mostrar o bilhete, blá, blá, blá, bláblá, blábláblá, blá. Interrompi e comecei a aprontar minhas coisas para ir embora. E comecei a aprontar os bagulhos.

Ela foi na frente e insistiu em tirar tudo do quarto, pessoalmente, dizendo para eu dormir na salinha. E ia começar a varrer, depois de tirar uma estante, a que mamãe tinha comprado para mim. Menti que o armário estava vendido e que era para ela ter cuidado e que o dono viria buscar. Aí começou a usar a vassoura. No início até deixei, mas depois falei para ela parar que eu fazia, sozinho. E fui fazendo, mas com a velocidade de uma lesma com uma perna quebrada. Talvez assim ela fosse dormir logo e eu podia preparar minha saída. Mas continuou lá. Fingindo que estava cansada e continuando acordada. O bobo aqui, morrendo de calor e cansaço. Depois de uns dez minutos, começou a reclamar que todo mundo estava contra ela, que não sei o quê e tentou limpar o quarto de novo. Falei que as coisas não eram assim, que ela estava muito nervosa, olha o coração... a vida não é assim, a senhora tá enganada. Fui falando coisas para ver se distraia a atenção dela, etc. Uma hora, ela largou a roupa que estava passando e foi tornar a limpar o quarto. Peguei a vassoura das mãos dela e coloquei a cama que tinha tirado do quarto de volta no lugar. Sua voz parecia a de uma criança que havia perdido seu brinquedo. Repetiu que "tinha sido enganada". Falei que ela é que tinha me mandado embora. Ela começou a falar que não tinha.

Até que comecei a compreender que por alguma razão, ela tinha voltado atrás. Fiquei em dúvida. De um lado, a idéia era boa, porquê falando em ficar, ela fechava a porta e assunto encerrado. Agora, ficar depois de todo o trabalho, o sacrifício para sair era muito besta. Não se perdoa uma discussão destas. Nunca. Mas fui eu que...Não, não dá para suportar. Ela brincou comigo "fingindo que me mandava embora".

Acabei falando que ficava. Aí ela aproveitou para satisfazer a curiosidade dela: porquê trancar, porquê isso, porquê aquilo? Umas coisas eu respondi, outras deixei calado ou inventei. Depois me perguntou um endereço para me alcançar durante o dia. Só ficava pensando: "Meu Deus do Céu, tanta terra e tanto chão e essa mulher ainda pensa que é minha mãe e pode me perguntar tudo da minha vida"?

Uns dias mais tarde, minha assistente social (eu tinha tentado moradia no CRUSP) apareceu lá para dar uma olhada no lugar. A megera ficou um tempão enchendo a cabeça dela. Sei disso porque um tempo depois, quando fui lá no Serviço de Assistência para uma entrevista, ela me perguntou se eu mexia com drogas. Fiquei muito ofendido. Inclusive mudei, pedi para tratar com outra pessoa ao invés dela. E acabei me arrumando em outro lugar, um mês depois. Um tempinho mais tarde encontrei um dos

moradores, que tinha inclusive, me ajudado na mudança. Me falou que foi no COSEAS em caravana, junto com mais duas pessoas acabar com a moral da velha perante o serviço de residência externa. Disseram que eu não era traficante, que a mulher pintava e bordava. A minha ex-assistente garantiu que ia tirar fora o endereço dela da lista da USP. Nunca mais soube notícias disso. Meses mais tarde, conseguia minha hospedagem no CRUSP e iniciava os passos para me tornar morador.

CADOPÔ

A Casa do Estudante Politécnico já foi uma alternativa para a moradia para quem entra na USP. Fica do lado da estação de Metrô Tiradentes. Mais antiga do que alguns cursos, era só para estudantes de engenharia. Até por volta de 1979, quando o perfil dos caras que faziam Escola Politécnica mudou. Começou a entrar muito estudante de alto poder aquisitivo e estes não precisavam de bolsa-moradia. O diretor do Grêmio Politécnico deixou de ser o responsável pela administração da casa. Por volta de 86 o que pagava as contas de luz, água, etc eram umas festinhas promovidas pelos moradores. Depois a coisa degringolou ainda mais. Houve varios papos de expulsar todo mundo e vender o prédio, depois entrou gente que nem era estudante e.. virou um cortiço. Esse era o estado em que fui lá, em 89. As luzes estavam apagadas na maioria. Ou roubadas por algum estudante sem grana pra substituir a do quarto. Um único orelhão para receber chamadas, que a Telesp acabou tirando. O mais incrível é que de vez em quando alguém atendia. Sem exagero, quando vi as fotos do interior da Detenção no Carandiru me lembrei de lá.. O pessoal as vezes era meio desunido. Houve o caso de um morador que morreu e só foi descoberto semanas depois, já em estado avançado de decomposição.

A hospedagem

"É muito fácil ser humilde quando não se tem imaginação e muito problemático ser arrogante quando não se tem grana" (do autor)

A grande maioria dos que tentam não conseguem mais que um "não". Isso varia de apartamento para apartamento. Em alguns é tratado como gente. Um ou outro dá a vaga em troca de serviços, como se responsabilizar pela limpeza. Há casos de hóspedes que conseguem porque tem geladeira, televisão, físico de top model, até mesmo por serem do mesmo estado ou cidade. Existe também aqueles moradores que dão hospedagem exatamente porque já receberam.

Uma vez dentro do apartamento, vem a rotina. Generalizando, hóspede não tem direitos humanos. Dorme onde deixarem ele dormir. Direito a propriedade é relativo porque quase sempre sua vaga está por um fio. Se um cara pegar algo seu emprestado não está roubando. Basta um dos três moradores se encanarem para a vida complicar. Os três assinam para entrar, mas para sair basta um para a vida se tornar um inferno. Tranquilidade para dormir é uma dádiva. É mais fácil de tolerar do que o dormitório já que se trata de menos gente. Mas não é muito legal fazer cara feia.

O apelido do meu hóspede é Leio. Sei lá porque. Recém saído de casa, família do interior de São Paulo. Quando chegou, precisou perguntar para sei lá quantos, onde era a USP. Sentado na cama do 509, me contou algumas experiências e desencontros que teve, na metrópole que nunca para. Onde ninguém tem tempo para ajudar ninguém.

- *Meu caro, você que vai morar aqui, é calouro, então vou te falar uma coisa que você tem que saber".*
- *Sei. Pode falar".*
- *A USP é a USP porque é a USP".*

Ele não podia dormir sem ouvir essa. Um conhecimento vital para o desenvolvimento da inteligência no planeta Terra. Nietzsche sonegou esse dado quando escreveu Assim Falou Zaratustra. Mas é por aí. Hóspede tem que ouvir muita coisa. Já conseguiu a vaga. O resto vem junto.

A hospedagem do ponto de vista do morador.

Ele já passou por tudo isso. Está cheio de problemas na faculdade. Tem esta ou aquela matéria que está com dependência. E na sua frente aparece um indivíduo que nem sabe lavar direito o rosto quando acorda de manhã cedo. Esse indivíduo vai morar com você. Vocês não se conhecem mas vão se ver todo ou quase todo dia. Ele vai te pedir indicações já que não conhece nada. Sempre com aquela cara de quem vai te pedir dinheiro emprestado. É alguém que vai querer conversar, ouvir som, bagunçar, arrumar. E algumas vezes atrapalhar uma sala que parecia tão organizada.. A pior parte é ensinar para o cara coisas o sujeito nunca aprendeu em casa. Lá a mamãezinha é que fazia coisas como lavar roupa, banheiro, jogar o lixo, etc. As vezes o cara vêm de família humilde e não entende muito porque essa preocupação burguesa com a arrumação. Chama você de facista. E se é alguém do NE, ou outra cultura completamente diferente do nosso "Sul-Maravilha". Tem cara que acha, melhor, tem certeza que as pessoas tem obrigação de ser solidárias. Que se você tem grana, pode muito bem esquecer uma dívidazinha a toa. E você lá, morador, conhecendo essa história de cor, sabendo que pedir emprestado é hábito que pode virar vício. Uma grande maioria é coitado até conseguir sua condição de morador. Depois, os outros é que se explodam.

Para entrar no 509, eu tive que aceitar manter a hospedagem do Fuinha, um cara da Física que tinha perdido a moradia (condição de morador oficial) por besteira. O apartamento tava uma desordem. O "hóspede" muito esperto, desapareceu e só retornou quando viu que eu tinha botado ordem na casa. Nunca falei nada. Botei minha antiga cama de hóspede na sala, ele ficou dormindo lá. Participava da limpeza como todo mundo. Mas depois que conseguiu o diploma, ainda faltava fazer licenciatura e ele ia tentar a Pós-graduação. Ficou folgado. Um dia eu descobri que ele limpava a sola da botina no tapete do banheiro, que tinha cor de argila. Além de beber de vez em quando, começou a relaxar muito na limpeza. Enchi o saco e comecei a vigiar. A última vez que fez limpeza, mostrei a porcaria que estava e dei uns dias para ele achar outro lugar. O cara tentou argumentar que, como eu tinha assinado a hospedagem até a próxima seleção, ia ter que engolir a presença dele no apê. Me informei e descobri que a condição dele de Pós invalidava o documento de hospedagem. Poderia manda-lo embora no dia seguinte. Em 3 dias ele empacotou tudo e saiu. Só precisava mesmo do quarto para dormir um ou dois dias por semana, mas era muito confortável, ter onde deixar as coisas.

Incrível era o tipo de gente que vinha pedir hospedagem. Um dos moradores do meu apartamento era ex-bloco D (vide mais adiante). E devido a vários fatores, como o sufoco que sofreu no D, era meio fã de dar hospedagem. Para qualquer um independente de raça, credo ou origem. Era comum eu entrar na sala e vir 3 ou 4 caras que nunca tinha conhecido na vida, dormindo no chão. A vez mais incrível foi quando bateu um sujeito na porta as 2 da manhã.

Bêbado. Mais ou menos bem vestido. Com um celular na cintura. Falou que perdeu o horário do ônibus, tava conversando com um rapaz, muito bem apessoado, que lhe ofereceu hospedagem.

- Qual o nome dele?

- Puuuxa, ssqueciii, mas era um cara muito bem apessoado, gente fina..

Não deixei.

O pior é quando você escuta alguém falando alhos e bugalhos sobre a falta de solidariedade no Crusp. Ela existe, tanto que alguns conseguem. Eu mesmo entrei desse jeito. Um ano de hóspede em dois apartamentos diferentes. Só que foi mais de um ano para me enturmar e só assinaram o documento de hóspede 7 ou 8 meses depois. Tinha que entrar pela escada de incêndio para o porteiro não me ver, em

O CRUSP visto por um mineiro – Derneval R.R. da Cunha - drrcunhal@yahoo.com.br
algumas ocasiões. Não foi fácil. Aí, um belo dia, alguém da Bahia chega no seu apartamento e faz o maior escarcéu porque você está negando amparo para uma pessoa que será um futuro historiador desse país.

Os Prédios

Os blocos do Crusp foram construídos para alojar os atletas dos jogos panamericanos. Na primeira geração de moradores, havia uma divisão entre blocos masculinos e femininos. Mais tarde essa divisão foi abolida, alguns prédios foram demolidos, outros foram usados como administração da USP e recepção de hóspedes estrangeiros. Hoje, existem os blocos A, B, D e F, disponíveis para os moradores da graduação e os da Pós, G e E. Tirando o bloco E, todos têm divisórias de alvenaria e principalmente apartamentos do tipo ap1 e ap2.

Para fins de narrativa, alguns eventos são do tempo em que apenas o F e o G eram de alvenaria. O resto eram divisórias de madeira, vide mais abaixo.

Durante o período da chamada 3a ocupação do CRUSP (os prédios foram esvaziados de seus moradores 2 vezes na sua história), o bloco F era objeto de cobiça por todo aquele que desejava se dedicar mais aos estudos e escapar da bagunça e agitação dos outros blocos.

Sobre os tipos de apartamento e organização:

Como uma parte das histórias têm a ver com locais específicos, é preciso descrever alguns tipos de apartamento. Antes da reforma, as divisórias em alguns prédios eram de madeira. Uma organização típica eram:

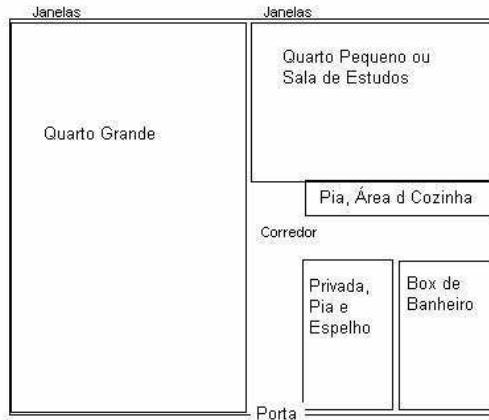
um quarto grande que servia de dormitório. (Em alguns casos, abrigava mais do que os três moradores permitidos. Já me falaram de apartamentos contendo 18 pessoas morando em beliches e sei mais lá como.)

um quarto pequeno que servia de sala de estudos e refeições

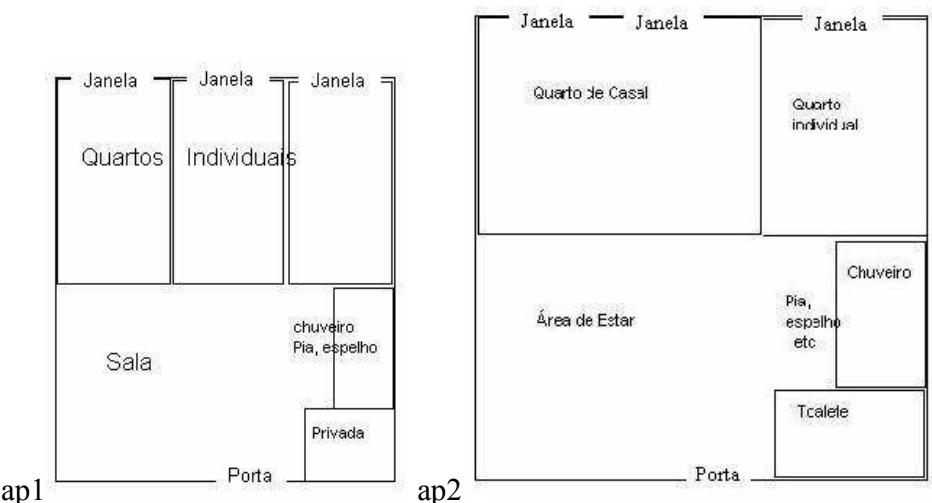
um banheiro com pia e privada

box para tomar banho

pequeno corredor



No Bloco F, durante muitos anos considerado o "Sheraton" do Crusp, as divisórias foram reformadas com alvenaria, o que trouxe dois tipos de divisões, um de 3 quartos (ap1) e outro apartamento de dois quartos (ap2) e , ambos com box de chuveiro e toilette. A área dos dois é a mesma, o desenho é que saiu errado. Claro que alguns moradores fizeram modificações e tem uma parede divisória entre a sala e o conjunto box/banheiro que não está delineada.



Observação: Enquanto não começaram as reformas dos outros prédios, que seguiram o exemplo, o modelo de moradia do F era criticado como burguês e pouco intimista. Os moradores do F eram tidos como mais reservados e menos hospitaleiros. O mesmo tipo de crítica acontecia um pouco com o G. Já os moradores do F consideravam os outros blocos como favelas em potencial.



Foto de um apartamento no bloco F, em 1992

Adendo (16/10/2000): Os prédios já foram reformados. O prédio mais novo é o bloco C da Pós. Interessante é que o título de bloco mais “caidaço”, “podre” ou bagunceiro, agora é do bloco F.

Organização

Num trio de moradores, o voto de minerva controla. O morador mais antigo tem uma certa ascendência sobre os demais.

(Existe o caso da formação de uma trinca de moradores poder assumir um apartamento vazio, mas é muito raro). Pode ser jogo de cintura ou livre e espontânea pressão. De qualquer forma, acaba-se organizando uma forma de governo. Vale lembrar que a maioria são dois moradores em acordo. O incomodado que se retire.

A maioria dos apartamentos fica entre esses dois extremos.

Os Burocráticos:

São uma gracinha. Tudo tem lugar e tem lugar para tudo. Menos para a bagunça. Quase sempre os moradores são do tipo comportado, silencioso, ordeiro. Existe uma escala de limpeza semanal ou bimensal e se brincar, fazem uma vaquinha e contratam uma faxineira. Quem usa o vaso sanitário dá descarga ou incorre na ira dos demais. As vezes há o que se chama de uma reunião para decidir coisas como quem está fazendo o quê ou deixando de fazer, quanto cada um morre nas despesas do apartamento (artigos de limpeza, lâmpada, etc), a possibilidade ou não de um hóspede, etc. Qualquer desentendimento é resolvido com uma regra a ser respeitada. Privacidade acima de tudo. Nada de barulho depois das 22 horas. Vai hospedar alguém, tem que notificar os moradores, ninguém quer uma surpresa.

Os Desencanados:

É aquele apartamento onde você bate na porta, atende uma menina loira, com um sorriso meio sapeca e um cigarro (as vezes de tabaco) aceso. Trilha sonora da Janis Joplin. Seria super legal se fosse também bonita. Para ela, tudo bem. Sem problema.

Quer ser hóspede, pode trazer suas coisas, tem um cara que tá quase de saída. Ou já foi? Aí você entra, já sente o cheiro. Aqui, sujou, lavou. O problema é fazer o cara que sujou admitir, porque ele ainda está dormindo e perde a memória depois da farra de ontem. Mas não tem problema, você lava e da próxima vez, lava ele no seu lugar. A lâmpada da sala ainda não foi trocada, uma porque o pessoal acha vela legal. Outra é que ninguém quer saber de ir comprar ou quando vai, esquece...

Hóspede não só é gente como pode trazer hóspede, se for gente fina. Festa de vez em quando é bom.. Você não se incomoda se a gente fumar, né?

Sobre a Escala de Limpeza e Reunião de Moradores do apartamento

Coisa que as vezes dá muita briga. Uma porque nem todo mundo se preocupa com isso. Alguns moradores não tem tempo. Outros acabam deixando para o colega que realmente arranca os cabelos se ver bagunça. O que é a limpeza:

Lavar os pratos e talheres quando usar
Esvaziar o lixo quando está cheio
Dar uma limpada no vaso de vez em quando
Dar descarga
Limpar e varrer a sala (e o seu quarto)
Trocá o rolo de papel higiênico
Em alguns casos, passar um pano para tirar a poeira da parede

Há outros serviços típicos de apartamento, como:

Trocá a lâmpada (quando queima)
Ir no Supermercado comprar produtos de limpeza (e comida)
Trocá o segredo da fechadura (muito bom quando morador foi expulso do apartamento)
Chamar a manutenção para consertar o chuveiro, a privada ou desentupir alguma coisa

A Lista de Schindler - Será que consegui entrar? (ou resultado da Seleção Sócio-Econômica)

"A fila é a sublimação da morte" (do autor)

O resultado da seleção é sempre algo que não satisfaz a todo mundo. A seleção é para por o cara dentro. Um ano depois, é a reseleção, como já falei anteriormente. A lista dos escolhidos, entre 200 e 300 todo ano, é o resultado da pontuação obtida pelas perguntas e discussões das assistentes sociais. Muito se comenta sobre o processo já que existe pouca informação sobre como acontece.

Em teoria, pessoas de fora têm mais chance do que naturais de São Paulo. Ninguém tem a verdade escrita na testa em fonte Times Roman. Não é muito fácil definir quem precisa mais de tal vaga. Ouvi falar que a seleção da Pós-graduação tira fora de cara os que tem bolsa de mestrado ou doutorado. É possível entrar com um recurso contra a classificação. A resposta demora tanto tempo que acontecem mudanças financeiras com o indivíduo. Comprovando, é possível conseguir reverter.

Junto com a "lista de Schindler" existe uma lista classificatória, detalhando o quanto perto o elemento esteve de conseguir a vaga. Dependendo, é possível esperar outras classificações secundárias ou listas de 2a e 3a chamada (têm gente que larga a vaga depois da seleção então outros são chamados). Os que não são chamados podem ser hóspedes até a próxima seleção, uma inovação recente. Antes, se o indivíduo desse sorte de conseguir um apartamento onde os habitantes fossem "legais" o bastante, virava realmente um quarto morador com uma grande vantagem adicional: não tinha que estudar para cumprir os créditos.

Conseguida a vaga na seleção, existe outra etapa, fácil para alguns, difícil para outros, que é definir qual apartamento irá acolher o "bicho" (calouro). São duas opções: sorteio ou por afinidade.

O sorteio

Para alguns moradores, é o tipo de coisa mais difícil de suportar. Acontece quando não houve afinidade com ninguém e/ou os dois moradores não chegam a um acordo sobre quem ocupa a vaga que está disponível. As vezes, o quadro de moradores está completo, não tem vaga no apartamento. Pode acontecer também que existe briga entre os moradores e um dos 3 resolve (só para sacanear) mudar para outro apartamento na última hora do último dia. O resultado é o mesmo. A vaga vai para sorteio entre os indivíduos (agora promovidos a condição de novos moradores) que por uma razão ou outra não arrumaram apartamento para ficar. Aí não tem jeito mesmo. Os moradores odeiam mas são obrigados a aceitar aquele carinha que antes batia na sua porta e com o qual nem queriam conversar. Independente de ser travesti, se fuma, ouve música alto ou não toma banho todo dia. E claro, o hóspede atual precisa da assinatura do novo morador, que pode inclusive não quebrar esse galho.

O sorteio só acontece depois de esgotado o prazo de entrada por afinidade.

A questão da Afinidade:

Sentimento que se perde com o tempo. As pessoas se casam e vão morar juntas porque têm alguma afinidade. E depois se divorciam porque descobrem que isso não é o bastante. Claro que três (ou quatro, cinco, oito) marmanjos morando juntos não estão casados. Mas se ferraram uns aos outros do mesmo jeito (depois comento sobre brigas internas). O que é então esse critério de entrada num apartamento? É o pessoal se sentar, conversar e definir se têm os mesmos tipos de hábitos. Um cara pode querer só gente da terra dele. Outro pode querer gente só da mesma faculdade. Mulheres, se tiverem escolha, preferem morar

O CRUSP visto por um mineiro – Derneval R.R. da Cunha - drrcunhal@yahoo.com.br

com mulheres (90% dos casos). Um gaúcho pode se sentir meio mal morando com homossexuais (ou vice-versa). Pernambucanos podem não gostar de morar com baianos. Peruanos podem detestar morar com gente do seu próprio país.

Etc, etc..

Claro que isso não impede que ocorram enganos. E como ocorrem. O cara pode adorar limpeza e ambiente arrumado. Mas ter uma preguiça desgraçada para fazer isso. E o pior é que as pessoas em busca de uma vaga vão dizer qualquer coisa para entrar num apartamento que não cause nojo a primeira vista. E .. os moradores com a vaga sabem disso. Então ficam se segurando e perguntando para todo mundo que conhecem se não têm ninguém para recomendar. Existe até mesmo a figura de morador "virtual", o cara que passou na seleção mas vai usar a vaga só de vez em quando. O morador "calouro" que bate na porta do apartamento procurando afinidade é último recurso. Se esse calouro ficar batendo em todas as portas, conseguir encontrar os moradores de todos apartamentos que tem vaga disponível, (coisa bem difícil, normalmente não consegue), ele só tem cerca de 10% de chances de ser aceito em algum lugar. Que pode não ser o que ele quer.

Algumas vezes, a afinidade é construída em cima de coisas que o "bicho" tem, como televisão, geladeira, etc.. Outras vezes é o físico da pessoa. O(s) moradores ficam doidinhos para ter uma mulher bonita morando. Ou mesmo uma mulher qualquer mesmo, "mulher sempre sabe organizar e limpar melhor as coisas". Também acontece o cara ser aceito mas ter que aceitar "aquele hóspede que perdeu a vaga, mas só precisa de um mês ou dois para se formar" (as vezes uma mentira só para o cara assinar o termo de hospedagem). Em teoria, o prazo para o "bicho" entrar por afinidade começa desde que pleiteou vaga de hospedagem. Na prática, muitos só começam a procurar mesmo depois que sai o resultado da lista. É mais ou menos uma semana que a pessoa tem para ir batendo na porta dos apartamentos, encontrar

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
COORDENADORIA DE SAÚDE E ASSISTÊNCIA SOCIAL

TERMO DE HOSPEDAGEM (nº 2)

Nome completo: DERNEVAL RIBEIRO RODRIGUES DA CUNHA
Endereço: CRUSP - Bloco 17 - Ap 302
R.G.T. 36.944-1 - RJ-1992 Telefone: 3694411 - RJ-1992

De: Derneval Ribeiro Rodrigues da Cunha, morador cliente de que estou ingressando no Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo (CRUSP). Alugo o apartamento 503, na qualidade de "hóspede", sendo autorizado para permanecer como tal de 15 (quinze) dias. O período de minha hospedagem é de 01/01/93 a 15/01/93. Fica assinada a vaga de hospedagem.

Fico ciente também de que, no caso de infringir qualquer norma estabelecida no Regimento do CRUSP, os moradores que me acomodaram hospedagem estando sujeitos a penalidades cabíveis, assim como também serão com a minha familiaridade e minha autorização de permanecida.

São Paulo,

VISTO DO SERVIÇO SOCIAL

Nome: Derneval Ribeiro Rodrigues da Cunha n° USP: 0251213
Assinatura: Derneval Ribeiro Rodrigues da Cunha

Nome: Derneval Ribeiro Rodrigues da Cunha n° USP: 0251213
Assinatura: Derneval Ribeiro Rodrigues da Cunha

Nome: Derneval Ribeiro Rodrigues da Cunha n° USP: 0251213
Assinatura: Derneval Ribeiro Rodrigues da Cunha

Autorizado renovável por mais 15 (quinze) dias, de 15/01/93 a 30/01/93

VISTO DO SERVIÇO SOCIAL

- § Primeiro
- O hóspede não deverá ocupar a vaga de um morador legal, estando a sua permanência vinculada à concordância por parte dos 3 (três) moradores;
- § Segundo
- Hóspedes que sejam alunos regularmente matriculados na Universidade de São Paulo poderão permanecer no (CRUSP) Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo, até a próxima seleção, desde que observadas as condições mencionadas no parágrafo primeiro;
- § Terceiro
- Hóspedes não ligados à Universidade de São Paulo poderão permanecer no CRUSP (Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo) pelo período de 15 (quinze) dias, renováveis por mais 15 (quinze) dias.

os moradores e conversar. Uma semana que pode mudar muita coisa na vida de alguém.
(as gravuras acima são a frente e o verso do termo de hospedagem usado por volta de 1992)

Genealogia de um apartamento

Quando começou o apartamento 10? , só havia a Mirona (apelido), uma geóloga que estava há anos sob mira de expulsão do CRUSP. E era só hóspede, tem essa. Vivia numa pobreza incrível. Apesar de estar até formada não fazia quase nenhuma grana. Tinha um monte de pedras e plantas que ninguém podia mexer tocar, uma bagunça de livros que era triste. Que que ela podia fazer para tentar ficar mais um tempo? Era um daqueles anos em que os estudantes estavam alojados no CEPÊ (anos mais tarde a COSEAS providenciou alojamentos no térreo de um dos blocos). As condições, meio que chatas, com certeza. Ela chegou lá, como se fosse uma tiazinha bondosa e caridosa:

- Vocês querem ser hóspedes lá no meu apartamento?

Ô, sem dúvida. Claro que era uma troca. Mais tarde ela seria hospedada pelo pessoal que passasse na seleção. Foram então uns seis marmanjos pra lá. Um ficou no quarto dela, mas não dá pra dizer se houve sexo. De acordo com o depoimento, o cara acordou as 3hs da manhã e viu a Mirona, sentada numa cadeira como se fosse a estátua do pensador de Rodin. De óculos e babando. Se mudou na manhã seguinte para o outro quarto.

Com o tempo, o pessoal foi conseguindo hospedagem em outros quartos, desistiu, etc.. Ela e uns outros foram ficando. Até que Windsor (apelido) entrou como morador oficial. Apesar que só de vez em quando dormia lá. Vários hóspedes vieram e saíram. Um deles era o homem que veio do Norte. Só ficava na janela, o dia inteiro, tentando ver se estavam perseguindo ele. Uma história estranha de gangsters da Bahia. Mais um tempo se passou e os dois moradores que entraram, chegaram a um acordo e iam expulsar a Mirona (que no final das contas, ia perder o direito à hospedagem).

Um dia o tal aviso chegou e era para a menina sair. Dia tal, hora tal. Out. Rua. Quem viu disse que foi comovente. Ela tinha arrumado um barraco para morar. Mas até esse dia tal, hora tal, ficou no apartamento. Faltavam cinco, dez minutos e ela lá, um pé dentro e outro pé fora do apartamento.

O pessoal que ficou acabou tendo um probleminha, porque entraram mais moradores oficiais. Um deles morador oficial já com data pra sair por conta da formatura, com a noiva e mais dois outros. A coisa foi se resolvendo com o tempo, mas ninguém mais aguentava morar junto. Para piorar, tinha gente que estava faltando com a limpeza, não contribui para comprar nada. E ainda assim discutia a boca pequena, um falando mal do outro pelas costas. Windsor quase saiu fora para não ter que aguentar o stress. Sentiu que, contra a sua vontade, ia ficar com voto de minerva. Os dois outros moradores haviam confessado para ele mais ou menos a coisa:

- Rapaz, com você tudo bem, mas não aguento mais aquele cara.

Resolveram decidir isso numa reunião. O que fazer? Ninguém queria discutir o assunto. Ao invés de discutir, ficavam falando de assuntos da aula de ontem. Ambos os moradores falaram que iam aceitar a decisão do 3º. O Windsor, de saco cheio com aquela enrolação, falou:

- Tá legal. Então tchau você.

O cara que foi escolhido só faltou cair o queixo. Finalmente no dia seguinte fez uma limpeza. Foi a feira e comprou um estoque de produtos para o apartamento que durou meses. Mas nada de sair. Inquerido, deixou claro o lance:

- Vocês não podem me tirar daqui a não ser que eu queira. Não tô afim de ir atrás de outro apartamento. Mas vocês fiquem a vontade.

Como ninguém queria sair, acabaram ficando. Ninguém se fala, mas sobrevivem trocando farpas através de terceiros. Que bancam os intermediários, transmitindo as concordâncias e discordâncias entre os moradores.

Últimas Alternativas: Invasões e outros galhos

Tudo começou com a invasão do Bloco D, que era um museu de arqueologia e ciências naturais. Havia uma quantidade muito grande de calouros no alojamento que não tinha mesmo para onde ir. Foi uma ocupação e não invasão, na verdade. O prédio era mesmo do Crusp e já estava sendo planejada a mudança do museu, só que estava sendo adiada. Os estudantes acabaram ficando no último andar do museu, onde ficavam os escritórios, enquanto o material era empacotado e transferido para outro local. Não houve vandalismo de qualquer espécie, uma exceção foi quando o pessoal enfiou um dos moradores dentro de um sarcófago pouco antes de uma inspeção de museólogos. Mas não houve danos.

A ocupação aumentou o número de vagas, embora não fosse exatamente uma forma muito legal de se morar. As condições era apenas um pouco melhores do que no dormitório. Cada um podia ter seu próprio ambiente, mas privacidade muito pequena.

Houve outras tentativas de se fazer invasões ou ocupações como a última, feita por uma gestão meio radical da Amorcrusp. Era de ocupar o bloco C que ia passar por uma reforma. Quem participou dessa se ferrou, foi punido. Depois, durante a reforma, o prédio foi novamente invadido, coisa que atrasou a obra e de certa forma acabou prejudicando ao invés de ajudando. Para tirar os "bichos" da construção, a USP resolveu pagar alojamento fora. Talvez para alguns, tenha valido a pena. Só os veteranos que ajudaram tiveram suspensões ou advertências.

Abaixo: Bloco A antes da reforma. Obs: O “D” (de Derneval) se encontra na posição exata do apartamento onde primeiro morei como hóspede. De certa forma, há uma espécie de saudade.. mesmo lembrando que foi por aí que precisei entrar pelo lado de fora (vide mais adiante) do apê, em uma ou duas ocasiões.



Lado Social da Vida Cruspiana

Amizades

"A gente precisa ter amigos. De todos os tipos, não importa que seja louco ou normal. Um tipo serve de companhia quando você pira. O outro, quando está pirado. A vida é assim". (do autor)

Algo muito fácil de fazer e de perder. Primeiro, é necessário que a pessoa seja de alguma forma ligada a comunidade, como ser hóspede ou morador. Outra forma é ser amigo de um. Frequentar o Bandejão ajuda. O básico é estar sempre num local onde seu rosto será visto todo dia, como uma fila qualquer ou sala de aula. O resto é só começar com aqueles assuntos bem vazios, típicos da USP:

como está a comida do Bandejão hoje?
você frequenta a aula do professor tal?
não é você que é amiga do beltrnão?
etc, etc

Um ponto em comum de conversa ajuda. De resto, todo mundo acaba tropeçando em todo mundo, cedo ou tarde. Guardou o rosto da pessoa, ela será vista nos mesmos pontos de ônibus, nos mesmos cinemas, etc..

O passo seguinte é a visita no apartamento/quarto. Pode-se não avançar daí como pode-se chegar no próximo ponto, que é o esgotamento de assunto, com o tempo. Um último passo é o "eu nunca mais quero ver você", coisa simplesmente estúpida, quando a Universidade é o ponto em comum. Esse lance ocorre muito porque pode acontecer a chamada "traição" da amizade, que é quando o sujeito abusa do relacionamento de alguma forma, como:

Repetir um segredo da pessoa para outra (por pura falta de assunto, as vezes por fofoca mesmo)
Encosto (quando a pessoa "gruda" ou aluga a atenção "ad nauseum")
Traição afetiva (sujeito paquera a namorada do outro)
Negação de empréstimo de:
dinheiro
material de estudo
apoio moral, político
etc..

O reatamento também é fácil de acontecer.. depende de pessoa pra pessoa.

Costumes:

"Todo mundo dormia na aula daquele professor. Mas só aquele sujeito é que roncava. Por isso é que foi reprovado. O barulho atrapalhava". (um papo que ouvi)

No cotidiano, há algumas variáveis que são mais ou menos observadas pelos moradores. É de bom tom cumprimentar as pessoas com quem se tem uma maior familiaridade. Todo mundo se vê todos os dias ou quase. Como se cumprimentam uns aos outros? Em vários casos, a pessoa que era seu chapa há um ano atrás pode não merecer mais do que um aceno de cabeça. Não se pode porém passar pelo corredor entre os prédios sem pelo menos dar a entender que se viu a outra pessoa. Hoje, pode não se ter nada com ela. Mas amanhã pode ser aquele cara que vai te salvar de uma fria.

O mais básico nessa tarefa de não ignorar a pessoa com quem você falou ontem, é o cumprimento formal, vulgo "oi". Ele não precisa ser realmente um "oi" falado. Pode estar implícito num outro gesto qualquer, como levantar de sombrancelhas, aceno de mão ou de cabeça, um polegar "tudo bem", esse tipo de linguagem não-verbal. Alguns usam o artifício de olhar o relógio ou para outra direção, para evitar o contato visual com os olhos do colega. Antes de se sentar a mesa, é legal falar um "com licença", mesmo que não se conheça ninguém. O mesmo vale para a hora de se levantar e ir embora. Essa última depende muito de pessoa para pessoa.

Na conversa de corredores, portaria ou na cozinha, tudo depende de quem você é amigo ou inimigo. Se se está na cozinha, o que conta é o tempo que se leva para descobrir o assunto e o "gancho" que vai permitir a intervenção. Daí para diante, tudo bem. Em anos, só uma única vez uma pessoa me falou algo do tipo "isso não é da sua conta", o que não quer dizer que se pode entrar no meio de qualquer bochicho sem temer esse tipo de colocação. Algumas conversas são formas de dizer as coisa indiretamente. A pessoa ouviu algo sobre você e quer te tacar uma pedra ou te elogiar. Aí começa a conversar com outro sobre o "alguém que fez isso ou aquilo".

Fila de bandejão é algo que também tem seus hábitos. É feio pura e simplesmente furar a fila. Mas é válido encontrar um colega que você não vê tipo dois anos e falar: "Rapaz, como é que vai?" e entrar junto com ele. O pessoal chia menos. Aí é que se começa a entender o porque de "cumprimentar" sempre as pessoas. Outra é quando se precisa de um ticket de refeição (para o bandejão) e a venda já foi fechada. A alternativa é sair procurando alguém, na multidão de usuários que tenha um ticket sobrando e, mais importante, confesse que tem e queira vende-lo (muitos só vendem para os amigos e olhe lá). Nessa hora, aquele cara que você conhece e cumprimenta todo dia pode te salvar da inanição. São as pequenas coisas que contam no dia-a-dia..

Pontualidade

"Há dois lugares que, quando você tem que ir, você vai mesmo: banheiro e cemitério". (Gerárd Depardieu no filme Le Dernier Metrô)

O cruspiano, dependendo da pessoa pode ter alguns problemas com essa questão.

Um belo dia, faz bastante, o Giácomo me procurou para bater papo. Figura carimbada, tinha certeza que pelo jeito queria alguma coisa. Simples. Precisava aprender informática. Não sabia nada. Precisava do mínimo para operar um micro, o MSDOS, LOTUS e DBASE III plus. Na hora, pensei bem. Esse cara vai me ferrar com um monte de gente se eu não topar. Então topei. Combinei na semana seguinte das 10hs em diante. Na sala de informática do Crusp, que na época, funcionava. Na segunda, fiz uma coisa muito simples. Saí as 9:30 e deixei um bilhete do tipo "Fui no dentista".

Quando voltei, o bilhete continuava lá. Perguntei para o porteiro, não, ninguém me procurou. Na quarta feira já parei de colocar o bilhete. Sexta-feira, saindo as 10hs, vi a figura do Giácomo lá longe, parecia que estava falando com um amigo. Se me viu, nem acenou. Um mês depois, me falou que não conseguia acordar para ir aprender a usar o micro.

Odiava a coisa.

A Primeira Vez:

"Virgindade é que nem carteira de motorista, serve para toda vida" (Ponto Final: Katmandu - livro)

Muita gente realmente tem a primeira vez dentro do Conjunto Residencial. Tanto homens como mulheres como homossexuais. Tem muita coisa que facilita. Pra começar, o espaço físico. Quem é que tem grana para ir no motel, quando se é estudante? Depois, fica fácil saber qual menina dá e qual que é fresca. Da mesma forma, a menina pode, se quiser, pedir para alguma amiga apresentar alguém. Dessa parte não sei muito (a maioria das que namorei eram de fora do CRUSP). Sei que várias meninas perderam a virgindade lá.

Interfone.

- *Alô? Glória? Que que você quer? Sim, tudo bem, porquê? Você quer que eu aumente o som? Tudo bem. Acabou a música, a Glória chamou de novo, me convidando. Vou ou não vou? Se eu estiver com a cuca afim, o negócio era ir lá, curtir um pouco. Curtir o quê? Ela não vai dar para mim. Será que vai?*
- *Pô, cara, tô me sentindo meio só, lá no flat. Vamos tomar um vinho, heim?*
- *Sei lá, Glória, tenho que completar um trabalho para quarta-feira, tô meio de baixo astral..(Que saco, pô! Parece até que ela vai dar pra mim).*
- *Ah, cara, chega lá! Estou sozinha. Você vai me deixar sozinha lá em casa nesse domingo a noite, vai? Vai ter coragem?*
- *Tá booommm...(Talvez até vai). Tô indo.*

Fui meio em dúvida. Toda vez que passo por essa porta, sinto a mesma coisa. Parece outro universo. Não reconheço nada do meu quarto. Só uma espécie de frigobar, que parece com o meu. E ela só me chama quando nem estou pensando nela. Ou quando não estou querendo nem saber dela. Parece praga. E todas as vezes, ela está com esse ou outro short justinho, apertado. Com essa camiseta branca, agora sem sutiã. Com essa imagem, não sei de que santo.

Nunca vejo ela sair assim, na rua, parece quase nua. E já virou costume se sentar no chão, para assistir televisão ou novela. Ela fumando um cigarro Malboro. Porquê Malboro? Têm Hollywood, Minister, Carlton. E em todas as vezes, ou melhor, esta é a terceira: Estou enchendo os dois copos de vinho e quando já estou quase terminando sinto algo nas costas. Só para ver ela sentada, abraçando as pernas, com a mão direita segurando a medalhinha amarelada, que finge mastigar. Aí, desvia o olhar.

Entrego o copo e sento, do lado do sofá. O sofá dela serve para colocar revistas, bandejas, tudo, menos para sentar. Se sentar no sofá significa sacrificar o corpo, pois é preciso levantar pra pegar a bebida na geladeira, e tira todo o astral que o momento pode estar tendo. Pô, depois que você fuma, você não sente uma p() duma preguiça. Confessa, vai..Confesso. Se meu pai ouvisse isso, me deserdava. Depois de dar um p(*) bronca e uma p(*) surra. Vai, o seu pai não Depois de dar um p(*) bronca e uma p(*) surra. Vai, o seu pai não é tão careta assim..Não, a minha família é que é. Como é sua família. Nem te falo, não estou afim hoje, legal esse disco, é Rita Lee? Não, é Simone. Você não conhecia? Não muito, comecei a escutar discos agora, depois que saí do seminário. Seminário, você ia ser padre? Não, é um colégio lá de Minas, a gente chama de seminário por causa das aulas de catecismo que os caras tentam enfiar na cabeça da gente. Jura? É. Que nem naquela novela? É, o pessoal que estudava lá gostou dela. É que meus pais, minha família, acreditavam que ter um padre aqui na terra valia como cartão de entrada quando chegasse no céu. Isso não existe mais, eu não acredito! Nem eu, mas demorou até convencer eles. Só depois da separação o sonho foi embora.*

Separação, que que tem a ver? Um queria que o outro fosse pro inferno! Putz, acho que você já bebeu vinho demais. Seus pais não são separados? Não, viviam brigando, até que eu saí de casa. Aí eles decidiram se separar. Não tinha mais a desculpa "da nossa filhinha"? É, a filhinha foi embora, vamo pro Cartório hoje, antes dela voltar! Pai é pai, mãe é mãe, mas lar doce lar, só na frente da Tv.

O CRUSP visto por um mineiro – Derneval R.R. da Cunha - drrcunhal@yahoo.com.br

Médio, um amigo me falou que era o jeito que eu compensava minha educação conservadora. Meu, tu foi quase foi padre e hoje até fala gíria.. e ainda curte Rock pesado! É, a gíria, eu aprendi morando no Rio de Janeiro(só falta ela me perguntar como era vida de seminarista), mas é mais um lance meu de tentar me enturmar, sabe?(Pô, mas ela agora tá mastigando o polegar) Quando mudei, tive que me adaptar ao ambiente, foi um lance de cabeça, foi difícil(pronto, agora tô sem o que falar), o pessoal estranhava meu sotaque, tinha o problema de achar pecaminoso uma mulher andar de biquíni na praia (pegou a almofada no colo, abraçou e agora tá roendo a unha do indicador), foi uma barra.

Putz, cara, legal que você saiu fora. Porquê, seus pais eram religiosos? Não, é porquê, sei lá, você não parece muito com o tipo de um padre. Ô, obrigado, já valeu a noite. E outra é que esse troço de religião já deu o que tinha que dar.

Sabe que é verdade... Meus pais é que ficavam falando nisso.. Em religião? Não em Igreja, "casamento".

O telefone tocou.

- *Alô.*
 - *Sei..*
 - *Não. Não dá.*
 - *Hoje não.*
 - *Escuta, Dax, não vou ficar repetindo tudo de novo!*
 - *Sei.*
 - *Olha, têm uma amiga me esperando ali na porta!*
 - *Sei.*
 - *Não, Dax. Juro que é uma A - MI - GA !*
 - *Tá bom, Dax, amanhã eu te telefono. Tchau!*

Procurou o maço e acendeu um cigarro.

Perguntei, ela me falou que era um ex-namorado.

Me explicou que hoje o pai dela morava longe, e de vez em quando telefonava preocupado com ela. Vivia morrendo de medo que ela se perdesse na cidade grande, falava para ela pensar melhor, voltar a morar com ele, ou com a mãe, lá no interior.

Tava certo. Comentei com ela que achava certo o pai ter um pouco de preocupação. Afinal de contas, pô, havia gente ruim pra caramba, vai ver como é que entra na cabeça dele uma menina, vá lá, uma garota, morar sozinha numa cidade grande? Vai saber quando o namorado é gente fina ou não? Tem muito malandro por aí...

Ela olhou para as suas mãos um instante e falou:

- Mas é isso, pô, é exatamente isso que está errado. Ninguém pensa que uma mulher possa ser perfeitamente capaz de decidir pôrra nenhuma!

Por um instante, achei melhor não discutir. O papo tava bom. Muito bom. Mas me convencer de que debutante, ou mesmo uma garota, possa ter vida inteligente, vai levar um tempo. Eu vou acabar dormindo aqui.

- Eu sei o quê você está pensando. Até já sei o quê você está pensando. - Ela se curvou um pouco para apontar o dedo, depois se encostou de novo na almofada. - Mas você sabe que quê aconteceu quando eu completei 15 anos, tive meu primeiro namorado? Não a primeira paquera ou o coleguinha da escola,

mas o primeiro homem que eu senti que amava? O que que aconteceu quando o levei para conhecer meus pais? Qual foi a conversa?

- O quê?

- A primeira coisa que meu pai me perguntou sobre meu primeiro namorado foi quem era o pai dele. Depois, onde ele morava, em que colégio ele estuda, quais são as notas dele, o que ele quer ser, se ele trabalhava ou não, tudo isso quando a gente ainda nem tinha saído junto!

Pensei um instante:

- Pô, mas seu pai estava se preocupando com você. Vai ver que simplesmente não foi com a cara do sujeito, ou achou que não era legal - eu não sabia que opinião dar.

- Conversa. Pô, era o cara que eu amava. Eu tinha escolhido. Aquela conversa era o quê? Controle de qualidade?

Desencostou de novo da almofada. A única coisa que eu penso é o caso da minha tia. Mas se eu comentar que minha tia arruinou a vida dela casando com um cara que não era lá essas coisas.. ela não vai gostar.

- O pior não foi isso. Daí em diante, até mesmo minha mãe: se eu falava que não sabia, começava aquele sermão, de que tem muito malandro por aí, que os homens só querem se aproveitar, que fazia parte do dever deles falar essas coisas, para eu não vir chorando mais tarde.

- Pô, mas desse jeito? Pelo que você falou eu achava que seus pais eram liberais, não te enchiam o saco.

- Eram muito liberais. Até meus doze anos, era um barato. A partir daí começou. Me perguntavam porque que eu não namorava sicrano, ou então beltrano, que eram excelentes partidos, que eram gente conhecida. Eu respondia: o sujeito está namorando Ciclana, irmã do Beltrano. E Beltrano? Beltrano é que nem irmão, a gente nem ia ter assunto. E o Sicrano? E aí ia desfiando uma lista de boçais ou de caras que não tem nada a ver comigo. Todos chatos, ou comprometidos...

- Bom, mas espera aí. Acho que deve ser normal esse tipo de lance.

- Só se for na sua cidade. Olha, se eu fosse homem, podia namorar a mulher que quisesse que ele nem olhava. Só perguntava que horas que eu ia voltar. Seu pai não faz assim?

Eu podia comentar as brigas que tinha tido com o velho, podia falar o que aconteceu quando usei o carro dele, porquê a gente não se dava bem, mas estava meio curioso em ouvir, sei lá, talvez fazer a defesa dos pais dela. Nem sei o porquê.

- E o pior de tudo. Quando ele perguntava porque é que estou namorando aquele cara! O sujeito é o maior mulherengo, não quer nada com os estudos, não tem onde cair morto. Mas pô, o pai do cara tem um puta carro, o sujeito é o rei dos Pegas lá na Lapa.

- Essa resposta também me derrubou. Namorar um cara por causa de um carro..

- Mas você não entende quando você quer exibir a menina com quem você sai como um troféu? Todas as meninas do colégio estavam implorando pra sair com ele. Imagina se vou ficar falando pro papai que vou sair com esse cara só por causa do carro.

- Você saiu mesmo com ele?

- Mas não é por aí! - Agora ela estava sentada, olhando as mãos estendidas, como se não conseguisse explicar - Não

era nada sério. Era um cara que você namora uma semana, depois espera a ligação dele pra falar que.. que.. que não quer mais sair! Que não aguenta mais a falta de responsabilidade dele, sei lá!

Pensei quanto tempo eu ficaria com essa menina se fosse namorado dela. - Mas a coisa não parou por aí! Só sei que desisti de apresentar os caras que eu conhecia para minha família. Não dava, pô. Todo cara que eu apresentava, eles me chamavam pro lado e falavam que tinham reencontrado o outro sujeito, aquele que era bem melhor, parecia que ele tinha emagrecido um pouco, vai ver que é saudade sua, vocês podiam tanto ficar juntos de novo..

E eu ouvindo o desabafo. Fiquei ouvindo esse papo por mais uns quinze minutos. Depois comecei a preparar a velha sequência de gestos de saída: Começar a olhar no relógio. Depois de um tempo, olhar de novo, comentar as horas. Em seguida, ir no banheiro. Na saída, colocar a mão na cabeça e dizer que

O CRUSP visto por um mineiro – Derneval R.R. da Cunha - drrcunhal@yahoo.com.br

acabei de lembrar de um compromisso amanhã. Tenho que ir dormir. Aí ela fala que está cedo, ou vai olhar o relógio, daí pede para que eu fique mais um pouco. Depois para de falar pra ficar e começa a elogiar minha companhia, comenta que fazia tempo que não comentava esse lance com alguém e fala que a gente precisa bater um papo mais vezes, e que se eu quiser aparecer, é só bater na porta. Aí a gente se despede. O sorriso está enorme nos olhos dela.

Quando chego no apê, noto que estou até com nojo. Tudo que eu achava certo, de repente foi xingado de careta. E não é só isso. Tudo que eu achava que era ser o melhor pra conquistar uma menina foi taxado de chato, de boçal, de idiota.

Tudo que eu pensava sobre cavalheirismo foi pro lixo. Tudo o que eu pensava sobre ter uma companheira, sobre ser

um cara legal com "elas", sobre não ser um canalha, tudo estava errado. Do ponto de vista "delas", a diferença entre eu e um manequim de loja é que o manequim se veste bem. Que tipo de cara "elas" querem? Não sei. Nunca mais apareço lá. Nunca mais.

Passei no elevador, tinha um grafite:

"Liberte o gay que jaz em vossa Excelência!"

É demais. Como é que o cara vai escrever uma porcaria dessas! É um merda. Vai a merda! Não. Não vou ficar lendo essa porra todo santo dia no elevador. Fui no apê, peguei uma caneta de escrever em camiseta e completo a frase:

"Se jaz, é porquê morreu de Aids"

"Ass: Sua Excelência"

Piolho do CRUSP:

"Eu tô perdido, sem pai nem mãe, bem na porta das sua casa. Eu tô pedindo a sua mão e um pouquinho do braço".

(Maior Abandonado - Cazuza)

Esta é a denominação que ouvi dos porteiros sobre alguns tipos que não são tecnicamente moradores, mas estão sempre por aí. Alguns não são universitários. Outros perderam a vaga, mas não conseguem se distanciar da USP. Uns terminam o curso, outros estão escapando do jubilamento. Tem diploma, mas não conseguem emprego. Até tem cultura, falam línguas. Mas não se distanciam do Conjunto Residencial. Ou tentam hospedagem ou até mesmo vivem por aí, dormindo nos bancos e praças da Cidade Universitária. Vem e voltam.

Conheci vários nessa condição. Mas impressionante foi uma noite, saí para telefonar e me aparece um sujeito, por volta de uns 40 anos, com sua estória. Chegou em São Paulo vindo do Mato Grosso, para um curso de Doutorado. Seu dinheiro estava acabando, sem lugar onde dormir. O COSEAS tinha prometido uma vaga nos eventuais para dali a dois dias. Não chegou a me pedir hospedagem. Mas toda alternativa que dava, ele me respondia que não dava certo. Então falei que ia leva-lo no meu apê e se o pessoal concordasse, podia ficar lá naquela noite. Estranhei foi o jeito que o porteiro olhou para ele. Tudo bem. Acordei os caras, perguntei. O pessoal topou e foram dormir. Aí, enquanto conversava com o sujeito, preparando um chá, fui reparando. Os tênis não tinham cadarço, era um barbante. Não havia mochila ou mala, mas dois sacos plásticos. Para tirar qualqueur dúvida, o sujeito tirou alguns livros, me mostrou o atestado de matrícula, o de conclusão de curso, xerox do diploma, tinha um portfólio completo de documentos arrumadinhos, como se amanhã fosse se inscrever em algum lugar. E o cara falava inglês muito bem. Instalei-o na cama da sala, bonitinho, dei comida, etc. Mesmo assim, tranquei a porta da

O CRUSP visto por um mineiro – Derneval R.R. da Cunha - drrcunhal@yahoo.com.br

saída. No dia seguinte, ao passar pela entrada do prédio o porteiro me deu um toque de que o sujeito era encraca. Estava vagando por lá há anos. Realmente era culto, tinha diploma, mas mais nada na vida. Vivia se virando por aí. Fiquei embasbacado.

Outro caso bem interessante foi um sujeito que dizia ter vindo da UFRJ. Segundo ele, fugindo da repressão. Uma história qualquer sobre ser morador lá casa de estudantes de lá. Descobriu que havia gente querendo impedir que completasse um trabalho sobre os tempos da ditadura militar. Então fugiu para São Paulo para salvar a pele, mas não tinha onde ficar, acabou chegando no CRUSP. Ouvi essa história da boca dele, junto com um colega que acreditou, embora eu alertasse para a mentira da coisa. O sujeito ficou um tempão morando lá, mudando de apartamento para apartamento, até que finalmente conseguiram expulsa-lo. Parece que ainda se encontra por aí, vendendo livros.

Caso de ficção é o Rasputin (apelido). Está morando por aí desde 86, 2a ou 3a invasão do CRUSP. Míope, se recusa terminantemente a comprar óculos. Já se falou um monte dele inclusive que fez assédio com uma menina, mas nada provado. Houve um tempo em que morou em cima de uma banca de revistas perto da lanchonete. Até um tempo atrás dizia-se a pessoa dele não existe mais. Alienigenas, morando dentro da sua mochila, controlam seu corpo. A prova disso é que quando vai no Bandejão, esvazia uma parte da comida dentro da mochila. Para alimentar os extraterrestres. Uma vez, encontrei uns livros dele no chão, esparramados. Tava começando a chover, tirei e coloquei noutro lugar. Outro dia, comentei o assunto e recebi a seguinte resposta:

- Água é bom. Livro é celulose querendo voltar a ser madeira. Borrifar um pouco de água diminui o processo..

Como entrar pelo lado de fora do apartamento:

Todo cruspiano já passou alguma vez pela experiência de ficar trancado pelo lado de fora do apartamento. Se não passou, vai passar. O normal é o sujeito ir no COSEAS, que tem cópia da chave. Mas não são todos. Alguns entram pelo lado de fora do apartamento. Curioso, ninguém morreu até hoje por causa disso. Que eu saiba. O método é simples. Nos prédios de antes da reforma (que nem o bloco E, hoje) usava-se o rodapé ou parapeito para pisar e a parede para apoio. Bem melhor para apoio era uma fresta de janela aberta. Nos blocos mais novos, havia 2 formas que prefiro não descrever, impróprias para baixinhos.

Sayonara, que agora está no Japão, costumava entrar no apartamento pelo teto, quando esquecia e ficava trancado do lado de fora. Deitado na beirada, abria a janela e se esgueirava, indiferente ao fato de estar 6 andares acima do solo. Era tão acostumado que nem mudava a respiração.

Entrei pelo lado de fora umas cinco ou seis vezes. A primeira, porque precisava ir no banheiro e meu colega estava com a namorada dele. Como uma cigana tinha lido a minha sorte e não falou nada de morte, resolvi tentar. O quarto que dava para a sala de estudos era bastante acessível, mas a 1a janela estava fechada. Foi meio metro de caminhada pelo lado de fora, até a 2a janela. O chato é que depois que entrei no quarto, vi que estava fechado pelo lado de fora, não adiantou muito. Mas com essa perdi o medo. Fiz até para um imbecil que ficou do lado de fora, uma vez, mas me arrependi. A última vez que fiz foi no bloco F. No meio do caminho descobri que as calças Jeans estavam atrapalhando, deu pânico. Na volta (o quarto estava fechado pelo lado de fora de novo) fiz sem elas e ralei tanto as pernas que peguei uma espécie de medo ou respeito pela coisa.

Teto dos prédios:

Uma coisa que os moradores mais antigos sempre curtiram muito (agora está fechado) era frequentar o teto dos prédios. Podia se tomar sol, fumar um cigarro, olhar 360 graus da Cidade Universitária, observar as estrelas com um binóculo, namorar, fazer exercícios, etc..

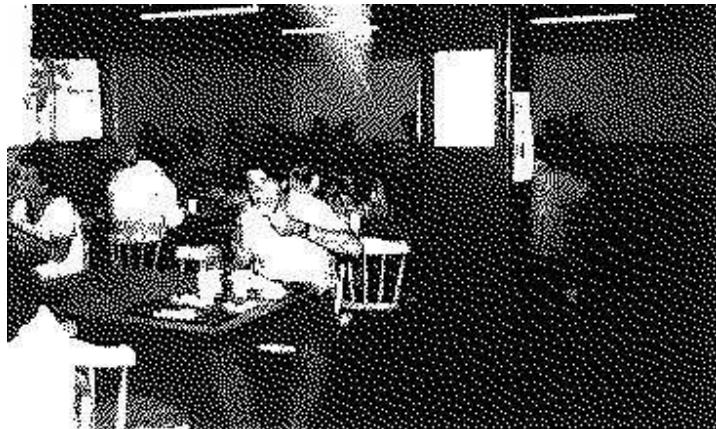
Um cara mucho loco era o Rabbit. Quando ele me perguntou a opinião sobre se comprava uma luneta que viu no Mappin, disse que tinha bem mais barato numa loja da USP, hoje fechada. No dia seguinte ele me xingou, porque foi lá e comprou mesmo, deixou de economizar a grana. Vai entender. Mais tarde me disse o porquê da coisa. Ficava no teto do C, olhando as janelas dos apartamentos do E. Era tão fácil enxerga-lo que várias vezes o porteiro subiu para tirá-lo de lá. Os moradores estavam reclamando. Começou então a ser mais cuidadoso e a se vestir como um guerrilheiro. Na hora de mudar de posição rastejava ou rolava o corpo.

Não era o único. Até mulheres já haviam me pedido o binóculo emprestado para "ver as estrelas". Uma vez que subi no teto do bloco A, reparei que alguns apartamentos do bloco B era fácil se ver os caras andando nus, até sem binóculo. E tinha uma menina num apartamento também do 5o andar do B que quando punha a roupa pra secar estava sem sutiã, um espetáculo. Mas como o interior do apartamento era ângulo morto, nem com binóculo se via mais. Como era da Associação de Moradores, resolvi não continuar com isso, ia ser uma fofoca muito grande se fosse pego.



Comida:

"Fome é um hábito. Mas pode se tornar vício". (do autor)



A maior parte do pessoal come no Bandejão direto. Apesar dos pesares, trata-se de uma comida balanceada. Correm algumas lendas, como a da inclusão de salitre (que daria uma sensação de estufamento e satisfação), coisa sempre negada. Outras vezes, pode-se encontrar vários tipos estranhos de aditivos, como pedrinhas. Algumas pessoas, por conta do ritmo de vida ou outros problemas, desenvolvem gastrite. Mas o grande problema do cruspiano em relação ao bandejão são os fins de semana e feriados prolongados. Antigamente, quando se podia entrar duas vezes, o cara guardava num recipiente e punha na geladeira no dia seguinte. Do contrário, só cozinhando.

Como todo mundo minha experiência culinária começou com o Ki-nojo, aquele macarrão de 3 minutos. Durante um tempo eu preparava aquele sopão de ervilha com bacon que vendem em saquinhos no supermercado, mas parei quando um cara disse que ia vomitar se me visse fazendo aquilo de novo. Comentava com meus colegas que só convidava para jantar desse jeito:

- Você curte uma vida perigosa? Prova minha comida

Acabei aprendendo fazer um bom molho de macarrão para comer com sardinhas. O mais incrível foi um dia que uma menina ficou me observando e falou que eu gostava de cozinhar. Neguei, mas ela insistiu que meu rosto tava assim.

Molho de macarrão: Pega o que tiver na geladeira. Sempre tem um tomate, resto de cebola, alho ou ervas. Começa com o alho e a cebola. Corta em pedaços e bota na panela, frigideira ou o que for, com um pouco de manteiga, margarina ou óleo. Pouco. Ou então umas gotas de água, mesmo. Frita um pouquinho antes de acrescentar o molho de tomate. Se não tiver, aquele ketchup do MacDonalds serve, mas aí cuidado na quantidade. Não frita muito, senão torra. Acrescenta umas gotas de água. Bebida alcoólica, tipo vinho, mesmo que seja "Sangue de Boi", pode dar um gosto adicional. Aí pode-se misturar sardinhas (de preferência limpas das tripas, faz isso antes de cozinhar o molho), queijo (se tiver) ou qualquer coisa que sobrou de ontem na geladeira. Faça o macarrão (3 minutos ou normal) e despeje o grude. Pode-se fazer tudo na mesma panela, observados alguns cuidados. Boa sorte. Se não estiver bom, guarda pra mais tarde. Quando a fome ficar mais forte, tudo fica gostoso.

Queijadinho: 5 ovos, 2 colheres de farinha de trigo, 3 chácas de açúcar, 100 gramas de côco (preferência marca só-côco), 50 gramas de queijo ralado e uma colher de fermento. Bate tudo no liquidificador e colocar numa forma, pode ser qualquer panela improvisada. Por 30 minutos deixar no forno. (receita de um carioca)

Pudim de leite moça: Uma lata de leite condensado, uma de creme de leite, uma maria mole. Pega todos os ingredientes, coloca no liquidificador e bate por 2 minutos, até dissolver bem. A calda vai ao fogo. Depois de pronta a calda, despejar os ingredientes numa forma e colocar na geladeira por uma hora para virar pudim e 2 horas pra virar sorvete. O sorvete fica melhor do que da Kibon. (receita de um mineiro)

Galinhada tropeira: Frita bem a galinha, pica cenoura, batata e último, cebola. Esses ingredientes são colocados na própria panela no ato da feitura, durante o cozimento. Em seguida o alho e depois, quando estiver bem frito, despejar o arroz (lavado), deixar por vinte minutos e servir a vontade. (Contribuição do Eliseu Müzel)

Depressão e Loucura:



"Na minha adolescência, ouvir Frank Sinatra era argumento em favor da lobotomia". (do autor)

A imagem que o povão de fora tem da moradia estudantil é essa. Primeiro, infelizmente a depressão existe. E no meu tempo (quando tinha contato com esses dados de forma direta) chegava a mais da metade das razões apontadas para o não cumprimento de créditos (essencial para se manter como morador). O stress da vida estudantil contribui para a depressão e até alguns casos de esquizofrenia são conhecidos. Mas como dizia o Caetano, de perto ninguém é normal. Quem tem mais sanidade mental? O sujeito que não fuma, não bebe, não cheira, não se diverte de forma alguma ou cara que não consegue produzir porque tem problemas como:

adaptação

a cidade de São Paulo
a vida universitária
aos colegas de apartamento (ver fritura)
ao ritmo de estudo (principalmente Póli)

saudade:

da terra natal
da família
amores, amizades

mudança radical no cotidiano (mudou de apartamento várias vezes)

falta de:

dinheiro
amizades
namorada(o)
perspectiva (descobriu que será mais um desempregado no fim do curso)
jogo de cintura

A vida não é fácil. Existe um serviço de aconselhamento psicológico gratuito, disponível na psicologia, mas é necessário entrar numa fila de espera. Claro que a depressão convida ao uso de drogas. O que pode piorar o quadro.

O pai morreu dirigindo o carro. Quando o sujeito lá do apê recebeu a notícia, ficou mal. No meio da noite saiu do quarto, com os braços como que dirigindo um volante imaginário, dando voltas correndo na sala, sem parar, dizendo:

- todo mundo que queria dirigir assim racha, racha, racha, racha, racha.

O cara usava sabão de côco para tomar banho, porque desodorante comum com ele, não funcionava. Guardava mamão no armário até apodrecer.

O primeiro caso de piração que vi, explícito, foi um sujeito que estava aprontando o maior aué no bloco C. Como se lá já não houvesse o bastante. Como eu era Associação, fui lá, mas a "Flata" já tinha chegado na frente e assumido a tarefa. Dei sorte. O negócio era só esperar e tomar conta do cara, até que alguém viesse com uma injeção de tranquilizante. Senão iam chamar a polícia e a coisa seria muito mais violenta. Sem necessidade. Falei para ela que dava a maior força. Moral. Ela riu e depois me contou a história do sujeito. Começou a fazer regime, usar bolinhas e tranquilizantes até ficar magro desse jeito. Aí pirou. O COSEAS estava chamando a mãe pelo telefone, para vir buscar o garoto. O cara estava vestido de shorts, com um chapéu ridículo e arrumado os tênis de tal forma que ficava mais ridículo ainda. Tava meio inquieto. Não podia bronca nele, melhor nem falar, só tomar conta para que ele não saísse por aí.

Outro caso caso foi o do sujeito do 1º andar do D, muito depois da reforma. Ninguém aguentava morar com o sujeito. Um cara que tinha perdido o direito a moradia e estava de hóspede, conseguiu ficar com ele um tempo. O cara era muito pinel. Se alguém batia na porta fora de hora, ele pulava a janela do primeiro andar e corria em direção ao CEPÉ. Depois de umas horas, chegava na portaria e perguntava se alguém tinha perguntado por ele. Até o dia em que brigou com o porteiro por conta de uma pretensa invasão da privacidade. Tinham outras histórias do indivíduo, mas só soube dessas. Mais tarde, mesma noite, conversei com os porteiros que estavam ali discutindo o caso.

- Aqui o conceito de normalidade é diferente de lá fora. Isso aqui que aconteceu hoje é normal. Será que quando sair daqui vão me achar louco?

O CRUSP visto por um mineiro – Derneval R.R. da Cunha - drrcunhal@yahoo.com.br

Outro porteiro ouviu falar qualquer coisa e um terceiro falou uma besteira sobre o Color que não tinha nada a ver com o assunto.

- Tá vendo, gente? Olha a prova viva de que realmente essa moradia brinca com a cabeça da gente. Todo mundo concordou e achou graça.

Um caso de loucura que achei interessante foi o de um sujeito chamado Columbus (apelido). Foi inclusive meu colega na Letras. Tinha um jeitão de policial, cabelo curto, bem apessoado. Era fanático pelo Rio de Janeiro e dizia que gostava muito de conversar. Conseguiu status de morador logo no primeiro ano. Por alguma razão, pirou também.

Eu percebi no dia em que sugeriu um emprego de travego numa boite gay. Falou sério. Donde tirou isso, faço a menor idéia, nem conhecia o cara direito. Na hora quase bati no cara, a sorte dele é que foi durante uma aula. Seria expulso se fizesse isso. Depois da aula desencanei e cortei o papo de vez. Soube do resto depois, uma menina que namorei por 2 ou 3 noites que de vez em quando ficava no CRUSP, tipo meio ou final de semana. Disse que o Columbus tinha oferecido hospedagem para ela. Ele dormindo no chão para emprestar a cama. Nem tinha pensado em sexo, o que deixou a mulher ouriçada. Uma vez ficou semi-nua na frente dele ("acidente", saindo do banheiro) e ele não esboçou nada. O sujeito não se interessava. Usava todo santo dia, o mesmo jeans e a mesma camisa. Sem lavar. Mesmo assim, a mulherada tentava se aproximar dele, por conta do cabelo loiro e os olhos verdes, profundos. Ele começou a parar de escovar os dentes e cortou o banho. Soube através de fontes, que ele era um dos únicos casos constatados de Esquizofrenia no Conjunto. Com atestado e tudo. Tava em processo de expulsão, bastava chegar alguém da família e levar. Nunca mais soube notícia.

O mais famoso de todos porém foi o Piauí. Esse já apareceu no Jornal do Campus, várias vezes. Entrava e saía do Hospício, frequentava vários apartamentos do CRUSP, numa boa. Comia no Bandejão. Alternava lucidez e loucura, mas não era morador nem hóspede.

CONTOS DE DEPRESSÃO: No jornal, não havia nenhum filme que interessava. De repente, uma noite em que tudo que podia fazer era ficar pensando. Pensando em nada. Não havia no que pensar. A única revista de mulher pelada estava emprestada. Na geladeira, só água. A Vodka acabou. Não estou com paciência para estudar, nem para olhar o teto. Faltam duas horas para dormir. Para chegar a hora em que se eu não dormir não durmo mais.

Passo a mão pelo rosto, tem uma espinha. Não está muito grande. Mas está lá. Procuro o papel higiênico. É preciso enrolar nos dedos indicadores, para sugar o água que vem junto. E pra proteger de impurezas. Vai que minha mão, depois de andar de ônibus, o dia inteiro não tem algum vírus minúsculo, algum pús que está sobre a epiderme, só esperando uma ferida uma abertura para infectar minha corrente sanguínea. Depois de um tempo, sinto coceira e descubro que estou com gonorréia. No rosto! Não. É melhor lavar. Duas vezes. Melhor três. E lavar o rosto, também. Com álcool. É melhor. Mas não tem algodão. Vai ter que ser com o P.H. mesmo. O dito cujo fica preto. Poluição. Jogo álcool noutro chumaço de papel e passo novamente. Tudo pronto. Acendo a luz do abajur no espelho. O cravo se recusa a sair.

Vai ter que ser na marra.

Cadê o pacote de giletes? Tinha um aqui ontem. Está lá. Sabia que tinha comprado um. Penso por um momento, tento mais uma vez, com a ponta da unha, depois de desinfetar. Não dá. Como a mamãe dizia, deve ser um daqueles que não foi bem tirado por isso ficou preso debaixo da pele. Tem que abrir o caminho para ele sair. Vai ter que ser. Escolho uma gilete, e quebro no meio. Pronto. Um bisturi improvisado. Um pouco de álcool numa xícara, um fósforo, fogo. Tá esterilizado. Agora só falta separar um pouco de papel pra tirar o sangue e a última passada de álcool. Um pequena corte no local. Quase dá pra colocar dois grãos de areia ali. Agora uma incisão dentro do corte. O sangue começa a brotar,

duas gotas, passo o papel. Mais uma gota, passo o papel, mais uma gota, passo o papel, deixo a gilete na pia.

Enrolo os dedos em papel e pressiono de novo como os indicadores. No meio do sangue vejo uma coisa branca, do tamanho de um grão de areia sair fora. Limpo tudo. Passo papel higiênico, depois álcool. Depois um bandeide. Mas o sangue molhou meu indicador. Fico olhando para ele. A cor vermelha, forte. Um pernilongo sente o cheiro e resolve pousar na ponta do dedo. Debaixo dos meus olhos. Na cara dura. E começa a beber. Me lembro do "pacto".

Espanto o bicho e vou dormir. Parece que não tenho nada melhor a fazer. Mesmo assim é duro. Tô tão satisfeito de ter tirado este cravo. Mas não tem mais nada a fazer. Têm açúcar e chá. Dá pra esquentar uma água e fazer alguma coisa. E dormir. Dormir e esperar segunda-feira. Talvez sonhar, enquanto isso. Eu estava andando por uma rua deserta. Nesses dias, em que se sai do cinema e a falta de multidão é motivo para que a gente fique olhando para tudo quanto é lugar, para ver se não acha nenhuma alma viva. Como não achava, comecei a andar, um pouco pensando no incidente. Aconteceu. Alguma coisa aconteceu. Não, alguma coisa aconteceu agora.

Esquece o incidente. Esquece tudo. Um barulho. Ouvi um barulho. Vira o pescoço. Olha. Não para de andar, imbecil! Parece que tem um cachorro me seguindo. Continua andando. Olho para trás. Está longe, uns dez metros. Uma coincidência. Continuo andando. Outro barulho. Olho para trás. Paro. O cachorro para e senta. Estou com medo. Começo a andar de novo. Olho para trás e paro. O cachorro para de andar e senta. Continuo. Barulho de pés raspando o chão. Sinto o cachorro andando. Uma dor na nuca me força a parar e a encarar o dito cujo. "Vou espantar esse bicho". Ele continua lá, à dez metros, atrás de mim. Estou de frente para ele. A sombra dele está deitada sob meus pés. Olho para o cachorro, mas não sei o quê me faz olhar a sombra. A sombra, ela não é de um cachorro!

Não me atrevo a olhar os olhos do dito. Começo a correr. Olho para frente e começo a correr. Começo a correr como se algo estivesse atrás de mim! Não sei se está, não quero olhar, tenho medo de olhar! Já perdi a noção de lugar, corro em direção à luz. Quero a luz! Tenho medo de ficar no escuro. Corra, seu idiota! Aquela sombra tem dois braços, e duas pernas. Dois braços, duas pernas e duas sei- lá-o quê! Parei num poste para tomar fôlego. Dois braços, duas pernas, e duas...corre seu desgraçado! Vai no cemitério. Vai lá.

Todo mundo morreu por alguma razão! Pensa na sombra. Aquela sombra! Ouça o barulho. O cão está correndo atrás.

Atrás de você. Meu D... Iaiuuuuuuuuuuuuu...aiiiiaiaiaiai. Bati com um pé num paralelepípedo. Mal posso andar. Começo a sair da calçada. Correr. Preciso correr. Aiaiaiaiai...Tô acelerando. Vamos em direção à aquela luz. Aquela luz. Não ouço mais nada. Correr! Meu pulmão me sufoca. Começou uma dor no abdomen. Dor de corredor. De novo, não consigo manter o ritmo! Merda! Pô, cara, não blasfema, você vai mais rápido. Meu coração, ô animal! Meu coração tá doendo! Respira fundo. Tá doendo, canalha! Estou estourando! Barriga doendo, pulmão doendo, e a tua consciência?! Não consigo andar. Andando, merda! Andar...andar, aiíi...andar, andar..andar, ai, ai, ai, Anda, ô merda!

Não blasfema. Andar para quê? Para não ver o demo. Aiiiiiiieeeeaaauuuuuuuu!!!!!! Caí no chão. Bati contra um poste na queda. O cão está chegando para me morder, rosmando. Acho um tijolo e mando nele, quase sem olhar. Ele sai fora, ganindo. Tento recuperar o fôlego, enquanto me levanto.

Olho para a lua. parece uma caveira, de tão branca. Tem duas crateras que fazem o papel de olho e outras que formam um sorriso para mim. Uma quantidade de nuvens e estrelas formam seu vestido. Ela cresce e sinto seu rosto se virar para mim. Estamos nos encarando. Eu olho para dentro do sorriso dela. Não consigo encarar a morte.

Lentamente, ela fica de perfil e finalmente, a caveira fica lisa, como de costume. As nuvens cinzas se fecham e a lua some. Estou só. Agora, só as luzes de poste existem. Olho as casas, e quase não tem janelas ou portas. Tô com a sensação de que meu pescoço está esfarelando. Parece até que tenho uma ampulheta, na minha cabeça. É um barulho de areia caindo. Olhei para o "poste" onde cairá. Não era

um poste. Uma imitação de árvore. Árvore de pixe e concreto, na base. Uma escultura. Uma escultura de piche e concreto e nascida no asfalto. E estava crescendo.

Os galhos cresceram até os frutos começarem a brotar. Os frutos, meio estranho, eram pequenas caveiras. Uma multidão de caveiras. De todos os tipos. Olhando para mim. De uma hora para outra, começou a surgir a luz. Cada vez mais branca. Cada vez mais. Fechei os olhos e estava dentro de um quarto. Maneira de dizer. Cabia dois helicópteros voando, e as paredes eram de um vermelho claro, coisa um pouco menos forte do que a cor de sangue.

Drogas

"O problema das drogas no Brasil é a má distribuição". Espécie de ditado popular

Primeiro tem a questão de definir o que é droga. Café, Coca-cola, bebida. Tudo isso acontece. Ouvi falar que o consumo de estimulantes em algumas matérias da matemática, é alto. O sujeito tem que ralar para conseguir passar. Na Póli, mesma coisa. Em Cálculo Numérico, o sujeito estuda pacas achando que vai tirar pelo menos cinco, acaba com 2.3 ou menos. Um amigo que veio do ITA, a família contou que internou ele como toxicômano, porque não podia entender como ele podia ter dias e noites de 20 horas. O sangue dele estava ficando pastoso. E no Crusp? Bom, um tipo de drogado mais chato e mais conhecido são uns bêbados bem notórios mesmo. Ninguém aguenta morar com eles. Nem os porteiros gostam muito. Bebem dia sim e no outro dia também. Só não perdem a moradia por um motivo simples. Passam com nota 10 em todas as matérias da Engenharia. É muito difícil expulsar um cara aplicado quando outros passam com nota cinco e continuam moradores. É inacreditável, mas acontece. Conheci dois desse jeito.

Mas o pessoal associa a figura de drogado mais a maconha, cocaína, crack, etc.. maconha é mais ou menos aceito entre os estudantes. Há até um dito popular entre os boyzinhos para só experimentar isso depois que passar no vestibular. O cara segura a vontade de provar até chegar na faculdade. Depois, detona. O mais incrível é que para alguns isso não afeta os estudos. Uma vez ouvi no corredor:

- Ô meu, me fala quem te vendeu aquele fumo que você usou para passar na prova da Pós da Federal.

CHEIRINHO DA LOLÓ: Sonhei que estava numa praia deserta, daquelas de areia branca, nada a ver com copacabana. Totalmente vazia, e lisa como um gigantesco carpete branco e aspero sem ninguém. Olhei em volta. Eu tinha o mar a meus pés, uma floresta às costas e somente pedras nos dois lados, com uma toalha verde me cobrindo a cintura. Não tem nenhum jeito de chegar até aqui, não vejo a trilha nem minhas pegadas na areia. Só se vim pelo mar.

Naufrágio, talvez. Mas de que navio? Minha cabeça está vazia. Tô disperso, relaxado. Tem um lance no ar, mas não saco o quê. Não é cheiro de mato, nem de mar nem de terra. Estou sentindo alguma coisa no ar. Sem saber porquê razão, começo a andar. Ando, ando, ando, ando, o sol começa a se por e ainda não sei onde vou ou o que estou procurando. Não sinto fome nem sede, mas quero me sentar na areia. Não sei mais para onde ir. A praia não acaba.

Começo a sentir frio. O sol se põe lentamente no horizonte. O frio está chegando.

Vejo o espetáculo com uma certa melancolia. A lua vem com suas damas de companhia e contando as estrelas, faço o tempo passar. Até que finalmente sinto alguma coisa. Algo surge no meio da marola. Parece uma bola preta. Não, é uma cabeça. Uma cabeça ligada a um corpo. Um corpo de mulher, que está se erguendo e jogando os cabelos para trás. Cansada de nadar. Me olha. Olhos verdes. A lua reflete neles. Não me levanto. Também estou cansado de andar o dia inteiro. Quero saber que lugar é este. Não consigo falar. As palavras não tem som algum.

Os pensamentos. Sinto emoções estranhas, um conflito de idéias na minha cabeça. Ela pensa e fala pensando. Num instante, fecho os olhos e enxergo com os dela, o meu corpo. Não entendo o que ela pensa. Só uma coisa: Calor. Muito calor. Abro os olhos, vejo seu corpo, ainda está lá. Está nua. Está nua e tem a minha altura. Está nua e sua pele é lisa, suave, sem pelos. Está nua e seu cabelo é moreno, pego

um pouco com a mão para sentir. Não sei como, mas escuto o barulho do coração, batendo, batendo perto do meu peito. Devo estar em transe, não consigo nem me levantar. Tento um sorriso. Ela sabe sorrir.

Sorrindo, me faz deitar lentamente na areia. Agora, deitado, sinto melhor seus pensamentos. Fecho os olhos, e sinto sua língua acariciando meu peito peludo, e desenhando uma linha reta até o umbigo. Não sinto mais frio. Abro os olhos, o corpo dela parece estar fosforecente. Mais e mais à medida que meus braço, pernas, peito e mãos viram neon, e meu coração batendo faz essa luz piscar intermitentemente. Pareço o surfista prateado. Ela está me observando. Sem pensar, começo a repetir o que ela fez, mas primeiro a coloco deitada no chão. Ela aceita. Será que ficará humana? Tento passar minha língua delicadamente em seus lábios. Imitando um batom. Sua boca não tem gosto. Ela repete o gesto, lentamente. Tento juntar nossos lábios. Fecho os olhos. Ela puxa minha cabeça, para o fundo de sua boca. Por um instante, sua língua brinca com a minha e no instante seguinte, deixa o espaço vazio e caio dentro dela. Sinto o nada. Caí dentro de sua boca. Estou caindo num abismo, numa garganta giiiiiiiiigaaaaannnnnnnnnteeeeeeeeeeeeeesca. Não posso parar de sorrir. Não consigo. E não sinto meus braços, minhas pernas. Nunca existiram. Estou voando! Posso voar! Abri os olhos e me encontrei onde estava. Quase me descontrolei e acabei com o lance... comecei a beijar o pescoço, e a raspar com os lábios. Sinto seu abraço. Ela gosta.

Passo para o seio. Nem me preocupo. Vou até o bico e rodeio com a língua, para sentir a dureza. Suas mãos puxam meu cabelo para a boca, mas resisto. Procuro o umbigo. Não tem. Sereia, é filha de peixe, não tem umbigo. Abaixo mais e vejo o púbis, sem um único fio de cabelo, mas de uma luz mais intensa do que o resto do corpo. Passo um dedo de leve, tentando descobrir a fenda e depois passo a língua lentamente em volta. À esquerda e à direita, como se fosse tirar o sumo de uma laranja. Ela me puxa. Quer um beijo. Dessa vez, fecho suas palpebras. Ela comprehende o gesto.

Estamos caindo juntos, num grande abismo. Sem estrelas, sem lua. Abro os olhos, o céu se apagou. Não há mais praia nem mar. Me coloco entre suas pernas e reparo que o sorriso dela agora parece feito de minuscúlas estrelas, e constelações. Estamos flutuando no espaço. Nossos corpos foma uma gigantessca bolha de luz, um quasar. Sinto sua mão acariciando o meu pescoço e o frio desaparece das minhas costas. Sua língua invade minha boca e a luz entra na minha cabeça, percorre minha espinha, somos um anel de luz, e nossas veias se unem para transportar a luz. Nossos corpos se comunicam. Uma hora faço parte de seu joelho, noutra, tenho o nojo de beijar minha própria boca.

Finalmente, perco a noção de quem sou, de onde sou, de quem sou, aonde estou. Nossa sangue parece ferver. Meu corpo vai explodir. Não sei como, ela começa a tomar uma posição por cima de mim. Sinto que ela está por cima. Sinto seus seios roçando meu peito enquanto pequenos diamantes começam a sair flutuando de sua boca, como plumas de passarinho. Cada vez mais. Paro de olhar. No meu corpo, um espasmo violento acontece e subitamente sinto os mesmos diamantes sairem flutuando de minha boca. Outro espasmo e um jorro deles sai, iluminando o céu. Consigo ver por alguns instantes. Mais um espasmo e perco os sentidos.

Acordo. Estamos na praia, novamente. As estrelas estão no céu. Ela me observa, me estuda. O sorriso continua luminoso. Tento dar um beijo de eskimó, só para guardar a cor de seus olhos. No fundo da íris, vejo uma pequena área verde. A felicidade mora aí. Bem no fundo dos olhos dessa mulher. Ela comprehende meu pensamento. Apaguei.

Levanto-me. O quarto está uma bagunça. Está difícil acordar num dia desses. Que ressaca. Minha cama está suada.

Da próxima, tenho que dormir de camisinha. Hoje, trocar o lençol.

Brigas

"Os animais sempre brigam entre si. Brigar é uma coisa da natureza. Normal". (dito por um membro da Associação de Moradores)

As brigas no CRUSP são mais ou menos comuns, mas o normal é um bate-boca, sem grandes consequências. Existe também é o bater, sem dar chance ao adversário de revidar, diferente de briga, que se entende como sendo uma disputa. É a emboscada, quando se pega a pessoa de surpresa e a transforma em saco de pancadas. Claro, quem faz isso fala que brigou e quem é que vai contradizer? As pessoas que vêem o cara brigar o chamam de monstro e é essa fama que o cara pega, a não ser que tenha uma quantidade de amigos que o apoiem. Difícil uma coisa dessas chegar na polícia. Pouca gente topa uma espera que pode chegar a 16 horas na delegacia, como aconteceu comigo, uma vez. Quando chega, algumas vezes o processo é arquivado por falta de testemunhas ou porque o cara fez as pazes com o adversário, coisa possível com a nova lei 99 qualquer coisa.

O modus operandi da coisa, para quem não sabe ou se esqueceu de quando era criança, é simples. Não pode deixar o cara ficar falando um monte. Tem que falar um monte também e fazer cara de nervoso, ameaçando mesmo. Se deixar o cara "peitar", quer dizer, ir chegando perto, encostar o peito, a coisa tá perdida. Porque a partir daí o cara tem a iniciativa e sabe disso. Quem deixa o cara chegar perto é porque está com medo ou não quer agredir. Se o cara já chegou ali, sabe que o primeiro soco do adversário tem que ser na cabeça, sabe que pode agarrar o sujeito, derrubar no chão e fazer o diabo. Sabe até que tem que esperar o soco, porque ele só aparece quando a pessoa perdeu o controle mental que caracteriza um combate ferrado. Claro, eu perdi várias brigas (depois de velho), antes de perceber isso.

Fui no barzinho, perto do balcão, esperar a cerveja chegar. Não dava para acreditar que havia acabado. Encostei numa coluna de concreto, para esperar. Um cara de pavio curto discutiu qualquer coisa com a menina que estava atendendo. Comecei a ficar chateado porque o cara estava xingando e falando alto. Cometi meu primeiro erro. Eu achei. Minha professora me dizia: "Nunca diga eu acho, sempre tenha certeza". Pois é, eu achei que podia calar o cara só no papo. Fiquei tão concentrado nele que não reparei num pretinho, tipo meio saído do Sos nordeste, que estava com ele e passou do meu lado, para o balcão. Deve ser um freguês. Preto, naquele ambiente, não era normal. Não com aquela roupa. O cara de jaqueta começou a falar alto comigo, e eu comecei a falar alto, até que senti um cara me empurrando. Era o favelado. Puxei o cara das minhas costas e senti um soco no rosto. "Ninguem toca no meu amigo!"

Achei impressionante. Vieram dois ou três em seguida. Não me atordoaram, mas na hora de levantar os braços para revidar, o cara atrás de mim me empurrou, me desequilibrando. Emboscada. Tava no chão, quando me vi de novo. Levantei-me rápido, o cara de jaqueta veio segurar minha cabeça para dar uma joelhada. Acertou, mas nem senti. Ele também estava inseguro. Tentei contra-atacar, mas espaço fechado e multidão não combinam muito com socos.

Quando eu tentava chegar num cara, o outro me desequilibrava. Agachei-me para evitar os socos e dei um ou dois pontapés, mirando os joelhos e a virilha. Errei também. Eles também não acertavam muito. Tentei tudo num soco no saco. Era melhor do que na cabeça mas novamente errei. A multidão tomou conta. Me protegeram, e de um lado, vários idiotas vieram me falar para não continuar. Falei que ia. Tive chance de bater no pretinho, ele achou que a coisa estava ganha e baixou a guarda, para ir buscar uma vodca. Mas por causa da multidão, desisti. Chamei ele pro lado e falei que ia lhe pegar na saída. O idiota fez todo uma cena dizendo que era para pegar naquela hora, na frente de todo mundo. Esperto, o viado. Só faltou a turma do deixa disso me falar em côro para deixar para lá. Bando de covardes. Depois de muitos pedidos, (como o cara continuava lá) saí pela porta dos fundos. Nem pensei. Dei a volta e fui esperar o cara sair pelo outro lado. Saiu o cara de jaqueta. Servia.

Nem hesitei em cair em cima dele. Como um touro. Como um alvo. Me acertou mais 3 ou 4 dos seus socos. Nem senti.

Mas saquei que era um boxeador. Só podia ser. Foda. Atacava que nem um cara da tv, entra e sai para não enfrentar o adversário. Na segunda vez que me atacou, ou melhor, ele me atacou para defender do meu ataque, de soco e chute na canela, ele tentou me empurrar para a parede para dar a sequência de nocaute. Se ele me corneasse, era questão de tempo, me derrubar. Saí fácil. Senti mais duas sequências de socos mixurucas no rosto. e ataquei com um soco seguido de uma perna no saco dele. Por um instante, ele olhou para o chute na virilha e me atacou de novo. Aí decidi que tentaria um agarramento, e nem deixei ele se distanciar. Se fosse um pouquinho mais rápido, tinha botado ele no chão. Não deu. Ele se retesou todo e usou as pernas para impedir a rasteira. Foi quase. O jogo de pernas dele era muito bom. Quando ele se separou, foi quase para o outro lado do pátio. A cada ataque ele aumentava a distância. Parecia que a namorada havia chegado e tinha um cara me segurando. Podia ter continuado. Mas meu nariz estava sangrando e estragando uma boa camiseta. E o cara era bom de soco. Não tinha medo dele, ele parecia até assustado comigo, com a minha resistência. Não é normal o cara continuar atacando do jeito que eu estava. Lembrei de um filme. Tirei o deixa-disso da minha gola e andei até o viadinho, tenso como vara verde. Não ia dar pra continuar com a turma do deixa-disso ali. Ainda que eu conseguisse, não ia dar para massacra-lo. Passei minha mão no nariz e olhei pro sangue enquanto falava com ele:

- Você é bom. Luta boxe. Muito bom. Treina o seu boxe. Treina mesmo. Porquê eu ainda vou te pegar de novo, cara.

Isso não termina aqui.

O cara ficou bestificado. Observei ele mais tarde durante a festa. Os amigos ficaram animando ele um tempo para se relaxar. E o pretinho, vi ele brincar com uma nega dançando e depois ficar totalmente sério ao me reconhecer. Sentiu com quem brincou, né? Desisti de esperar. Tive chance, senti o cangote do viadinho na minha frente, na festa. Mas não aproveitei. Ia ser eu o estraga-festas. Melhor treinar e não desperdiçar a próxima. Tinha um guarda no bar. Melhor evitar. No banheiro, quase dei uma bronca num velhote. Tava querendo usar o espelho para se lavar, e não aguentava esperar muito. Eu nem falei nada.

Religião

"Eu acredito que Deus existe. Não só existe como me odeia". (Miguel Angel Zárate)

Um aviso que dão para os calouros na USP é a existência dos "Jesusps". São estudantes, bem vestidos, que se aproximam e falam o famoso "OI!" e depois perguntam seu nome, que faculdade você faz. E enrola um papo. Homens abordam homens e mulheres abordam mulheres. Qualquer pessoa que está meio triste, sozinha, se arrisca a ser abordada por eles. E o que acontece? A maior parte das vezes pinta um convite para um bate-papo evangélico. Que, se a pessoa aceita, é cobrado. Não pode aceitar só por delicadeza. Se você mora no CRUSP (eles perguntam ou descobrem seu endereço) vai aparecer, no sábado de manhã um homem (ou mulher, se você for mulher) te chamando para ir e vai te encher o saco até que você apareça lá. É uma tática que pode até fazer sucesso. Algumas vezes, tem mulheres bonitas nos bate-papos. E todo mundo é atencioso com todo mundo. Para alguns estudantes, vindos do interior, sem nenhuma amizade, confusos diante de uma metrópole como São Paulo, pode parecer uma forma de escapar da solidão.

No início, não é grande problema. Depois, começa a sabatina em cima e o sujeito começa a ficar com medo até de se masturbar. Estuda direto uma bíblia fornecida pelo grupo e sai por aí, em busca de gente para trazer para o caminho do senhor. Sair é mais fácil falar do que fazer. As amizades são um ponto que segura muito e a lavagem cerebral é algo muito forte. Há seitas evangélicas que são liberais e não interferem no desejo do indivíduo sair. O problema é que algumas vezes o cara até consegue sair, mas não consegue achar graça em mais nada. Por muito tempo. Que graça ou esperança pode fornecer o mundo

para um ex-religioso. O normal é o cara mudar de seita, não parar com o fanatismo. Nos EUA e na Europa existem centros específicos para indivíduos que saíram e até especialistas para "limpar" um pouco o trabalho de doutrinação. No Brasil, nada. Há medo até de colocar tal matéria na imprensa.

Existem as seitas não-jesusp, ou seja, orientais, como Hare-Krishna e Oshô. Falar o quê? No Brasil existe a liberdade de religião. O indivíduo é livre para orar nesse ou naquele culto. É bem difícil interferir nisso. Não se pode falar muito mal, porque as seitas religiosas, sejam elas quais forem tem o seu lado positivo. Muitas vezes é a única alternativa para um indivíduo que não consegue controlar um vício, como a bebida ou arrumar razão para não cometer um suicídio, coisa tão comum no Stress de cidade grande. Uma ou outra pessoa estaria na mais absoluta miséria mental e material se não tivesse aceitado este convite. Há exemplos de indivíduos que se "consertaram" depois que se converteram. Vai saber..

No início, é alguém que começa a conversar contigo sem que você saiba a razão. Se o assunto vai para o bate-papo religioso, a pessoa pode falar pura e simplesmente não. Mas nem sempre funciona, tem que ser bem enfático e eles não te pegam quando você está de mal humor. Te abordam quando o dia está lindo e não se tem vontade de brigar. O que fazer, então? Boa pergunta. Uma alternativa era falar que é judeu. Funcionava, porque judeu é quase sempre fanático. Mas hoje, convidam para o bate-papo religioso mesmo assim. Falar que é umbandista dá certo, mas nunca tentei. O que realmente usei foi falar que era devoto de Tantra. Essa foi a coisa mais legal que pensei. Porque todos eles escutam com paciência quando o papo é religião. Aí é só explicar que Tantra é o uso do sexo para se chegar a Deus. Você faz um clima com incenso e depois transa com sua namorada, mas sempre retardando o orgasmo.

Ejaculação é pecado. Não pode. Teve uma vez que eu descrevi a cena com tantos detalhes quanto possível e fui vendo o sujeito mudar de cor. Aí perguntei se ele tinha namorada, porque isso é essencial para alguém praticar tantrismo. Ele não tinha. Que peeeena. Outra coisa foi o lance da Opus Night. Que é o contrário da Opus Dei. É um pessoal que fica nos botecos, batendo papo, curtindo um uísque e discutindo a salvação do mundo. Tem que consumir álcool? Tem.

Para se discutir a salvação do mundo é necessário enxergar além da realidade. Ora, a realidade é apenas um sintoma da ausência crônica de álcool na corrente sanguínea, dizem os irlandeses.

Depois de um tempo com esse papo, a notícia se espalhou, nunca mais fui abordado por ninguém.

Estória interessante é da Mironela. Era uma garota meio sacana. Vivia encoxando caras numa festa, atiçando e depois caindo fora. Morava com um sujeito que fazia verdadeira coleção de artigos religiosos. Ia em tudo quanto é encruzilhada atrás de lembranças. Alguns diziam que ele gostava de inseri-los em lugares bem estranhos, dele e de outros, vou lá saber. O fato é que o pessoal entrou no quarto dele um dia e começou a brincar com uma rosa cruz. Brincaram demais, ficou estragada. Fazer o quê? Resolveram, de sacanagem, colocar no armário que a Mironela tinha no banheiro. Tava todo mundo meio bebum e foram dormir em seguida. Dia seguinte, acordaram com a menina gritando.

- Que que significa isso?

- Acho que alguém te pôs um feitiço, Mironela.

- Humm, já sei quem foi. E vou até cortar o caso com ele.

E foi. Depois foi a cata de gente para limpar os maus humores. Jogou sal adoidado, chamou um pastor evangélico para rezar no apartamento e depois uma espírita. Finalmente chegou na mãe e pediu para ela vir rezar também. A mãe só falou:

- Se vira.

A menina ficou dias emburrada:

- Justo minha mãe...

Gays, Lésbicas e Simpatizantes

"Quem gosta de pau é bicha. Mulher gosta é de grana". (Sérgio Armando)

É um assunto que poderia dar um livro. São vários tipos diferentes e quando escrevo essas linhas, deixo bem claro que estou comentando pós-conceito e não pré-conceito. Tanto o gay quanto a lésbica podem ser generalizados em várias categorias:

Assumido (não esconde a condição) X Enrustido (ninguém sabe que é, até ele)
Resolvido (está nem aí pro que pensam) X Problemático (quer que todo mundo o aceite)
Compromissado (tem alguém) X Carente (topa qualquer um que aparecer, para tirar o atraso)
Discreto (não conta pra ninguém que é) X Esfuziante (precisa falar?)
etc, etc, etc

A maior preocupação em relação ao gênero, é do tipo homofóbica, pode ser resumida nestas frases:

será que o indivíduo vai tentar me comer?
meus amigos vão me respeitar se me virem com um?

É complicado, porque o índice de medo de homossexuais, vulgo homophobia, aumenta diretamente em proporção com o tempo que o heterosexual está a perigo. O pior é que os dois podem estar a perigo. Fica algo parecido com a situação de ser amigo da Suzana Alves, a Tiazinha.

As pessoas têm uns preconceitos em relação ao assunto. Até onde descobri (não pesquisei profundamente, tudo é convivência ou ouvir falar), gays, só porque são gays, **não são necessariamente**:

covardes
bons cozinheiros
mente aberta
consumidor de drogas
afeminados
prestativos
traiçoeiros
soropositivos
bem-humorados
amigos de todo mundo
ordeiros
educados
aluno da ECA (conheço vários que são e que não são)
possuidores de bom gosto
etc

O cara pode ter uma ou mais de uma dessas características. Ou nenhuma delas, sei lá.

CUPIDO de GAY: Havia um tempo em minha vida que minha namorada, Tetê (apelido) foi morar num apartamento com um casal formado por um gay (apelido Vavá) e uma lésbica (apelido de Diesel, vulgo Didi), ao mesmo tempo. Vavá era um cara que fazia uns bicos tipo programação e a faculdade não sei se era matemática ou física. Já Didi era algo de artes plásticas. Tinha tudo para ser um macho, até cara

feia, quando tava afim. Tinha sido baterista de 2 bandas de rock, na terra dela. Subia nas favelas sem o menor problema.

Os caras curtiam vida noturna pacas. Um dia, o Vavá arrumou um namorado. Lindo, maravilhoso, com casa de praia, carro importado, pais que já tinham mandado ele pra Londres, Paris, enfim, o tipo de situação financeira que podia fazer um hetero pensar no que estava perdendo. Lógico que o Vavá entregou tudo de mão beijada pro cara. Mergulhou na relação como se fosse durar para sempre. Aí aconteceu o inevitável. O cara foi embora. Coisa que eu já previa, mas não ia falar, afinal, que que eu tinha ver com isso. Do meu ponto de vista de macho, qualquer cara com muita grana não ia gastar tudo com uma mulher só. Gay ou não, o RG do cara dizia sexo masculino e toda mãe avisa a filha que homem nenhum presta. Aí, tudo bem, Tetê me contou essa história, eu ouvi e falei o óbvio:

- Vamos sair hoje a noite?

- Não posso.

- Porquê? A gente combinou faz tempo, você tá com a semana lotada. Tem que ser hoje.

- O Vavá tá passando mal. Ficou com disenteria a noite inteira, eu preciso levar ele no HU para tratar, quem sabe colocar um soro.

- Deixa ele, é problema amoroso, isso passa..

- Não.

E por aí foi. Depois da segunda vez que a "nossa" noite foi prejudicada por conta do problema amoroso do cara, não aguentei. Tava pensando em trocar de namorada, quando tive a idéia, a grande idéia. A salvação da Pátria.

Nos tempos de secura, quando nenhuma mulher olha pra gente, uma coisa as vezes acontece. Os gays que ficam olhando parecem que incomodam mais. Naqueles dias, aconteceu d'eu dividir um grupo de trabalho na Pedagogia com um sujeito assumidamente assumido, apelido Ícone. Ele não deu em cima de mim porque eu tinha dado a entender que não era minha praia, etc, etc. Mas um dia tomei coragem e perguntei pra ele se ele tinha namorado. O cara me olhou com uma cara de "é hoje que eu tiro o atraso". Expliquei o problema.

- Você topa conhecer o sujeito? Quem sabe você se arruma?

- Tudo bem. Táqui o meu telefone.

Resolvido o primeiro passo, fomos para o segundo: como passar o telefone para o madaleno arrependido?

- Táqui, você que mora com o cara. Se vira, Tetê.

Ela ficou com aquilo na mão quase uma semana. Aí entregou para a Didi e contou mais ou menos o lance. A Didi ouviu, olhou para a Tetê e soltou aquela risada. Chamou o Vavá, contou tudo e os dois ficaram olhando um pro outro, morrendo de rir. Dois dias depois, Vavá ligou, combinou e se encontrou com Ícone. E finalmente pude sair com minha namorada numa boa, para tirar meu atraso.

Festas:

"O que chamam de sociedade hoje é pouco mais do que individualismo grupal. Mas você tem que achar seu grupo de indivíduos" (do autor)

São das mais variadas possíveis. As que ninguém sabe direito como é, onde tem que se ser convidado para entrar (além de levar uma bebida) como a festa do cabide, passando por bailes e festas de aniversários, que qualquer um entra. Algumas tem que levar bebida, outras o aniversariante banca.

Uma que marcou época mas nunca me falaram muito, foi no bloco D, bem depois da reforma. Ou foi no C? O fato é que em teoria, era só mais uma festa do cabide. Mas a coisa foi noite adentro. De manhã

O CRUSP visto por um mineiro – Derneval R.R. da Cunha - drrcunhal@yahoo.com.br

seguinte, a música e o som não haviam parado. Teve gente que saiu só para abastar a festa de bebida. Chegou a tarde, até o COSEAS tava preocupado. Não conseguiam parar a festa. O interfone tava fora do gancho. A segurança foi chamada. Não podiam invadir. Cortaram a luz. O pessoal tinha som movido a pilha. Acabaram conseguindo parar a festa, lá pelo final da tarde. Não deixando mais ninguém entrar. Um estooouro!

Esquerdofrenia

"Eu tenho dúvidas sobre a implantação do Socialismo no Brasil. Acho que não vai sobrar Carla Perez para todo mundo".

A dissolução do chamado Bloco Socialista trouxe uma espécie de vácuo na esquerda brasileira. Vi amigos



meus caírem numa espécie de depressão quando viram a bandeira comunista sendo baixada no Kremlin. E caíram em uma depressão muito maior quando uma onda de refugiados albaneses resolveu afundar o navio dentro do porto, na Itália, para dificultar a deportação.

Chamar o que existe hoje de a "Esquerda" é meio que miopia. O que existe, se olhar de perto, é uma miríade de caminhos que o pessoal denomina de "oposição". Todo mundo, até no governo tem gente contra o governo. Todo mundo é do contra, mas acaba criando uma dissidência. Ninguém quer se unir num só bloco. Quer criar um bloco e os outros que venham atrás. Citam o MST, mas e o resto? Será que o camponês, com terra, depois de comprar sua TV a cores com video-cassete vai querer ficar só nisso, lavrar a terra para subsistência e criar os filhos? Ou vai entrar num consórcio para comprar um carro, uma máquina de lavar, forno de microondas, virar consumidor? Não sei mais no que acreditar. De interessante da minha experiência no CRUSP, são as histórias e estórias do tempo em que se acreditava na revolução.

Serginho me contou uma vez sobre ser ou não ser de esquerda. Me dizia que o bloco dos trotkistas tinha uma postura menos proselitista do que o resto. Você ia num congresso, tipo UNE, por exemplo. Queria encontrar o pessoal era só seguir o cheiro de "tabaco" e tava lá a moçada. Solidariedade. Uma vez, reza a lenda, não sei qual chapa inventou o seguinte grito de guerra para uma passeata:

- Força! Ação! Assim é Viração!

Os trotkistas chegaram com outro:

- Pinga! Limão! Açúcar União!

O CRUSP visto por um mineiro – Derneval R.R. da Cunha - drrcunhal@yahoo.com.br

Os Libelu (não sei se estou falando da mesma tchurma) tinham um lance meio original, tempos atrás, quando chegaram as manchetes de jornal como grupo de oposição:

- Me bate! Me chuta! Sou Liberdade e Luta!

Foi num ônibus que ouvi o termo esquerdofrenia. Um rapaz que tinha o discurso de movimento estudantil mais ou menos assim:

O problema do movimento estudantil atual é que ninguém se mobiliza. Os que vão nas passeatas estão divididos em dois tipos: os que ouvem que a universidade está sendo sucateada e ficam nisso e os que estão afim é de botar pra quebrar para que isso não aconteça. Aí vem aquelas piadinhas: Até que ponto você é de esquerda?

- Eu sou canhoto. Mais esquerda, impossível.

- Eu sou de esquerda, mas na hora de bater sou de direita.

Sabe, eu perguntei pra minha mãe qual a linha política dela, ela falou que é marxista. Porque? Porque para ela, ser humanista é ser marxista.

Então, o que dizer dos grandes líderes? Que foram grandes e só isso? Não. Fizeram grandes erros como o que matou Trótski. Ou Stálin, que matou muita gente. Eles seguiram um caminho que hoje nós não achamos correto mas que na época talvez não tivesse escolha. E qual seria o caminho correto? O do centralismo democrático. Que idéia é essa? As decisões vão migrando das bordas para o centro. Para não haver divisões. É cruel, mas é a única forma de conservar a força, através da União. O indivíduo tem que se sujeitar as decisões do comitê. Senão nada acontece.

Piscina

Quem inventou o trabalho, não tinha o que fazer. (Barão de Itararé)

O CEPÊ abriga o melhor clube do Brasil, em vários aspectos. Você tem que fazer vestibular para entrar ou ser funcionário. Durante a semana então, o que se vê é aquela moçada jovem, forte, geração saúde, tomando sol. Existem os habitués do pedaço. Rolam papos incríveis e é o lugar onde o pessoal das várias faculdades e ouvir umas opiniões interessantes sobre o CRUSP.

Como essa, de um sujeito decididamente de direita:

- Acho uma pouca vergonha esses caras metido a besta querendo brincar de guerrilha. Eles querem fingir que vão a luta, fazer a revolução? Tudo bem, acaba com esse negócio de divisórias no bloco. Dormitório, de agora em diante. Querem ser revolucionários? Vai todo mundo vestir verde oliva e coturno. Toque de recolher as 10hs da noite e manhã as 5hs todo mundo pra fora, que vagabundo não faz a revolução.

Trabalho

Acredito em duas coisas: na morte e na falta de grana. Todo o resto é ilusão. (do autor)

Muitos estudantes começam a vida profissional dentro da USP. Existe a chamada Bolsa-Trabalho. A pessoa recebe um salário mínimo para trabalhar num projeto dentre os vários oferecidos todo ano, numa data específica. Uma maneira muito boa de fazer um dinheirinho sem prejudicar os estudos. Como? Pode ser analisando dados estatísticos na Enfermagem ou trabalhando com internet na Física. Tem uma seleção, algumas vezes tem pré-requisitos. Só cerca de 20 horas semanais, com entrega de relatório. Mas é dentro da USP, não se gasta condução. O problema as vezes é que não se tem muitas vagas. Como sempre, ter QI

pode ajudar como em qualquer lugar do planeta. Mas não é tanto (senão não teriam me dado uma monitoria na Estatística Aplicada, onde comecei minha carreira na Internet).

Além disso, tem algumas alternativas, promovidas por professores ou laboratórios, que recrutam estudantes para ajudar nas pesquisas ou trabalhos feitos pelos departamentos ou núcleos, fora do programa de bolsa-trabalho. Coisa rara e esparsa, mas que também acontece.

Quando comecei minha carreira profissional, não tinha a menor noção de currículo. Mas já era hora de parar de dar aula e fazer algo mais sério. O sujeito tem que começar a carreira profissional dele em algum lugar e o normal era como estagiário. Conseguí um muito legal, na FEA. O difícil foi no primeiro dia, porque os 3 estavam sendo substituídos, a secretaria e os dois ajudantes. 3 adultos olhando um pro outro com a maior cara de panaca, sem saber o que era serviço de escritório. O chefe falava e a estudante de economia anotava. Eu ficava quieto, ouvindo. Era mais propaganda de trabalho do que trabalho. A pessoa que estava sendo substituída não estava sendo paga pra treinar ninguém, pelo contrário. Até queria que eu comprasse umas revistas e livros que ela vendia. Foi muito legal como experiência, mas o truque que fez valer a pena foram os cursos. A pessoa tem que aproveitar, senão fica a ver navios mesmo.

Essa aconteceu com um amigo meu (pode ser mentira), que conseguiu um trabalho de pesquisa num lugar que não tinha nada a ver com a faculdade, era empresa privada, mas que precisava de estagiários. No primeiro dia, aquela ânsia, competir com a turma para ver quem chegava mais cedo. Todo mundo só estagiário e estava lá as 8 da manhã.

Lá pelas 9:20 chegou o primeiro funcionário. E eles ali, só observando. Depois de uns dias, resolveram fazer a brincadeira ao inverso. Competir para ver quem chegava mais tarde. E foram chegando 11:30 e ninguém falava nada. Até que um dia, um deles teve uma conversa no canto com um funcionário. O aviso:

- Ô, cara, você está trabalhando muito. Vai perder o trabalho.

Falou e não conversou mais nada sobre o assunto. E o sujeito reparou que naquele escritório de pesquisa, os caras ficavam inventando jeito de adiar o trabalho direto. E todo mundo falava uns pros outros "você tá trabalhando muito". Aí veio a luz. E começou, mesmo sendo estagiário, a seguir o ritmo dos caras. E na panelinha dele, mesma coisa, começaram a falar uns pros outros.

- Tá trabalhando muito, vai perder o trabalho.

Um dia, o sujeito estava cansado de não fazer nada. Foi para o topo do prédio. Ficou brincando de tentar acertar os carros com bolinhas de papel que os caras jogavam fora. Para descer, foi de escada, parou nos outros escritórios dos prédios, cumprimentou gente. Chegou no andar dele, o funcionário que tinha dado a dica, superior dele, falou:

- Tô ouvindo de você de todos os andares, tá trabalhando muito. Vai perder o trabalho, heim?

De vez em quando havia trabalho real mesmo. Mas nem sempre. No final do ano, a economia piorou e as verbas para a pesquisa naquele instituto micharam. O chefe recebeu a notícia, não teve dúvida. Tinha uma turma que estava dando o sangue e o suor pela causa. Já tinham completado quase todo o cronograma para o ano seguinte, inclusive.

Foram todos mandados embora.

Casamento e filhos

Dentro do conjunto residencial, define-se como casamento o ato de duas pessoas começarem a morar juntas. Há quem defina que um namoro sério já é um casamento. O povo se vê todo dia, as vezes até assiste aula junto. Passam mais tempo em comum que muitos casais. O grande problema é quando falta camisinha. Aí, das duas, uma. Ou deixa nascer ou aborto. Há moradores que tem lista de clínicas, mas o problema é grana. Aborto você paga a vista, mas uma criança é algo que consome dinheiro a prazo e no

início, pode não ser tanto dinheiro assim. Já vi 3 ou 4 amigas desse jeito. As mães do Crusp são uma coisa meio complicada. Do ponto de vista acadêmico, não se preve tal coisa. Dividir o apartamento com alguém que deu a luz pode ser o inferno na terra, quando se tem prova para estudar. Algumas casam para fins de regularizar situação perante os pais. Outros ficam nisso. Já vi mulheres que deram o chute nos "maridos".

Ninguém tem coragem de chegar e falar abertamente "fora as mães do Crusp". Principalmente as mulheres. Afinal, pode acontecer com você.

"Não era um dos caras por quem eu mais me apaixonei. Sabia que não ia durar muito. Mas ele estava afim.." (contado por uma mãe do CRUSP)

Mulher

Toda mulher vira, cedo ou tarde, uma agência de marketing de si mesma. (do autor)

É muito legal a falta de atenção da mulher com o lance dos papéis tradicionais, dentro do CRUSP. Abre a porta do elevador para você e nem se toca que podia ser o contrário. Mas agradece quando abrimos para ela. Homem nem sempre, óbvio. Mas algumas ainda fazem umas coisas meio que chatas, típicas. E algumas são enigmáticas.

Mironela (apelido) era uma menina que se dizia do interior. Mas quando chegava nas festas, se esfregava com uma gata no cio em três ou quatro caras diferentes. Para todos prometia a mesma coisa. Que não entregava. Se ela fosse bonita, o pessoal achava normal. Mas era feia. O pessoal dava atenção porque acreditava estar vendo uma DPD (doida pra dar) e ficava a ver navios. Caiu na boca do povo. Um dia, o pessoal formou uma rodinha, perto do apartamento onde ela morava, começou a comentar o jeito dela. A menina ficou vermelha e começou a gritar a partir da janela:

- Seus safados! Sou apenas uma menina humilde, que veio do interior, que tenta se manter inocente, vocês estão acabando com minha reputação, salafrários, vigaristas, sem vergonhas, se meu pai estivesse aqui dava uma surra, sem vergonhas ..

Mas não saía do apartamento para por um fim na conversa.

Já a Janviera (apelido) era uma menina diferente. Japonesa, ficava te encarando de longe, no bandejão. Como se tivesse te mandando um mau-olhado. Você homem, bem entendido. Uma hora, você levantava, pensando: essa mina quer brigar, que que tá acontecendo. Tudo bem. Vai até lá, ela senta contigo, começa a conversar e duas horas depois você nem se lembra como começou tudo. Ela fez isso um monte de vezes com um monte de gente. Gostava de tirar fotografias tendo o pessoal do CRUSP como modelo. De nua. E tinha gente que aceitava. Aliás, o interessante era ser convidado para o apartamento dela, no 6º andar do bloco C. Ou 5º? O fato é que quando acabava de entrar, ela tirava a roupa, porque era naturista. Mas não fazia questão que os caras tirassem, podia perfeitamente continuar vestido. Todo mundo achava que era "o" homem dela, mas como ela controlava legal, ninguém desconfiava de nada. E quando ficava sabendo, desencanava da menina na hora. E por aí ia..

Uma que achei legal foi uma loira do 511. Legal porque tinha olho azul e não era assim particularmente bonita, a primeira vez que a vi. Mas como morava próximo e sempre a via no Bandejão, pude observar uma metamorfose numa mulher bonita. Primeiro, soltou os cabelos e deixou crescer, como se fosse a Gal Costa. Começou a sorrir e olhar com um ar de quem está se divertindo com tudo. Voilá. Tempos depois estava irreconhecível, jeito de top model num corpo pequeno. Não sei se arrumou namorado, mas conseguia chamar a atenção vestida de modo simples, mesmo numa assembléia de estudantes.

O CRUSP visto por um mineiro – Derneval R.R. da Cunha - drrcunhal@yahoo.com.br

Foi nessa que também conheci uma menina fantástica, super gente fina, vinda do interior de Minas. Ainda somos amigos até hoje. Me impressionava muito, porque não achava ela especialmente bonita, não era nem particularmente esbelta. Mas nunca a vi triste e sempre tinha namorado. Um dia comentei com ela e a resposta é que de vez em quando, ainda tinha que escolher um dos que estava afim. E o visual dos caras com quem andava não era de tranqueira não. Deve ser o sorriso e a simpatia. Pura beleza interior. A última vez que a vi estava casada e fazendo concurso para dar aulas pra rede de ensino do estado.

Política Interna

A Invasão/Ocupação do Bloco D.

Era uma vez um museu contendo vários objetos de arte, sarcófagos, esqueletos de vários tipos e outras preciosidades. Estava fechado a visitação, seu acervo estava a tempos para ser transferido para outro local. E havia um pessoal sem ter onde cair vivo..

A maior parte fala em invasão. Eu prefiro falar de ocupação. O museu que estava instalado naquele bloco, estava fechado para obras. Era um prédio que inclusive não era bom para isso. Podia perfeitamente virar moradia estudantil sem necessidade daquele agitação toda. Claro que foi uma algo que poderia ter sido feito de outra forma. Acho até que deveria ter sido de outra forma. Enfim..



O que estava acontecendo é que os hóspedes que estavam no alojamento do CEPEUSP (meio que sob a tutela minha e da "Flata"), estavam se pelando com a chegada da fatídica data da lista de Schindler (ou lista de seleção de novos moradores). Nem todo mundo tinha conseguido hospedagem. Um monte ia pura e simplesmente ficar na rua. Por um acaso do destino eu tinha pedido emprestado pra um amigo, uma cópia de uma fita chamada "experiência crusiana". Tinha uma idéia de mostrar pro pessoal mais ou menos no que eles estavam entrando. Era pra ser uma sessão só. Falaram tanto que marquei uma segunda e a fita foi roubada antes disso. A 3a vez que roubavam essa ou outra cópia da fita. Sei que por conta disso, falei um monte e me ausentei alguns dias das assembléias e reuniões, pois tinha faltado com um grande amigo nesse troço.

Quando eu vejo, um amigo me chama para falar numa assembléia de calouros já que a Flata tava falando que ia sair fora da gestão. Fui lá, nenhum outro diretor queria pegar essa batata. Gozado, quando cheguei, ninguém sabia da chave da sala. Estava com um ruivinha da ECA. Tínhamos proibido o porteiro de entregar pra qualquer um, mas a menina convenceu ele que a gente tinha autorizado. E já tinha trazido a turma de teatro para ensaiar, na maior cara de pau, inclusive um babaca que nem queria saber de ir para outro lugar. Ficaram os dois tentando me convencer que uma assembléia de 50 pessoas podia ser feita numa cozinha do 3o andar do bloco A. Para que uma turminha de 4 pessoas ensaiasse num sala mais espacosa. Saíram com bronca, ainda por cima.

Iniciando o debate, ouvi que o pessoal tava sem saber para onde ir, tava com medo mesmo da coisa. Primeiro, o uso do alojamento do CEPÉ estava lotado para a data posterior a seleção. O diretor nem queria ouvir falar em prorrogamento da estadia dos calouros. Os caras pensaram num monte de possibilidades. Até a ocupação de salas de estudo dos prédios. Minha única tarefa naquele dia foi basicamente ouvir e conversar, propus alguma coisa, que a associação ia pensar algo. Até parece.. Havia membros da diretoria que achavam que nossa obrigação era com os moradores oficiais SOMENTE. O DCE nem queria saber do assunto, também. Calouro ainda não era morador, por isso podíamos lavar as mãos. Eu não falei muito porque a coisa da Flata e quase que só dela, que fazia questão de administrar tudo sozinha. Eu tinha entrado no caso, mas só porque tínhamos o hábito de qualquer tarefa ter dois da diretoria mexendo, em caso de um sair fora ou estar indisponível. Minha

ajuda foi um baita apoio moral que não deixou ela cair fora nem os outros lavarem as mãos para o caso. Fui o único nisso.

Aí, dias depois fiquei sabendo por alto, do que tinha acontecido, ao voltar do trabalho. Uma menina simulou um mal estar para o porteiro abrir a porta do prédio, cujo museu estava em reformas. Na hora em que a porta foi aberta, entrou a turma toda, alguns com colchonetes e outros lances para segurar o local. Talvez tenham tirado a idéia do filme "experiência crusiana", um cara ficou falando mil e um lances sobre a invasão, logo depois da sessão de vídeo. Sei que teve uma assembléia na noite anterior, onde o pessoal discutiu tudo. No dia seguinte, já estavam segurando a porta de entrada, formaram comissões para ir nos CAs e nas turmas da faculdade, pedindo ajuda em dinheiro, quem pudesse contribuir, para comprar comida pro pessoal. Outra turma ia se encarregar da imprensa. Eu cheguei tarde, por volta das 5 horas, tavam formando a comissão de imprensa. Uns dois ou três caras da ECA-Jornalismo queriam ser os porta-vozes, mesmo sem ter nada a ver com o peixe. Claro. Era a primeira invasão em vários anos. (Obs: tirei umas fotos, se alguém se interessar, doe para o MIS)

A maior preocupação era com os objetos, muitos de valor inestimável, que estavam no Museu. Inclusive, foi espalhado para quem quisesse saber que a ordem era jogar tudo pela janela, se houvesse invasão da polícia. Nesse aspecto, não houve menor sombra de dano em nada. Nada do acervo do museu sumiu. O mesmo não se pode dizer dos escritórios. Dias depois, ratificada a ocupação, os funcionários puderam entrar e tirar quaisquer pertences ou objetos de escritório que quisessem. Nesse dia, uma das ocupantes, velhinha, porém fotógrafa, tirou várias fotos. A Flata saiu na maioria. O único incidente digno de nota (apesar que toda noite algo acontecia lá) foi uma vez que aprisionaram o Duílio dentro de um sarcófago que ficava na portaria. Reza a lenda que isso aconteceu pouco antes de inspetores de museu inspecionarem o mesmo. Quando abriram, o cara saiu de lá de dentro.

Ninguém entrava no prédio. Eu agitei o fato de que era da Associação e fui lá pro sexto andar, onde estava todo mundo. Estavam fazendo assembléias de vez em quando. Eu dei umas sugestões, fiz um texto, o pessoal gostou. Alguém produziu uma câmara, que desapareceu depois. As únicas fotos feitas eu fiz uma semana depois, o local estava meio irreconhecível. Mandei pro MIS. Fiquei muito impressionado, porque as reuniões deles eram organizadíssimas. Todo mundo colaborava, todo mundo escutava, todo mundo respeitava. Não havia divergências. Só de vez em sempre acontecia uma loucura, como quando um cara resolveu fazer um passeio pelo lado de fora das janelas. Foi de um lado a outro do prédio pelo lado de fora, usando o espaço do rodapé. Outra foi uma festa de comemoração no teto. Todo mundo bebum e ninguém caiu dali.

A demagogia apareceu mais tarde, na forma de um representante do DCE, que queria tomar conta da cena e dar ordens falando de onde achavam que ia vir os policiais. Fui bem claro e avisei para o pessoal lá, enquanto o sujeito fazia um discurso "se eles não ajudaram antes, porque agora". Acabaram não entrando mais no prédio. Foi uma coisa muito interessante inclusive. Ninguém queria ajudar antes. Mas depois, quando vieram as negociações, estava lá o DCE, a AMORCRUSP, todo mundo. Até um dia em que simplesmente esqueceram de colocar o nome de um representante dos moradores do bloco D. Quer dizer: a opinião dos caras que fizeram a ocupação (ou invasão) não era necessária. O pessoal então ficou com uma certa consciência de classe e passou a usar a Associação apenas como forma de interagir com o COSEAS e a Reitoria.

Nessa de consciência, eram e podiam, apesar de não abusar. Como existia uma espécie de elo comum, iam e voltavam juntos para todos os lugares. Assembléias ficavam cheias ou vazias dependendo deles. O mesmo acontecia com as festas. Várias vezes, saía o pessoal do D, acabava a festa. Não tinha mais ninguém.

Eles mesmo haviam decidido que, só quem tinha ajudado na invasão ia continuar lá dentro. E realmente, apareceu gente com as histórias mais esdrúxulas para ver se garantia a moradia, já que a seleção ainda não havia acontecido. Tinha gente que ficou sabendo pelo Rádio, tava no centro da cidade, nem era da Universidade e vinha tentar uma vaguinha. Outro dizia que era joguete do morador, que estava riscando cruzes no corpo dele, com um canivete (só assim podia continuar como hóspede). Eu

O CRUSP visto por um mineiro – Derneval R.R. da Cunha - drrcunhal@yahoo.com.br

fiquei umas 4 horas dialogando com um cara da história que tinha a maior fama de brigão, até que ele encheu o saco de ouvir a mesma ladainha e foi embora. Alguns estavam no mesmo alojamento do CEPÊ, mas ficaram com medo de participar então também ficaram de fora. Mais tarde, o pessoal do bloco D fez uma coisa muito legal que foi dar uma lista pro COSEAS falando que não estavam mais concorrendo às vagas da seleção. Iam ficar no espaço que conquistaram.

A vida de ocupante não era muito legal. Muita briga, todo dia uma, por uma razão diferente. As mulheres ficaram encarregadas da cozinha e tinha um grude local, cozinhado na cantina do 3º andar e pago por contribuições dos estudantes e "vaquinhas" dos mais variados tipos. A reitoria, constatando que não havia depredação, doou colchonetes para a moçada, mas era um frio desgraçado, naquele início de inverno. A MTV veio entrevistar, todos os jornais. Todo mundo teve seu momento de fama. O chato era tomar banho, o prédio não tinha muita infra-estrutura para abrigar gente. Outra coisa era montar guarda na portaria. Tinha uma lista de entrada (quem podia e não podia) e 24 horas um número de pessoas tinha que ficar lá, inclusive para dar o alarme (havia uma proposta de tocar o alarme de incêndio nesses casos, mas eu alertei que tudo era tão velho que podia não funcionar). O pessoal só faltava colocar palito de dente para abrir os olhos.

Mais tarde, o acordo foi feito, os andares seriam demolidos, com exceção do sexto, que seria a moradia do pessoal enquanto houvesse a reforma. O acervo do museu foi empacotado e levado. O sexto andar ficou só, com um imenso espaço vazio abaixo. Nessa altura tinha um banheiro e uma cozinha comunitária, cada qual no extremo canto do andar. O pessoal se revezava para tomar banho. Para comer, usavam a escada de incêndio. Quem olhava do F, parecia que estava sendo objeto de estudo. Em alguns casos estava. As paredes eram meio finas no 6º andar do D, o pessoal fez um número de aberturas para ficar vendo as estrelas com binóculo, do outro lado. De vez em quando você ouvia o grito "Pô, o cara fechou a janela".

De vez em quando, surgia algo que o pessoal fazia para quebrar a monotonia. Tipo o "Clube de Mulheres". Era o tempo da tal novela em que tinha isso de strip masculino. Ninguém sabe quem teve a idéia. Um dos moradores tinha uma caixa de som, conectaram no gravador e os homens começaram a fazer strip-tease na escada de incêndio. Lotou de meninas em todas as janelas do bloco F, de frente para o espetáculo. Uma até subiu no teto e fez seu próprio strip, para homenagear a galera do outro lado. Chamaram a polícia, mas até o pessoal subir até o sexto andar, já tava todo mundo recolhido dentro dos quartos. Alguns perderam a condição de morador nessa história.

Quase houve mortos durante tudo isso. O problema é que houve mudança de coordenador. O Calegari foi substituído pelo Hamilton, na mudança de Reitor. Que tentou empurrar com a barriga, essa questão da reforma. Parou de fazer a manutenção do sexto andar. Um dos moradores já tinha caído do quinto andar do bloco, bêbado numa festa. Sobreviveu, embora tivesse que fazer várias operações, usar pino no joelho, etc, etc. Está morando lá até hoje. O caso do Moisés foi uma coisa mais trágica. A manutenção estava tão ruim que não se sabia se o elevador estava ou não no andar. E o pessoal entrava enfiando uma caneta para destravar a porta. Com o tempo, ficou automático. Ele caiu no poço do elevador porque pensou que o mesmo estava no andar. Não olhou direito. Tiveram que derrubar as paredes para alcançar o corpo. Pelas conversas que tive com ele no hospital:

"O tempo todo da queda, eu pensava num caso do sujeito que virou tetraplégico. Depois apaguei. Quando acordei, estava no hospital, comendo através de aparelhos. Podia contar cada gota daquela sopa pelo tudo que entrava no meu nariz. Era horrível. A medida que minha saúde foi melhorando, me transferiram para outra ala e pude comer com a boca. Mas era uma comida asquerosa, ruim. Fizeram várias operações até que finalmente me transferiram para este quarto".

Longe do quarto, todo mundo indignado clamava pelo sangue do coordenador, certos de que o rapaz ia mesmo ficar paraplégico. Se tivesse a sorte de sobreviver. Uma mulher chegou no bandejão, tentando insuflar o pessoal:

"Vocês sabem que o vai acontecer com o rapaz, se ficar tetraplégico? Nunca mais vai trepar com uma mulher, vai sempre depender dos outros, numa cama de hospital. Nunca mais vai trepar, gente!!"

Podem falar o que quiser do coordenador e responsável indireto pelo acidente, Prof. Dr. Hamilton Luiz. Algumas coisas posso até concordar. Mas não foi covarde. Foi visitar o local do acidente, mesmo tendo uma multidão que muito fácil podia lincha-lo. Alguns estavam bem afim, bastava alguém dar o primeiro soco. Não havia polícia, não havia guarda-costas. E ele ainda estava tentando se desculpar pelo ocorrido. Ficou acho que uma meia hora.

Graças ao acidente, voltou-se a falar em reforma dos blocos, termino da reconstrução do bloco D e outras coisas mais que não recordo agora. Todos os poços de elevador foram reformados. O CONTRU não gostou muito de ter sido fácil retirada do acidentado. A saga terminou com a desocupação do sexto andar e posterior demolição, para se reconstruir o prédio depois, o primeiro desde o F a ter paredes de alvenaria e o primeiro da USP a ter um andar com apartamentos e elevadores próprios para deficientes. Uma vitória dos estudantes para os estudantes conseguida por eles mesmos.

AMORCRUSP - Associação de MORadores do CRUSP

(Observação: refere-se ao período até 1995 e trata-se principalmente da descrição das regras empregadas durante o tempo em que tive alguma participação. Quando há descrição de fatos, esteja claro usei apelidos inventados no lugar do nome)

A Associação de Moradores do Crusp, assim como sua companheira da Pós-graduação, é responsável por uma boa parte da agitação que acontece no pedaço. Em quase todos os sentidos. Por várias razões, não vou comentar os mandos e desmandos da atual, mas sim a Associação cuja gestão tive uma participação. É uma experiência que te ensina muito sobre a vida e as pessoas. O preço é alto. No popular: você entra cajá e sai cajú. Mas o que é a AMORCRUSP? Basicamente é um grupo, eleito exclusivamente pelos moradores oficiais, que coordena assembléias, organiza festas, decide sobre o uso da antiga sala 51 (que já foi nas Colmeias, depois mudou para o térreo do C e agora está no F), promove passeatas. Atualmente faz um quebra-pau, de vez em quando. Tinha, antes da última e odiada administração do COSEAS, o trabalho de julgar os recursos dos moradores ou dizendo de outra forma, julgar se a explicação em papel do fracasso do ano letivo do morador era válida.

Assembléia:

Em tese, não havia poder maior que a reunião de todos os alunos numa sala, votando uma questão. Nos áureos tempos do CRUSP, havia enorme participação. Já na época onde participei, tudo dependia do assunto em questão. Se o assunto era polêmico, como "o que fazer com os gatos no crusp" ou "a expulsão sumária de moradores", havia uma quantidade enorme de gente. Se fosse algo como "discussão da limpeza nos blocos" ou "eleição do regime interno da AMORCRUSP", o comparecimento era quase zero. Algumas vezes, a participação foi forçada, como a que regia a comissão de informática do CRUSP. Foi fechada a sala e um cartaz avisava que na assembléia ia ser decidida a reabertura. Outras vezes, membros da associação foram de porta em porta, chamando os moradores.

Podia ser um exército de cidadania, já que as assembléias tinham gente coordenando, proposta, defesa de proposta e direito de resposta, além de outras práticas comuns a plenários. Cada um tinha o direito de falar e de ser ouvido enquanto falava, salvo exceções. Depois da defesa da proposta, contra-defesa, segue-se a votação. Os resultados são chamados de deliberações.

Um exemplo negativo de assembléia: O problema dos Gatos

O CRUSP visto por um mineiro – Derneval R.R. da Cunha - drrcunhal@yahoo.com.br

A questão dos gatos no Crusp era algo que se arrastava há talvez uma década. Sei lá. Mas o fato é que algumas estudantes de veterinária começaram a cuidar dos gatinhos abandonados que passavam por ali. Todo mundo cuja gata tinha tido uma ninhagem trazia os "indesejados" para o Campus. O local pegou fama como viveiro de gatos. Era possível encontrar até gatos de raça, embora fossem adotados bem rápido. As estudantes formaram uma espécie de organização que não chegou a ser ONG para ir pegar comida que sobrou do bandejão e alimentar os bichinhos. E .. isso começou a dividir os moradores entre os que adoravam um bichano (para acariciar depois das refeições) e os que inventavam mil e uma maneiras de dar fim aos bichos. Dava nojo, algumas vezes. Todo dia, em algum lugar, havia um gato morto. Uns, jogados do alto dos prédios. Outros, no poço do elevador, chutados, arremessados, torturados, sei lá.

Virou um problema velho. Uma assembléia anterior, bem anterior, feita numa cozinha do bloco A (bem antes da nossa gestão), não tinha como objetivo principal resolver essa questão. Os caras tinham outras prioridades. Cujo trabalho de votação estava dando muita polêmica. Resolveram botar primeiro questões "fáceis" para ganhar tempo. Começaram com a dos gatos. Ficaram até as 4 horas da manhã. Não houve nenhuma outra votação além dessa. Durante um ou dois anos, ninguém mais foi em assembléia. A coisa tinha perdido toda a credibilidade como processo político.

Até aí, tudo bem. Nada havia sido feito. Os anos passaram, quem gostava dos gastos separava sua comidinha, dava para os bichinhos depois das refeições. Não era algo que eu considerava que fosse trazer muita gente, mesmo porque não sabia da história anterior. Faltei então na sexta-feira que era para acontecer a tal reunião de moradores do bloco F para resolver o problema dos gatos. Resolver o problema não no Crusp inteiro, só no F.

A sala lotou. Não cabia, teve gente que ficou no corredor. Esperaram minha presença como representante, depois começaram. Ninguém ouvia ninguém. Durante duas horas as pessoas ficaram se esguelando, cada uma com uma proposta diferente. Ninguém votava nada porque todo mundo atrapalhava a fala de todo mundo. Até que se decidiu por fazer uma lista de gente que fosse falar suas propostas. Um falava uma proposta contra, depois outro chegava e falava a sua, a favor. Tá legal. Veio o primeiro, 3 minutos sem interrupção para apresentar sua proposta, heim?

- Eu proponho que nós façamos uma fábrica de churrasquinho de gato e outra de tamborins. A gente vai selecionando, usamos a cozinha do...

Foi o CAOS!

E por aí vai. Lá pelas 3, 4 horas da manhã propôs-se, para que todo mundo fosse dormir, votar uma comissão, que seria decidida em assembléia posterior, para arrumar uma nova área para colocar os bichanos. E .. conseguiram votar. Nunca mais fizeram tal assembléia nem se decidiu tal comissão. A área para um gatil saiu, vários anos depois. Muito tempo mais tarde, o gatil, já meio abandonado, foi fechado e os gatos recolhidos para a carrocinha.

As assembléias podem ser:

Gerais: Abrangendo todos os blocos

de Bloco: Referentes a assuntos do bloco e só moradores do mesmo tem o direito de voto

de Andar: Referentes ao andar e só moradores do andar podem votar

Toda elas deveriam ter a participação de um representante da Associação e as decisões mais importantes da Associação de Moradores precisariam ser ratificadas em assembléia antes de serem postas em prática. Em tese é obrigação da Associação publicar os resultados através de cartazes, filipetas distribuídas nos escaninhos ou coisa do gênero. Algumas das assembléias quase obrigatórias:

Divulgação da eleição da Associação de Moradores: Onde se dá o aviso para que os moradores interessados comecem a formar suas chapas e planos de "governo". Também se informa as regras e calendário eleitoral.

Apresentação e definição das Chapas e divulgação dos metas de governo. Escolha da comissão eleitoral, encarregada de fazer a vigilância das urnas e contagem de votos.

Debate entre as duas chapas.

Contagem de votos (feita a portas fechadas, normalmente).

Cerimônia de entrega de gestão

Prestação de contas (há gestões que não se preocupam com isso).

Preparação para a comemoração do aniversário do Conjunto Habitacional.

As Assembléias de Estudantes precisam de algumas coisas, como:

Quórum mínimo - número de participantes

Mesa para coordenar os trabalhos - pessoal da Associação (vulgo: bancada)

Pauta de Reunião - Já nos cartazes de divulgação da mesma se colocam os motivos da reunião e o que vai ser discutido ou apresentado

Redator - para anotar o que está sendo deliberado

Os trabalhos vem nessa ordem: Primeiro se fala alguma coisa da assembléia anterior, se a bancada achar interessante. Nas de emergência, vai-se direto ao assunto. O orador que inicia, sempre da associação, pode ou não perguntar se alguém gostaria de colocar alguma coisa na pauta de discussão. As vezes, existe votação se se coloca ou não o assunto em pauta (tem coisa que não vale a pena). Depois vêm os assuntos seguintes e dependendo da polêmica, se discute. Os polêmicos envolvem apresentação de propostas. O público vota aprovação ou não, esticando o braço. Os números são anotados. A proposta com mais votos vence. Parece simples. Mas o normal era algo mais assim:

Na minha gestão primeiro se colocava um som para que todo mundo que passasse prestasse atenção na luz acesa e pensasse "pô, tá acontecendo algo". E esperava-se até atingir um número mínimo de participantes. Depois vinham a leitura dos assuntos de pauta, de acordo com o que se achava que acabava mais rápido. Começavam a mencionar um assunto, se ninguém falava nada ia-se direto para a votação e se houvesse polêmica, puxa, aí é que a coisa pegava.. primeiro, o palestrante era interrompido. Depois de um bate-boca, começava-se a se pensar em uma inscrição para quem quisesse falar sobre o assunto, com duração de tempo, sempre desrespeitada. Após ficar bem tarde e o pessoal já começar a esvaziar, o que acontecesse primeiro, fazia-se a apresentação de propostas. Cada pessoa que tinha uma opinião divergente reunia numa proposta que seria votada (braço levantado ou abaixado) junto com outras. Isso as vezes segurava o pessoal. Então havia a defesa de propostas, alguns pediam o direito de resposta, porque quase sempre a defesa de uma envolvia alguma besteira que esgotava com a proposta adversária e o sujeito não ia dar o braço a torcer. Se era dado esse direito, o outro também queria o direito em cima do direito de resposta do outro. E tinha vezes que conseguia. Havia quem atrapalhasse até ver que não tinha nenhum jeito mesmo de ganhar.

Qualquer morador oficial tem o direito de chamar uma assembléia, que deve contar com representantes da Associação (em tese). Isso em si não garante público nem que haverá ajuda de qualquer espécie na divulgação do evento, depende muito da gestão e da importância da deliberação. O uso de uma lista de presença com o nome do morador, apartamento, bloco e condição atesta a existência de quórum que ratificou as deliberações. Uma decisão (ou deliberação, para ser mais exato) votada em assembléia só pode ser alterada através de votação realizada em assembléia posterior.

A expulsão de uma moradora

Esse exemplo é meio folclórico, data de uma época anterior, quando ainda se estava passando para o COSEAS a administração dos blocos. Convencionou-se que a Assembléia de Estudantes era o poder supremo no Conjunto Residencial. Uma menina, se não me engano, 3º andar do bloco C, chegou em casa e viu a colega de apartamento transando com o namorado na sala. Ficou revoltadíssima. Não sei qual das duas, mas o fato é que se formou uma comissão de andar para votar a atitude da menina. Só que tem um pormenor: a menina que foi pega transando era moradora antiga e tinha muito mais amigos no andar do que a que reclamou. O resultado da votação da assembléia foi contrário e, incrível que pareça, a que reclamou foi expulsa. Sem apelação.

Formação de Comissões e outras dores de cabeça:

O que mais acontece nas Assembléias é reclamação. Todo mundo tem uma. Algumas atingem um público bastante amplo. E como está todo mundo reunido, acham que é uma boa hora de ver seus problemas resolvidos. Só que, via de regra, não querem mover uma palha para isso. Dependendo do nível (baixo) do problema, a solução é a formação de comissões para a resolução do problema. Coloca-se a proposta pela votação de uma e em seguida pergunta-se a platéia quem se oferece para participar da comissão que vai resolver problema X. Se não há ninguém, a resposta é insistir até aparecer alguém. Ou esquecer o problema. A diretoria da Associação não pode se dividir por conta de tudo quanto é problema. Normalmente, o entusiasmo pela questão acaba se enfraquecendo e algumas assembléias seguintes, ninguém fala mais nisso (e se fala, é dirigido para a pessoa que assumiu a comissão). É um recurso considerado meio sujo. Mas considerando alguns aspectos de se fazer parte de uma diretoria de Associação de Moradores (falta de tempo, estímulo, apoio dos cruspianos), acaba sendo empregado. Além disso, a Constituição proíbe acúmulo de cargos.

Comissão de Informática: Um exemplo positivo:

Tudo começou com o Josué, um cara da FFLCH-História, que inclusive tinha mania de fazer uma oposição ferrada contra a minha gestão (dessa forma, alguns membros emprestavam a chave do escritório da Associação, só porque não aguentavam gente falando mal pelas costas - aí ele e sua turminha podiam usar o micro para fazer seus trabalhos no final de semana). Comunista linha bem stalinista, tava de saco cheio do horário das salas de computação da USP, que estavam abertas principalmente em horários que coincidiam com aulas. Ele foi até o Calegari, na época, diretor do COSEAS e apresentou a seguinte dúvida (claro que com os ânimos bem carregados):

- Será que às vésperas do novo milênio, o aluno da USP vai ter que entregar sempre o trabalhinho dele manuscrito a caneta ou lápis?*

O Calegari, ou por que estava afim de melhorar a imagem dele com o pessoal (ia ter eleição para reitor no ano seguinte) ou porque achou boa a idéia, topou, mas colocou o seguinte lance: O Josué teria que arrumar um número de assinaturas para que ele, Calegari, apresentasse ao Reitor, como reivindicação. Dito e feito. O cara saiu colocando xerox da proposta em todas as portarias. Todo mundo assinou. Mais tarde ele veio até nós para que fossemos representantes da Associação durante a conversa, agora oficial, de requerimento da sala.

A conversa ia bastante bem, acho que foi legal eu estar junto, era o único que entendia de computação o bastante. Aí surgiu a grande dúvida: Quem ia administrar a sala? A idéia era uma sala que funcionasse 24 horas. Seria necessário um número proibitivo de monitores para tomar conta do

pedaço. Tinha que ser uma coisa dos próprios moradores. Propus um sistema de auto-gestão baseado numa experiência minha como monitor na Estatística Aplicada. Sempre tinha alguém que ficava altas horas da noite. Era só dar uns privilégios para estes ratos de laboratório de computação e pronto. O Calegari topou na hora. Quem não topou foi o Kacken (apelido do cara), um cara que já tinha sido da Associação em outra gestão. Outro comunista convicto, achava um absurdo essa coisa de "dar privilégios". Coisa de burguês imperialista. Todos são iguais perante a constituição. Falou um monte, mas acabou engolindo a proposta depois, quando teve sua vez na conversa. E ninguém quis me dar o crédito.

Acabei entrando para a Comissão de Informática, junto com esse imbecil, a mulher dele e o Josué. Esse último é que merece todo o crédito. Foi até o fim. Só estava interessado em poder usufruir de uma sala de computadores no CRUSP. Eu, como membro da Associação, tinha outras tarefas, mas delineei o que seria um número de computadores, coisas como número de impressoras, disposição, etc. Tínhamos que fazer uma assembléia para explicar o pessoal e dar uma espécie de "representação legal" para a comissão, o que foi feita. A pós também se interessou pelo projeto e deu uma ajuda, para que pudesse mais tarde fazer sua própria sala de micros (apesar de já terem uma). Mais tarde, ficou convencionado que a Pós também usaria a mesma sala.

As coisas a princípio iam muito bem. Eu estava sem tempo para nada, mas feliz da vida de estar conseguindo experiência de sala de informática. Aí, um belo dia, vem uma colega de gestão me falar que o Kacken e a mulher dele foram visita-la e tacaram um monte de acusações contra mim, falou que eu era um burguês, que ia dar privilégios para uns poucos de uma coisa que nem era minha, em suma. Foi falar mal de mim para os meus conterrâneos. Fomos eu e a colega conversarmos com a mulher do cara, por um acaso estava andando próximo dali. Ouviu um monte. Quase bati no cara, quando o encontrei. Meu colega de comissão e falando mal de mim para os meus colegas da associação. Ele pediu desculpas, falou que não ia mais fazer isso (da boca pra fora, porque continuou fazendo isso em qualquer oportunidade que pintasse, gratuitamente, sem que nem fosse problema dele). Faltava só a gente fazer um documento, para distribuir no apartamento dos cruspianos. Gastei uma noite, poderia dizer, atrapalhei um semestre fazendo esse documento. Só que o Kacken e esposa tinham feito o deles. Que ocupava menos espaço, apesar de cheio de erros ortográficos. A dupla Kacken e Esposa saíram fora da comissão.

Eu bati palmas. Até que vi o folheto que acabou sendo xerocado e entregue. Não aguentei. Não tinha digerido muito bem ainda alguém falar mal de mim pelas costas, tinha ferrado com uma prova de recuperação pra fazer esse papel e agora via que não tinha sido usado. Fui até o Josué e pedi desligamento da comissão. Ele, muito gente fina, foi atrás da dupla Kacken e Esposa, que concordou em finalizar os trabalhos. Um tempo depois, já todo o trabalho burocrático terminado (a Reitoria já tinha concluído pela necessidade e autorizado o início da construção) faltando apenas uma assembléia para decidir o local (acabou sendo o térreo do bloco A), eles ainda falaram que eu continuava dentro da comissão. O Kacken foi muito esperto. Arrumou um jogo com minha namorada para que fizesse eu faltar nessa Assembléia, assim não podia espalhar para todo mundo nossas picuinhas. Meus colegas porém comentaram o lance. Depois disso, nenhum membro da Associação participou de comissões de qualquer espécie. No máximo como elemento de ligação. Qualquer iniciativa dos moradores seria feita por eles.

A sala de informática do Bloco A foi inaugurada quase um ano depois. Houve alguma pompa e circunstância, com a presença do Reitor, que tirou uma foto do lado de um Josué de camiseta e shorts. Tava sorrindo todo sem jeito. Nunca pensou que teria alguma forma de homenagem desse tipo. Ainda converso com ele, apesar dos radicalismos que teve adotou, anos mais tarde.

A comissão de informática que tomou posse depois que a sala ficou pronta, aguentou um ano. Fizeram a renovação de uma forma muito simples. todo o CRUSP já havia se acostumado com a sala Pró-aluno. Que que eles fizeram? Fecharam a sala por uma semana e marcaram uma assembléia. Como esperado, a assembléia lotou. Eles colocaram o problema: "gente, nessa assembléia tem que sair uma nova comissão, senão fechamos e entregamos a chave da sala para o primeiro que aparecer". Deu certo.

Eu não ia, mas acabei entrando, com mais algumas pessoas (que foram saindo). Eu e outro cara ficamos dois anos e meio, até que caímos na besteira de tentar uma eleição para a Associação de Moradores. Verdade seja dita, nesse período, a sala funcionou 24 horas por dia, muitas vezes sem monitor. E ao contrário de outras salas de computação da USP, nenhum micro ou peça de equipamento foi roubada.

Eleições:

Num regime democrático, isso seria quase que auto-explanatório. Mas como somos um povo que é obrigado a votar em gente que depois descobrimos algumas vezes serem panacas ou pilantras, aqui vai algumas idéias:

Divulgação: O fato de que irá haver uma eleição deve ser divulgado e um tempo para a formação de chapas deve ser incluído.

Formação de Chapas: No caso específico do CRUSP, deve haver pelo menos um membro por bloco (no caso atual, 4 pessoas, já que são 4 prédios, A, B, D e E) e obrigatoriamente tem que ser morador embora se tolere que não morem no lugar que representam. A teoria é que cada prédio tem seu representante.

Plano de Metas: Cada chapa tem que dizer o que vai fazer, incluindo propostas meio ousadas como: arrumar desconto de meia-entrada em shows, colocar um andar só pra gays e por aí vai..

Campanha: Um resumo do plano de metas é feito por cada uma das chapas, impresso (antigamente o COSEAS ou o DCE davam uma quota de cópias Xerox para as eleições) e distribuído para os eleitores, a mão ou no escaninho.

Cópias em tamanho grande ou cartazes também são feitos e colocados nos elevadores. Uma tática que está sendo muito usada nas últimas eleições é o uso de propaganda boca-a-boca, ir de porta em porta conversando com cada um dos moradores.

Formação de Comissão Eleitoral: encarregada de fiscalizar e acertar os detalhes relativos ao dia da eleição entre as duas ou mais partes:

Checar as urnas (fornecidas pelo DCE) no dia da votação, para garantir que estejam vazias no início e igualmente livres de possíveis defeitos (não pode entrar voto sem ser pela fenda).

Producir a filipeta do voto, tomando conta do número (igual a quantidade de moradores) e cuidando para que cada um dos votos seja rubricado por um membro de cada uma das chapas envolvidas. Excedentes devem ser destruídos.

Conseguir com o COSEAS, a relação atualizada dos moradores.

Fazer plantão durante a votação, zelando para que sempre haja um membro de cada chapa e de preferência, não haja boca-de-urna próxima.

Fazer a contagem de votos, o que envolve a elaboração de um esquema que garanta que os votos não serão contados duas vezes ou que votos sem a rúbrica das chapas sejam contados.

Divulgação dos resultados.

Normalmente, essa comissão é formada por antigos integrantes de outras chapas ou por qualquer interessado. Não pode ser formada por amigos de alguma das chapas.

Debate: É uma assembléia onde cada chapa informa e responde a dúvidas sobre o seu plano de metas.

Votação: Isso é discutido entre as chapas, mas via de regra, é necessário ter um cara de cada chapa vigiando durante o momento da eleição, além de um membro da comissão eleitoral. O número de urnas, o horário do início e fim das votações é outro tema. Por último, o eleitor chega (algumas vezes meio que chamado pela boca-de-urna), tem seu nome procurado na lista de moradores (hóspede não vota), assina, depois recebe a filipeta do voto, preenche e deposita na urna.

Contagem de votos: deveria ser longe das vistas do público, mas depois da minha gestão ocorreu uma palhaçada onde as duas partes envolvidas aceitaram (livre e espontânea pressão) a contagem pública.

Não aconselho. A parte que venceu não poupou esforços para humilhar os membros da perdedora. O número de votos contados devem obrigatoriamente ser igual ao do número de pessoas que assinaram a lista na hora de votar ou então a eleição é impugnada. Representantes de ambas as partes devem estar presentes para a votação.

Divulgação: Colocação de cartazes contendo os resultados (com uma coluna contendo a votação de cada chapa, uma com o número de votos em brancos e outra com os votos nulos) em todos os blocos e assembléia para passagem dos cargos. Alguns detalhes menores (ou maiores) como o que já foi feito, questões em andamento, isso é passado fora de assembléia.

Durante a Gestão:

"O que chamam de inferno, eu chamo de jardim da infância. O que chamam de merda, eu chamo de "breakfast". O que chamam de insuportável, eu chamo de cotidiano". (do autor)

A diretoria da Associação de Moradores, seja ela de moradores da Pós ou da Graduação, deve fazer reuniões regulares para empreender os projetos que divulgou na campanha, ou outros que surjam durante a gestão. Deveria estar disponível para ouvir, interceder ou ajudar qualquer morador nas suas questões, servindo também de representante dos moradores na conversa com a Reitoria ou o COSEAS. Contaria com recursos como uma taxa cobrada daqueles que usam a sala 51 para cursos como o de capoeira. No caso de caixa baixa, algumas gestões foram de porta em porta pedindo dinheiro para ajudar na feitura de uma festa para angariar fundos com a venda de bebidas.

As reuniões dos integrantes da chapa deveriam ter um mínimo de quórum, com alguém tomando notas do que foi decidido, para informar os outros integrantes. Os horários deveriam ser divulgados, para que o público possa participar e/ou procurar para apresentar propostas ou sugestões, mas o normal é que, uma vez divulgada a relação dos integrantes, o público fique sabendo dos apartamentos da diretoria.

É costume selecionar quem vai ficar com qual tarefa, tipo tomar notas, imprensa, divulgação, etc..

Uma vez que a Associação será com certeza, chamada a dar opinião nos mais variados assuntos ou quebra-paus, seria interessante analisar que alguns tópicos estão fora do alcance, como:

Quem está certo em briga de apartamento

Como hospedar visitantes

Resolução de problemas acadêmicos (antes, a Associação era encarregada de analisar os recursos dos moradores e decidir se o indivíduo ia finalmente perder ou não sua vaga).

Quaisquer tópicos que a diretoria se sinta incapaz de se posicionar

Claro que os moradores não vêm a coisa assim. Uma boa parte vai chiar até ver o seu problema atendido. Em casos mais prementes, convoca-se uma assembléia para resolver a questão. A Associação não manda nos moradores, apenas os representa e organiza. De tempos em tempos, as resoluções ou deliberações da mesma podem ser referendadas em Assembléia. Isso seria mandatório para tudo, mas como a tendência é o nível de participação ir decrescendo, só questões que interfiriam na vida de um número de moradores atingem a votação em assembléia. Na minha gestão, tínhamos o hábito de devolver para o reclamante a tarefa de unir um corpo de moradores para que esta ou aquela questão fosse resolvida, vide problema dos gatos.

Autoridade, Abuso e outros grilos:



"Qualquer pessoa que acha politicamente correto bater em alguém, pode achar que não dar chance de defesa tem tudo a ver" (do autor)

Quem participa da diretoria, normalmente fica em uma posição privilegiada para vários tópicos. Por exemplo:

Como Ciclano da Silva, a pessoa jamais é recebida pelo Reitor de forma fácil e rápida. Porém, como parte da diretoria da Associação de Moradores, a coisa muda. Isso abre algumas portas. Muita gente faz uma chance e entra nessa porque tem lance de fazer carreira política. Dentro do movimento estudantil, você pode calar todo mundo numa assembléia qualquer dizendo que você foi eleito pra alguma coisa como essa. É uma forma muito boa de botar banca, ninguém questiona.

Já houve gente que tentou obter uma graninha por fora. E se ferrou legal, porque fizeram um impeachment na mesma hora.

Antigamente, quando se julgavam os recursos, a pessoa encarregada tinha a vida de um monte de gente na mão.

Algumas vezes quem tem problemas são mulheres bonitas.(Obs: Não é legal misturar “trabalho” e lazer, há possibilidade de ser encrenca ou armação da oposição).

Você pode entrar para a história fazendo parte de algum evento cruspiano. Pena que poucos cruspianos tem memória.

É ligeiramente mais difícil o COSEAS te pedir para você ir embora. É bem pouco ético e sempre se pode convocar uma assembléia para isso.

É uma grande chance de se conhecer um monte de gente. O difícil é ser conhecido e não ficar queimado. O pessoal da oposição faz a sua caveira mesmo, aos poucos.

Um big abuso é o uso de gente da própria chapa para intimidar e bater em (possíveis) opositores.

Exemplo de abuso de autoridade: O caso do 401-F

Este aconteceu em 97, bem depois da gestão em que participei, numa festa da ECA (se não me engano). Um ex-membro de uma gestão anterior do DCE (cuja diretoria não se dava com a associação de moradores) foi brutalmente espancado (junto com a namorada) por três membros da diretoria da Associação de Moradores. Sem falar que o mesmo cara já tinha havido uma invasão do apartamento por gente ligada a mesma Associação. Que que aconteceu? Deu-se queixa na polícia e tanto o C.A. da Letras como o morador agredido colocaram cartazes comentando a covardia da agressão. Que houve réplica por parte do agressor, assumindo e falando mal do cara. Uma coisa que podia até ser pessoal, mas que foi respondida em nome da Associação. Houve até processo interno, teve gente que foi suspensa. Mas

O CRUSP visto por um mineiro – Derneval R.R. da Cunha - drrcunhal@yahoo.com.br

como o clima estava muito ruim, fez-se uma assembléia para o pessoal saber o que houve. Eu não participei, só ouvi falar que houve momentos lindos. Com a palavra, um dos membros da associação, comentando o caso:

- *A violência não é boa nem má, depende das circunstâncias.*
- *Se o sujeito não batesse nele, eu batia porque ele merece (essa frase foi uma menina também da associação, comentando o caso).*

Final das contas: Formou-se uma comissão para avaliar quaisquer futuros casos de agressão que acontecessem na moradia. Essa gestão que tinha mania de cantar de galo, baixou a cabeça um pouco e alguns dos membros sumiram do mapa durante uns tempos.

Outro exemplo: o Caso da Propina

Esse aconteceu numa gestão posterior. O sujeito (vou apelidar de fala-muito) era da diretoria e naquele ano, foi conseguido um alojamento para os "bichos" (calouros do crusp) no térreo do bloco C. Calouro é bicho burro, diz o ditado. Então não estranhou que houvesse uma taxa, acho que de 25 Reais, na época, para que pudesse arrumar um canto para dormir até o final da seleção para moradia (a vaga fora da Universidade estava por volta de 300 reais).

Todos pagaram. Só que o Fala-muito não contou nada disso para o resto da diretoria. Na verdade, ele não poderia ter nem cogitado cobrar essa taxa, porque é um bem público. Como se não bastasse, fez isso sem informar o resto da diretoria. No serviço público, acho que isso seria concussão, exigir dinheiro para fornecimento de serviço. Quando o barulho começou, acabou devolvendo o dinheiro para o pessoal, mas não adiantou. Foi feita uma assembléia de Impeachment e no final, a gestão continuou, mas o Fala-muito teve que pedir desligamento.

Duração da Gestão:

Não deveria existir esse tópico. A duração seria um ano, até a próxima votação. O problema é que poucos dos integrantes da diretoria continuam até o fim. Chega a época de provas, vai todo mundo estudar. Algumas vezes, existem desavenças internas, picuinhas que se tornam problemas. Outros ficam desiludidos. O certo, nesses casos, é uma reunião. Se não der certo, é essencial que a pessoa que queira sair deixe um papel assinado comentando o fato e esclarecendo a razão de forma resumida. Isso, para que não haja confusões (o sujeito sai, mas quer continuar tendo status de diretor da associação). Se houver arrependimento, pode-se discutir a reintegração depois de um período de observação. Já houve casos em que só sobraram dois membros na diretoria e os dois não puderam largar pura e simplesmente a gestão por falta até de tempo para convocar uma reunião que estabelecesse o período eleitoral. Também aconteceu de haver uma gestão feita e largada às moscas até que o sujeito, passado um ano de diretoria declarar "venceu meu governo, não me procurem para nada". No caso, os moradores interessados fizeram várias reuniões até estabelecerem quem iria fazer o quê, uma espécie de gestão para definir o processo eleitoral. Também existe a chance de um grupo de pessoas, nesse caso, assumir a diretoria, depois de divulgar suas intenções (com cartazes, convocando assembléias).

Minhas histórias:

Talvez não haja melhor forma mais completa de viver o CRUSP, do que fazer parte da Associação de Moradores. Tira um monte de ilusões. Comecei quando convidado por um amigo da FFLCH. Juntamos um cara da Engenharia, outro da Economia, uma menina da História e mais outros que até já esqueci, porque não duraram muito. Foram pedindo desligamento, a medida em que o semestre acabava. Nossa primeira reunião foi com a antiga diretoria, duas mineiras que não aguentavam mais o tranco, faziam dois anos. Eram tão ocupadas que tinham deixado passar uma das datas de fazer as eleições. Deixaram pra gente o trabalho da sala de TV e passaram o informe da situação da lavanderia, que antigamente existia, apesar de funcionar mal, muito mal. Marcaram para a gente a reunião com o COSEAS, para apresentação da nova diretoria e falaram o quê funcionava como. Tudo era por papel. Se precisássemos de tantas Xerox, era para se fazer uma requisição. Como eu tinha um experiência de outras reuniões, assumi o papel de escriba. Assim, sempre sabíamos o que tinha sido conversado. O nome da gestão traduzia várias de nossas atitudes "Não somos Síndicos".

Cada pessoa ficou incumbida de uma tarefa. Tinha que apresentar ao grupo, depois. Planejamos fazer reuniões semanais, aos sábados a tarde. Era uma forma de pensarmos em conjunto tudo o que havia sido feito. O importante era uma morena que não sei como, entrou no grupo. Ela já fazia parte de 2 ou 3 centro acadêmicos ou grêmios. Foi quem no início puxava as reuniões. Sem ela, acho que o entusiasmo inicial não teria se convertido em hábito. E que hábito. Quem participou de reunião de qualquer tipo sabe como é: tem os que falam menos, os que só falam e os que falam mas não fazem. O mais chato era quando tinham as votações. Uma das meninas era capaz de dar broncas para conseguir votos. Conseguia destruir uma pessoa durante uma discussão. O boliviano que era parte do grupo sempre era do contra, só para não assumir nenhuma tarefa. Mesmo assim conseguimos levar legal, durante um bom tempo. Meu desgaste era mínimo, porque me concentrava na parte da redação. Já depois de 2 meses, o politécnico já saía chorando da mesa de discussões. Até que um dia aprendeu a fazer conchavos. Era uma tática da "Flata". Os dois discutiam, mas na hora de votar, votavam como realmente queriam, enganando os que pensavam que tinham votos ganhos.

Podia se aprender muita coisa com isso. A primeira foi quando tivemos o problema dos calouros do CRUSP na mão. Gente que passou no vestibular e ia tentar conseguir bolsa-moradia. A "Flata" assumiu a tarefa e eu topei ajudar. Numa ótima. Arrumou com o diretor do CEPEUSP a utilização do alojamento dos atletas, para os caras ficarem. Ficou estabelecido que a Associação iria assinar o papel que o "bicho" ia apresentar para conseguir uma vaga no alojamento. Teve alguns problemas iniciais, porque a "Flata" não tolerava interferência de quase qualquer espécie no assunto. Ela decidia quem ia e quem não ia e quando não estivesse disponível, eu assinava para os caras irem. Fiz só alguns. Meu negócio era mais dar as informações para irem até ela. E interceder, em alguns casos. Foi assim que conheci uma mina que me arrependi depois. Uma ótima lição de não se misturar as coisas. A "Flata", por outro lado, mostrou ser uma mãe para os calouros. Trouxe inclusive um monte deles para serem hóspedes no apartamento dela. Arrumou namorado desse jeito. Tinha grilo nenhum para lidar com as pessoas..

Na maioria das vezes, as situações vinham até nós. Se um estudante pirava, chamavam a gente. Uma menina estava sofrendo assédio sexual, cadê a Associação? O encontro nacional de estudantes de letras será na USP, será que o Crusp pode hospedar algumas centenas? Porquê não resolvem o problema dos gatos? E a lavanderia, quando que vão consertar as máquinas? Alguém tacou fogo numa lata de lixo no bloco B. Etc, etc..

O mais interessante foi quando começamos com a idéia de fazer cada prédio se conscientizar e cuidar do seu próprio espaço. Uma idéia muito boa na teoria. Iámos fazer reuniões de bloco, onde os moradores iriam apresentar os problemas e decidir soluções. Começando pelo F, onde eu morava. Através de folhetos e propaganda no escaninho, eu coloquei uma reunião para cada dia. Um dia seria o problema da cozinha, no outro, segurança, outro, questões de hospedagem. Etc, etc. Quase nada deu

certo. A última reunião era numa sexta feira, na cozinha do 6º andar. Eu nem fui. Todas as reuniões haviam tido uma platéia de 2 ou 3 moradores. E eu como representante. Para descrever isso, só olhar o trecho sobre a "O problema dos Gatos", o último tópico da última reunião. Talvez isso dê até uma boa idéia do que é ser da diretoria numa hora dessas.

Chato mesmo eram as pessoas que estavam chegando, viam aquela bagunça enorme, gato por tudo quanto é lado, o corredor todo sujo, alguns prédios parecendo uma favela. De vez em quando, alguém que via tudo isso vinha reclamar atitudes. Mas uma vez só, vi um sujeito que realmente queria mudar tudo isso. Até me lembro o nome mas vou dar um apelido: Polenta. O sujeito não era morador. Era hóspede no B, acho. Já tinha morado no tempo em que os prédios eram dirigidos por estudantes, primeira ou segunda invasão. Qual era a intenção dele. Mudar tudo. Foi no Calegari, este disse que os gatos eram problema dos estudantes. Então foi num cara da Associação Pró-Gato, um equatoriano da Pós. Botou o cara contra a parede com uns argumentos e o sujeito daquele dia em diante começou a recolher os bichanos de lugares como o Bandejão. O Polenta tentou me botar contra a parede também (assim como outros diretores da associação). Nunca vou me esquecer.

Estava assistindo "Na Boca do Lobo", um filme sobre o Sendero Luminoso, na sala de TV do bloco B (naquele época, uma inauguração nossa). Aí ele começou aquele papo, como quem não quer nada. O filme começava a ficar interessante, ele tentava me colocar contra a parede. Eu tinha que assistir o filme com um olho e ficar vigiando ele com o outro. Sempre aquela coisa de "senso comum" e eu sempre devolvendo educadamente aquela coisa de "faça uma massa de manobra" (gente que tem o mesmo pensamento e força de vontade que ele) e depois venha procurar a Associação. Devo ter assistido 25% do filme. O resto foi tempo me defendendo das tentativas dele de conseguir apoio para sua proposta "contragos-gatos".

Ele não estava fazendo isso a toa. Hoje eram os gatos. Amanhã, as cozinhas limpas. Depois, os hóspedes irregulares. Por aí ia. Falei para ele, sem muita convicção: "você ainda vai descobrir que sua idéia é coisa de Dom Quixote" (pra resumir).

Não demorou muito e isso aconteceu. Um belo dia, o equatoriano pegou o porteiro chutando um gatinho. E tacou-lhe a vassoura em cima. Fui chamado para ver a situação. O porteiro queria processar o cara por agressão, no que estava certo. Tudo tinha acontecido por conta de um gatinho. E por coincidência, o Polenta estava lá. A mão no rosto, sem saber onde esconder a cara. Cheguei nele: "Viu? Tá satisfeito?". O cara tava lá embaixo de remorsos, eu botei o dedo na ferida: "Tudo isso é culpa sua". Nunca mais ele tentou de novo "mudar o CRUSP".

A parte que mais enchia o saco no entanto, não eram tanto os moradores que reclamavam. Eu, por morar no F, nunca tinha tido grandes problemas com essa moçada. Parece que o pessoal tinha preguiça de ir até o meu apartamento. Depois de um tempo, descobri porquê. A oposição estava veiculando tudo quanto é tipo de história quanto a minha grossura com as pessoas. Eu não era diferente de qualquer outro. Mas era o que menos tinha contato com o público e o que mais tinha gente falando mal. Talvez por causa da minha briga com outros moradores. Talvez por que uma ou outra vez realmente não tinha paciência. E, ao contrário dos outros diretores, eu não tinha tantos amigos e que me avisassem dos faladores (senão era só ir lá e pela presença, calar a figura). E o que morador quer realmente é ver o seu lado. O resto não interessa. Uma vez teve uma menina que me agrediu com um soco no olho pura e simplesmente porque não teve sua reivindicação atendida. Acho que estava dopada, me falaram isso depois.

Os únicos que não foram contaminados por isso foram os recém chegados do bloco D. Uma fomos eu e a "Flata" que seguramos a barra deles. O resto da diretoria queria tirar o corpo fora e até a invasão, seu futuro era uma incógnita. O resto da história está no texto sobre a Ocupação do Bloco D.

Com o passar do tempo, o pessoal da Associação foi se desvinculando. A primeira a sair foi uma menina que descobrimos que emprestava a chave da sala da administração para os colegas de apartamento, coisa que era proibida, principalmente porque os colegas dela eram oposição e ficavam usando o "nossa" micro para fazer trabalhos inclusive de digitação, pra fora. Depois veio a morena que

mais tinha estimulado o pessoal no início. Não conseguia dar conta de 3 lugares ao mesmo tempo. Finalmente foi um karateka, que ficava usando a sala a noite para fazer interurbano. Esse daí uma vez quis brigar (fisicamente) justamente porque não me queria por perto nessa hora. Acho engraçado porque era uma idéia minha, de usar o computador (óbvio) e também bancar o secretário, já que a associação não tinha ninguém para anotar recados, ninguém sabia onde encontrar a gente. Quem demorou para sair foi o boliviano, que não fazia absolutamente nada, além de assinar nas reuniões que estava presente e ser do contra em várias ocasiões. Eu comecei a pensar em sair quando descobri que só duas pessoas decidiam e através de conchavos. E não tinha apoio de ninguém. Até o cara que me pôs lá dentro não me apoiava. Mas me falou na cara dura que o pessoal me criticava tanto que não criticava o resto. A única pessoa que tinha me dito alguma coisa agrádavel, no sentido de continuar foi um cara, que me viu no escritório, um dia. Falou qualquer coisa como: "Bom trabalho vocês estão fazendo". Tirando esse cara, mais ninguém. Acabei dando o fora. Nem me lembro mais a gota d'água. Nove meses de gestão. Os outros continuaram até completar um ano.

Tentaram inclusive fazer nova chapa e concorrer para reeleição. Não conseguiram. Não guardo muita lembrança dos que substituíram a "nossa" gestão. Exceto que fiquei longe de política estudantil. Houve uma invasão da Reitoria e outra do Bandejão. A gestão seguinte foi a do cara de cadeira de rodas, que acabou ficando as moscas, lá pelo final.

Dois anos já haviam se passado. Nunca deveria ter voltado atrás numa promessa, mas voltei. E me arrependi, óbvio.

O lance é que a última gestão havia abandonado tudo, sem fazer eleições. Durante uns meses, ninguém se moveu. Fizeram-se algumas reuniões com voluntários interessados em participar. Depois de um tempo, estes mesmos voluntários se interessaram pela idéia. E depois foram desistindo. Até que ocorreu algo interessante. O regimento foi alterado. Precisava ser escolhido um morador para ser representante discente, a coisa não seria mais via Associação de Moradores. Houve votação para ver qual seria o figura. Eu apoiei um cara, que era meu colega na Comissão de Informática. Havia um também o Fala-muito (que provavelmente ia mais tumultuar do que qualquer coisa) e um gaúcho, que estava desesperado porque ia ser mandado embora junto com a namorada. Meu colega fez um acordo com esse cara, uma espécie de pacto de não agressão. O cara se despediu e junto com a namorada, foi de apartamento em apartamento falar que meu colega era do PSDB, que o cara era isso, aquilo, um monte de mentiras que acompanham até hoje. Claro, se eleger. E aí, ninguém mais tinha coragem de botar a mão nele.

Aí veio a nova eleição para Associação de moradores. Eu formei chapa com um colega meu e mais umas vítimas, só para constar o nome. O pessoal que ia concorrer, fez algumas inovações. Juntaram os "bichos" que estavam aguardando a seleção, juntaram gente que ia ser mandada embora por conta de ter filhos ou não cumprimento de créditos. Normalmente, só moradores participavam. Eles colocaram hóspedes também. Desesperados, em suma. E dispostos a fazer jogo sujo. Como? Primeiro tentaram forçar a gente a aceitar acordos de eleição favoráveis para eles. Por exemplo, número de urnas. Eles queriam uma em cada bloco. Fizemos eles aceitarem uma só, porque aí sim, tínhamos gente suficiente. Foi um problema fazer os folhetos e cartazes porque na verdade, só eu e meu colega estavam realmente interessados na coisa. O resto contribuiu, ajudou mas não tinha tempo. Alguns ajudaram a montar guarda no dia da eleição.

Fizemos o mesmo tipo de propaganda. Porta em porta, explicando para todos os moradores quem era nossa chapa e porque a outra não merecia o voto. Eles também. No final das contas, tivemos uma humilhante derrota. Por várias razões, inclusive um debate entre candidatos que resolvemos faltar. Até hoje tenho dúvidas se um dos nossos integrantes não era "amigo demais" desse pessoal. Talvez eu nunca saiba. Mas o fato é que a diferença de votos poderia ser pelo fato de que a urna ficou na mão dele. Era um cara que não queria realmente essa coisa de ser Associação. Enquanto eu e meu colega sofremos vários tipos de provocações e ameaças pelo pessoal que venceu, ele saiu impune. Nunca perdeu uma noite de sono por conta de fazer parte da chapa.

O CRUSP visto por um mineiro – Derneval R.R. da Cunha - drrcunhal@yahoo.com.br

Para evitar interferências na administração da sala pró-aluno, resumimos nossa administração, fizemos uma assembléia para a mudança de pessoal e largamos essa coisa de política. A Associação de Moradores que venceu fez várias coisas, como invadir a sede do COSEAS, uma forma de tentar negociar a implantação do novo regimento de moradia e também conseguir a mudança do coordenador. Fizeram uma baderna em gênero, número e grau nos escritórios da Coordenadoria. E, vasculhando a documentação descobriram que um de seus quadros (excelente quadro, diziam eles) tinha entrado por pistolão de um deputado. Gozado que não expulsaram o menino. E acabaram sendo indiciados. Paro por aí. Eles tem sua própria história da qual pouco sei, exceto que essa invasão foi um fracasso e por um ano, me deixaram em paz. Depois começaram a acreditar que precisavam de um fato político qualquer para agitar e manter a unidade partidária, já que o COSEAS não era mais um inimigo acessível diretamente. Resolveram fazer uma fritura em mim e no meu colega, talvez para tentar expulsar-nos do CRUSP. Se respondêssemos, se fariam de vítimas. Tentaram de tudo. Acabaram conseguindo briga com um ex-membro do DCE. Duas gestões depois, alguns elementos da chapa original ainda permanecem. Meu medo é ainda passar por encheção de saco por escrever isso.

Addendum – 10/10/2000

Essa moçadinha ainda tentou, de várias formas, segurar um poder dentro da AMORCRUSP. Como vários deles já tinham concluído o curso, a chapa que montaram foi derrotada nas eleições (finalmente). A última assembléia digna de nota sobre o assunto foi uma tentativa que fizeram de “impeachment”, aproveitando uma discussão em cima do uso de verbas feito pelo membro da diretoria da gestão da chapa vencedora. Na primeira assembléia tinha mais gente de fora do que de dentro do CRUSP. E tentaram usar de ameaça física. Na segunda assembléia, arrumaram uma porção de gente para discursar contra a administração. O episódio mais interessante foi quando um dos caras começou a soltar o verbo, pediram um aparte e soltaram a bomba:

“Esta assembléia é para moradores ou estudantes da USP somente”.

O “menino-lôco” já tinha se formado e não era mais morador, então enfiou o rabo entre as pernas e saiu fora.

Outra coisa interessante foi a agitação se transferir do bloco A para o bloco F. É o que mais se parece com uma favela, atualmente. Ainda pintam uns lances de gente se reunir e bater em alguém. É preciso cuidado com quem se discute. A pessoa pode ser do tipo que vai te entocar em algum lugar e não vai ser para continuar a discussão sozinha e na retórica. E por aí vai..

Addendum: Estrangeiros (04/05/2002)

Depois de me arrepender de ajudar uma menina do Peru e ver outros estrangeiros serem tão adeptos da “Lei de Gérson” quanto brasileiros, desisti de deixar esse texto.

Addendum: (23/02/2009)

O que eu poderia falar sobre estrangeiros, de qualquer forma? Os peruanos são a grande maioria. E no apartamento que entra um peruano, entram na verdade dois ou três. Peruanos SEMPRE trazem um hóspede. SEMPRE falam que é por pouco tempo. Claro, alguns peruanos são bastante significativos para o futuro da nação brasileira. Tive o azar de morar com um cara que teoricamente fez alguma diferença com a pesquisa de pós-graduação dele para um importante ramo da indústria brasileira. Ainda assim não acho que isso compensa a falta de solidariedade do indivíduo. Na verdade, a solidariedade não é exatamente um produto sobrando no crusp.

O CRUSP visto por um mineiro – Derneval R.R. da Cunha - drrcunhal@yahoo.com.br

Pessoas de origem africana podem ter uma certa dificuldade de se acostumar. Os hábitos que trazem consigo podem tornar a vida meio complicada. O fato é que um africano que resolva bancar o “senhor dono do pedaço” irá ter pouca oposição brasileira. Mas vai piorar a fama de todos os seus amigos e colegas africanos no processo, dificultando a chance deles se entrosarem na sociedade brasileira. Basta ouvir uma única história de “africano arrogante” uma única vez para nunca mais dar chance de amizade. Recomendo o texto anexo para todos estrangeiros.

Recomendo precaução com relação a mulheres estrangeiras e brasileiras. Algumas tem a intenção expressa de arrumar um “marido” da pior maneira possível (fingindo tomar a pílula – como as brasileiras). A estrangeira cujo filho nasce em solo brasileiro tem direito a cidadania. Céticos, leiam “Trilogia Suja de Havana” (GUTIERREZ). Aliás vale a pena ler esse livro independente de quem você namore. Mas a grande verdade é que em vários países (e lugares do Brasil) a revolução sexual não chegou e namoro presume casamento **e filhos**. Não é essa coisa aqui no Brasil de primeiro curtir e depois quem sabe morar junto para depois talvez casar e talvez ter filhos.

Por outro lado, conheci meninas estrangeiras que só se casaram para obter a cidadania quando encheram o saco com a burocracia de renovação de visto (é horrível), não precisavam desse recurso. Alta qualidade, excelentes pessoas. Na verdade, é bem mais complicado para alguém de fora do país conseguir namorar alguém do Brasil. Ou, como dizia uma paraguaia que voltou para Assunção no final do curso “as brasileiras mesmo não estão conseguindo homem”.

Um detalhe que merece ser levado em consideração foi o boato de que na verdade, muitos estrangeiros podem ter conexões com governos ou serviços de inteligência. No tempo em que o Peru era governado pelo Fujimori, houve quem me dissesse que haviam membros do serviço secreto peruano fazendo pós ou MBA na USP. Provavelmente vários ministros de países africanos fizeram e fazem faculdade. Então a USP tem uma certa importância geo-política (grande).

Recomendação boa seria não assinar nenhuma carta ou documento atestando que irá sustentar algum estrangeiro em caso de problemas financeiros. Dependendo da pessoa, isso significa que ela está por sua (vossa) conta e **ela pode te obrigar a cumprir o prometido**. Basicamente, **você está adotando uma pessoa**, não está ajudando ninguém a “quebrar um galho” ou resolver um “problema burocrático”.

OCUPAÇÃO

Talvez você que esteja entrando esteja ainda com as notícias da ocupação da reitoria da USP na cabeça. Então, outra sugestão: pense bem antes de emitir opinião contrária aos eventos da ocupação. Se dependesse da boa vontade da reitoria, provavelmente não existiria mais moradia estudantil, dentro da USP. Não existiria o restaurante central aberto nos finais de semana. E outras coisas mais. A imprensa fez de tudo para denegrir a ocupação da reitoria. Se você não participou ou visitou a reitoria durante a ocupação (ou “participou da ocupação” como o pessoal fala) melhor não emitir opinião.

EX-CRUSPIANOS

Bom, essa é minha condição atual. Houve um evento comemorativo num colégio, novembro de 2008. Não tenho muito mais detalhes, além de que existem alguns vídeos no youtube. Basta procurar usando crusp como palavra chave e se descobre muita coisa. Aqueles que se interessarem em divulgar o que estão fazendo agora, trajetória pós-crusp e email, me contatatem usando drrcunha@yahoo.com.br ou derneval@gmail.com. Estou fazendo uma página só de ex-cruspianos.

O CRUSP visto por um mineiro – Derneval R.R. da Cunha - drrcunhal@yahoo.com.br

ANEXO 1 - Texto da página do CRUSP, disponível nos URLs <http://www.crusp.cjb.net>

Esse texto abaixo também é da minha autoria e está vetado qualquer uso não autorizado (por escrito) pelo autor. Atualizei só uns pedaços.

<http://www.crusp.cjb.net>

C.R.U.S.P. HOMEPAGE

DIREITOS AUTORAIS: O material contido nessa pagina é inteiramente de autoria de Derneval R.R. da Cunha e faz parte de um projeto de livro, registrado no arquivo da Biblioteca Nacional. A utilizacao das fotos ou textos aqui contidos nao estao liberados para uso nao autorizado, seja USP, DCE ou AMORCRUSP, etc.. nao existe nenhuma ligacao entre esta pagina e a Associacao de Moradores da Graduacao e nenhum interesse politico-partidario. E quem nao estiver satisfeito ou desconfiar de alguma coisa, faça a sua propria pagina. Super fácil. Só não use o texto que escrevi, faça seu próprio.

correspondencia: derneval@gmail.com ou drrcunha@yahoo.com.br

(em qualquer dos casos, não adianta esperar resposta rápida)

O que e' o CRUSP?

Derneval R.R.da Cunha

INTRODUCAO:

O Conjunto Residencial da Universidade de Sao Paulo, vulgo crusp, escapa a varias definicoes. Sua historia, que agora completa 30 anos, ja' foi palco de muitos acontecimentos, parte dos quais detalhado em um documentario, chamado "Experiencia Cruspiana", recebeu um premio de melhor curta- metragem, esta' disponivel para consulta no arquivo do M.I.S. em Sao Paulo. Acima de tudo, e' um lugar que escapa descricoes simples. Reza a lenda que o autor do projeto original se recusa a assumir a autoria.

Para estudantes de varias partes do Brasil, que passam no Vestibular e sem condicoes de "encarar" a dura trajetoria de viver longe dos parentes, numa cidade como Sao Paulo, onde o preco de um quarto para alugar alcanca com facilidade a faixa dos R\$ 400 por mes, o lugar permite a muitos a conclusao do curso superior. Por causa de sua historia conturbada, o local adquiriu uma fama que contrasta com o fato de ter abrigado algumas das maiores cabecas da Univesidade, incluindo varios professores, que foram moradores. Palco de muitas revoltas contra o regime militar, o conjunto projetou tambem o nome da Universidade no Exterior, por sua vinculacao as passeatas estudantis dos anos 60 e 70, sendo inclusive desmantelado pelo regime militar e dois de seus predios usados pela administracao.

Organizacao Interna

O conjunto e' composto de varios blocos, divididos entre a Graduacao (blocos A, B, D e F) e a Pos- graduacao (blocos C e G). O bloco F, antigamente, era chamado o "Sheraton do CRUSP", titulo que passou pro bloco C (pós), recentemente reformado. De acordo com alguns moradores de lá (do F), a coisa não inspira muito elogio..

Os moradores vivem em apartamentos, de 2 ou 3 quartos com um banheiro e ambiente. Nao e' exatamente um paraíso. Os apartamentos que tem 2 quartos tem um quarto de casal. Um dos grandes problemas e' a convivencia entre os moradores, coisa que vez por outra gerou historias sensacionalistas na imprensa.

Cotidiano:

A USP tem varios restaurantes universitarios, mas o maior deles, o "vulgo" CRUSPAO, BANDEJAO, ou melhor dizendo, RESTAURANTE CENTRAL e' o ponto de encontro da mocada. Seu horario de funcionamento, das 11:00 as 13:45 e 17:30 as 19:45, e' algo gravado na memoria, apesar que existe uma lanchonete logo do lado para os retardatarios.

Você pode ver o cardápio do Bandejão [aqui](#)

Ha' apartamentos de todos os tipos, refletindo o tipo dos moradores que habitam. Existem os que formam grupinhos de acordo com o local de origem, faculdade ou amizade.

Diversoes

Nos finais de semana ocorrem as festas nas varias faculdades, ou na sala 51 e na cozinha dos blocos. O preferido em termos de diversao e' o CEPEUSP ou Conjunto Poliesportivo da Universidade de Sao Paulo. Volta e meia pinta uma ou outra menina fazendo top-less. E' uma verdadeira praia para o Uspiano.

Outra coisa e' um cinema completo, que tem sessoes durante a semana, a partir das 17:30. As entradas por enquanto sao gratuitas.

De vez em quando tem uma cervejada, em vários lugares diferentes da Universidade.

Selecao:

O talvez maior inferno do futuro "cruspiano". Todos os candidatos a bolsa-moradia devem passar por um teste de selecao. Nesse meio tempo, para garantir algum lugar para morar, a opcao e' conseguir hospedagem com algum morador antigo, enquanto aguarda o resultado, que leva meses para sair.

Pode ser uma coisa boa ou ruim, conseguir hospedagem. Os tres moradores precisam assinar o documento aceitando o dito. E' uma experiencia semelhante ao servico militar. Nem mesmo o sono a noite e' garantido. Ha' gente que aceita hospede e na semana seguinte manda embora.

E' um inferno, principalmente porque no dia seguinte a saida dos resultados no vestibular, fica quase impossivel encontrar lugar para morar e aguardar a selecao. Existe o servico de residencia externa, que recebe ofertas de gente interessada em alugar quartos e vagas para estudantes e facilita um pouco o trabalho da calourada.

Quando sai a lista de selecao dos novos moradores, perto de maio ou junho, o estudante tem um numero de dias para conseguir vaga por afinidade. Isso quer dizer, ele pode escolher um apartamento onde exsite vaga por conta da saida de um morador e, se os outros moradores aceitarem, se mudar para la'.

Claro que a coisa nao e' tao simples assim. Por varias razoes, um numero de moradores prefere esperar o sorteio e seguram a vaga ate' esse dia. Outros moradores tem uma visao meio distorcida da hospedagem, resultando que o individuo aceito tem perde um pouco, em termos de direitos humanos. Uma vez morador, a pessoa tem o dificil trabalho de conviver com uma gama variada de pessoas, de diferentes

O CRUSP visto por um mineiro – Derneval R.R. da Cunha - drrcunhal@yahoo.com.br

idades, estados do Brasil e de outros países, fazendo vários cursos diferentes, às vezes com crenças opostas, algumas vezes. Um verdadeiro curso de sociologia ao vivo.

Você pode ler mais sobre isso nos trechos de um livro que escrevi, chamado o "O CRUSP VISTO POR UM MINEIRO".

Analise Sociologica da Vida Cruspiana:

QAs tentativas feitas para se definir o "típico" cruspiano foram mal sucedidas. Uma porque o cruspiano que poderia ser chamado "típico" odeia a idéia de participar de uma pesquisa. Lance de privacidade. Outro é que se trata de uma sociedade em mutação. Há casos de gente que já morou em trezentos apartamentos diferentes e gente que morou do início ao fim no mesmo apartamento.

Quer um exemplo? A pessoa pode acabar num apartamento de pessoas de profunda crença religiosa. Ou, sendo da área de Odontologia, dividir o apartamento com pessoas da Faculdade de Letras. Há até misturas mais "conflitantes" como de homossexuais convictos morando com gente de seitas neo-católicas ou mais incríveis ainda, de malufistas e comunistas, no mesmo apartamento. A realidade ultrapassa a ficção, nesse aspecto.

Claro que o processo de adaptação a comunidade cruspiana envolve abdicar de algumas coisas. O estudante que escolher o CRUSP por moradia deve esquecer com certeza do significado de algumas palavras e re-aprender o significado de outras. Como por exemplo:

GLOSSARIO CRUSPIANO

Amizades:

É um conceito filosófico. Varia muito. Por exemplo, é frustrante confiar em alguém só por conta de amizade. É possível haver empréstimos sem volta. Algumas pessoas são legais, mas não devolvem. Pode acontecer com você..

Privacidade:

Não existe. Qualquer coisa que você fizer ou falar chegará ao alcance de qualquer um que tenha interesse em saber. O morador oficial pode ter seu quarto individual e se resguardar um pouco mais. Mas todo mundo sabe de tudo.

Solidariedade:

Existe. As pessoas se juntam para dividir ou fazer comida, oferecem hospedagem ou apoio (normalmente moral, somente) em caso de necessidade. Muitos se baseiam nisso e às vezes quebram a cara. É algo que não se prevê.

Crenças:

Todo mundo acredita em alguma coisa. Alguns abertamente, outros nem tanto. A maioria evita falar que é contra questões que gozam de popularidade, para não "queimar o filme" com aquele cara ou com ciclano. Exemplos:

Política:

Todos são mais ou menos de esquerda.

Mães do CRUSP:

Tem direito a ficar. Ponto final.

Drogas:

O CRUSP visto por um mineiro – Derneval R.R. da Cunha - drrcunhal@yahoo.com.br
Ninguem fala contra, nem a favor. Pelo contrario.

Homossexualismo:

Ninguem se manifesta. Existem os que assumem abertamente, sem grilos.

Loucuras:

Todo brasileiro tem um pouco de medico e de louco.

Amores:

Bom, muita gente comeca sua vida amorosa no CRUSP, com certeza. Vide tambem Privacidade e Maes do Crusp. Existe um artigo muito bom (alguns elogiaram) sobre o que pode ou não, ser isso. Clica no www.webng.com/curupira/paquera20.html

Hóspedes e hospedagem:

A opiniao varia de acordo com quem se conversa, mas normalmente todo mundo apoia a existencia de hospedes no CRUSP. Alguns tem a opiniao que hospede e' essencial para se manter o apartamento em ordem. Outros acham que e' um desperdicio e/ou ameaca de superlotacao.

Bolsa Alimentação, Moradia e Trabalho:

Você pode se informar melhor sobre tudo isso no térreo do Bloco G. Bolsa moradia é o direito a ser morador regular. B. Trabalho é um "bico" onde a pessoa, uspiana, pode desempenhar tarefas relativas ou não a sua área de estudo, recebendo um X por mês igual a salário mínimo. Quebra o galho de muita gente.

AMORCRUSP

Associacao de moradores. Ate' recentemente tinha varias funcoes, hoje, esta' tentando recuperar o status. Normalmente o termo era mencionado no seguinte contexto: "A Amorcrusp tem que dar um jeito nisso", "A ..nao faz nada", etc

As vezes pinta um lance de invasao, nao vou comentar porque senao entra num lance politico. So' digo que de vez em quando rolam atitudes um tanto radicais demais. Nao se deve pensar que todos elementos compactuam com isso, mas o fato e' que o autor dessa pagina ja' ouviu historias apavorantes, inclusive de patrulha ideologica e perseguição politica ou motivos ideologico/partidarios sendo usados para justificar atos de excesso (porrada pura e simples). Isso ja' aconteceu.

Eu tinha ate' planos de colocar minha historia pessoal e meus problemas (e problemas de outros) dentro/fora da Associacao, mas to dando uma chance para a paz.

Barulho

Acontece. Os blocos mais novos, tipo F e os da Pos, costumam ser mais ou menos silenciosos, mas que que adianta morar num predio mais "calmo" se teus colegas de apartamento fazem barulho? Algumas paredes sao finissimas e pode-se escutar os momentos mais intimos. Por outro lado, todo mundo cedo ou tarde sintoniza a radio Transamerica, por causa da antena da Emissora, que e' ao lado. Ate' gravadores e vitrolas tem o ruido de fundo.

Gente de esquerda e gente de direita

Podia encher páginas e páginas sobre questões políticas. No CRUSP, existem quase todas as facções políticas. Quando um cara não segue o esquerdismo puro, pode chegar a ser rotulado de PFL, Nazista, Facista, etc. Uma coisa semelhante aos processos de Moscow, onde o importante não é que o cara seja ou não seja alguma coisa.

O importante é que ele figure como sendo inimigo do povo. (Afinal de contas, é muito chato ser radical sem ter um inimigo para se atacar). Teve gente que já apanhou por conta disso.

Vida Alheia

Ninguem tem nada a ver com a vida de ninguem, mas todo mundo comenta a vida de todo mundo e as vezes se intromete.

Acusações

O CRUSP visto por um mineiro – Derneval R.R. da Cunha - drrcunhal@yahoo.com.br

Volta e meia surge um cartaz "anonimo" ou nao, falando cobras e lagartos de alguem. O pior fato e' que algumas vezes as pessoas acreditam ou querem acreditar, porque precisam criticar outra pessoa, pra nao serem criticados por outras coisas. Uma politica de queimar o proximo, para evitar de ser queimado.. vai saber.. entre duas noticias, e' sempre mais legal a que fala mal de alguem, o que essa pessoa fez de bom nao interessa.

Brigas

Como em qualquer lugar, acontece. As vezes serias como a que ocasionou a morte de dois rapazes no bloco A, que cairam do 5 andar em 198?. As vezes coisa mais simples. A maioria nao tem condicoes de atirar a primeira pedra em relacao ao assunto. Duas frases ditas que ficaram na historia, relativas a este topico:

"Voce pode ver que os animais brigam entre si, portanto a briga e' uma coisa natural" - dito numa assembleia de moradores

"A violencia nao e' uma coisa nem boa nem ruim, tudo depende da circunstancia" - dito em outra assembleia de moradores

LENDAS E PRECONCEITOS MAIS COMUNS EM RELACAO AO CRUSP

A Privatizacao do ensino publico ira' extinguir a bolsa-moradia. O pessoal ira' pagar para morar. Uma lenda, porque o crusp nao e' mantido com recursos da Usp, mas de herancias vacantes. Quer dizer, toda a grana de gente que morreu sem herdeiros ate' 75. Mas o medo existe e acredito que a intencao tambem existe. O mais proximo que aconteceu ate agora foi a cobranca de taxa pra exame medico na piscina e um regimento excluindo alunos na 2a graduação e Pós-graduandos de terem tratamento medico gratuito no Hospital Universitário.

Existe muita gente com carro do ano morando no CRUSP: Acontece. Tanto porque conseguiu economizar pra comprar como porque melhorou de situacao financeira que entrou. Existem aquelas que conseguiram entrar Deus-sabe- como e os que usam o carro como instrumento de trabalho.

Tem muito filho de fazendeiro no que deveria ser moradia para carentes: Bom, tem muita gente de fora de Sao Paulo, capital, morando no CRUSP. Reza a lenda que facilita um pouco, ser de fora, para entrar la'. O fato do morador ser ou nao da zona rural, nao quer dizer que ele seja rico. Ha' os "ricos" do CRUSP, mas nao sao a maioria. Normalmente, quem ta' acostumado com luxo e' rejeitado na Selecao Socio-economica, e acaba se virando com um quarto alugado ou moradia externa, ver mais abaixo.

La' so' mora doidao: Dizia o Caetano que de perto, ninguem e' normal. O fato e' que perto da epoca de prova, o stress toma conta do pedaco. A convivencia com pessoas diferentes, a falta de privacidade, dificuldades com grana, amor, familia, etc, tudo isso contribui para gerar stress. O problema e' que e' uma comunidade. O pessoal adora exagerar os casos que acontecem. As vezes pintam algumas situacoes engraçadas, outras vezes, tem casos especiais. Mas e' arriscado generalizar, porque muitos so' usam a vaga ou quarto para dormir. Passam o dia todo fora.

O CRUSP e' responsavel por parte do nome da USP: Nao sei. Durante o tempo da ditadura, o nome da comunidade foi associado a luta contra a repressao do governo militar e o lugar abrigou elementos da guerrilha. Se nao me engano existe referencia a isso no livro "Brasil: nunca mais". Algumas das maiores cabecas da Universidade de Sao Paulo e parte do Corpo Docente, como o professor Roncari, autor do livro "Rum para Rondonia", morou la'. Existe um documentario, chamado "Uma Experiencia Cruspiana", comentando esses detalhes, disponivel no google videos.

O CRUSP visto por um mineiro – Derneval R.R. da Cunha - drrcunhal@yahoo.com.br

Existem moradores que ficam la' por anos: Esta e' uma grande lenda. Sim, houve alguns que chegaram a ficar dezessete anos. Deus sabe como, porque o CRUSP atravessou tres expulsões e ocupacoes. Pessoalmente conheci o Julinho 13 anos que era o morador mais antigo, inclusive aparece no documentario relatado acima. O novo regulamento parece estar limpando os casos de longa permanencia. **Adendum:** O ultimo caso célebre, uma moradora de origem peruana (alguns falam que se trata do Golum – vide “Senhor dos Anéis”, não teria morrido e sim escondido ali), saiu fora ano passado.

A VIDA FORA DO CRUSP

Apos se acostumar com o esquema, existe uma certa dificuldade para o individuo enfrentar o mundo la' fora. Uma por conta dos precos, em Sao Paulo. So' para se ter uma ideia, alguns precos para quem pensa em se mudar para a cidade que nao pode parar:

(atualizado em 24-02-2009)

- Onibus: R\$ 2,30 - 50% de desconto para portadores de passe escolar - Metrô R\$ 2,55. Como foi promessa de campanha de reeleição, provavelmente o ônibus não sobe mais. Tendo bilhete de estudante (ver strans.com.br) paga-se metade de ônibus e metrô. Mais informações no <http://www.sptrans.com.br>.
- Cinema: Existem alguns cinemas tipo o Unibanco Artiplex que cobram R\$ 4,00 em alguns dias da semana, tipo segunda-feira. A última vez que paguei meia entrada num shopping, ano passado, foi R\$ 9,00. Dependendo do horário e do dia, esse é o preço da meia-entrada em boa parte dos cinemas (ou seja, paga-se por volta de R\$ 20,00 sem a carteirinha de estudante). Aconselho o Cine Olido e o Centro Cultural Banco do Brasil (por volta de R\$ 1,00) e o Centro Cultural São Paulo (R\$ Grátis – por enquanto). Aluguel de DVD também por volta de R\$ 9,00 ou em sistemas automatizados de empréstimo, por menos de R\$ 5,00.
- Aluguel: Entre 150 e 450 por uma vaga (não confundir vaga e quarto) com sabe-se la' o numero de moradores. É só procurar nos anúncios que são afixados em pontos de circular da USP (tem que ir na USP) ou perto do restaurante universitário central (vulgo Bandejão) Isso falando de quarto para alugar ou dividir. Apartamento ou casa, nao se acha por menos de 400 a 500 Reais mas requer fiador ou depósito de 3 meses. (Para quem nao sabe, a pior epoca para se procurar vaga p. morar em Sao Paulo é logo apos o dia do resultado da FUVEST).
- Gasolina: O preço foi liberado, não sei.
- Comida: Nao se sai alimentado com menos de R\$ 5,00 por refeicao.
- Coca-cola: Lata no supermercado R\$ 1,35 e aumentando. Qualquer outro lugar, R\$ 2,00.
- Cerveja: R\$ 1,25 é um ótimo preço em festas da USP (lata). Fora, por volta de R\$ 3,00
- Xerox: 0,15, podendo se achar lugares por 0,08 a pagina (se se fizer mais de 100 cópias)
- Livros: Tudo caro, entre 10,00 e 70,00, em sebos, se encontra por 5,00 a 10,00. Atualmente tem muito cara vendendo livro por ai'. Dá uma olhada em <http://www.sebovirtual.com.br>
- Revistas: media de 7,00
- Roupas: calca jeans, preco minimo e' + ou - 19,00, camiseta de 10,00 para cima.
- Dólar R\$ 2,25 – Euro 2,93 (cotação de 9/02/2009)

Para voltar a pagina principal, Criticas, sugestoes ou historias que voce conheca sobre o CRUSP. derneval@gmail.com ou drrcunha@yahoo.com.br

ANEXO 2 – Brasil para principiantes

Introdução ao código secreto

Pete Kelleman (livro: Brasil para principiantes)

Para fins de contexto, o texto descreve o momento em que o protagonista (hungaro) está preparando o visto para emigrar para o Brasil e.. tal como se fosse um brasileiro querendo ir para o Japão ou Estados Unidos, enfrenta um estranho tipo de burocracia.

Era preciso ainda um atestado de vacina e, na manhã seguinte, o porteiro me recomendou um médico, pertod do consulado. Fui depressa até lá e o médico aconselhou que eu não me vacinasse ... mas deu um jeito e forneceu o atestado.

Narrou muitas coisas do Brasil. Era um francês de cabelos brancos e creio que teria quase setenta anos. Conhecia o Brasil .

- Vivi lá quase vinte anos - disse êle - Que país! Que mulheres! Não há nada no mundo comparável à carioca.

- Carioca? O que quer dizer isso?

- Ora, carioca .. carioca é quem nasce no Rio de Janeiro. Será que existe alguém que não saiba o que é carioca? Incrível!

Sentou numa cadeira de balanço e começou a narrar sua história, como se fosse um Papai Noel sem fantasia.

- Voltei para Paris depois da guerra. Tinha uma pequena herança. Já sou velho.. não volto mais para lá. Você verá, meu filho. O ambiente, o clima, as pessoas serão para você, no início, como o cigarro para quem nunca fumou: começa dando tonteira, tosse, falta de ar .. mas depois tudo se transforma. Será um prazer constante. Você vai adorar tudo. Mas é preciso que siga o meu conselho: prepara-se para aprender, desde já, duas línguas.

- Duas?

- Sim. O Português, que é o idioma que se fala no Brasil. E depois.. o código secreto.

- Código?

- Sim, código. Se não o conhecer, está perdido. É uma coisa que liquida com os nervos e pode até acabar com a vida dos forasteiros. É falado também em português, mas tem outro sentido. Precisa ser reinterpretado. E outra coisa - o código secreto é diferente de pessoa para pessoa, não tem "tradução" geral. E agora você já sabe. Para ser feliz no Brasil, siga três conselhos: primeiro aprenda o português; segundo, tente familiarizar-se com as diversas manifestações do código secreto e, terceiro, procure analisar o código de cada indivíduo com quem entrar em contato. Decifrando esta língua secreta você saberá exatamente como agir e, quem sabe, talvez possa até mesmo aprender, devagar, a falar as duas línguas.

Pensei logo que o velho já não devia regular muito bem. Estava cheio de idéias fixas, meio malucas. Eu só queria o meu atestado para ir embora.

M. André.. Dr. André (hoje já morto), peço que me perdoe o julgamento. Você não era louco, não: suas bobagens sobre a segunda língua, o código secreto, essas suas idéias "loucas" não eram maluquices. Você, Dr. André, médico aposentado, fornecedor de atestados, ex-brasileiro, estava certo, absolutamente certo, muito certo mesmo.

E, naquela mesma manhã, ali no consultório ao lado do consulado, o Dr. André me deu o primeiro exemplo desse código que eu mais tarde viria a conhecer.

- Sei que está com pressa, meu filho. Louco para embarcar. mas antes de ir, deixe-me dar um exemplo desse código. Vamos supor que você tenha negócios com um tal de Pereira, que lhe deve mil cruzeiros. Então, num determinado dia marcam um encontro para as dez e meia, na cidade. Você chega na hora. Entra no escritório do Pereira e é avisado pela secretaria de que, infelizmente, ele viajou para São Paulo. Não é bem uma mentira, mas apenas uma indicação de que ele não tem dinheiro para liquidar a dívida. Embora sabendo disso, finja acreditar, agradeça a informação e vá embora. Alguns dias depois, por acaso, você o encontra na rua. Não, não diga que não percebeu a manobra. Ao contrário, peça desculpas. "Lamentavelmente, não cheguei na hora que o senhor marcou ... e como teve que viajar .." Agora vocês dois estão falando em código. Ele então responde: "Sim, esperei até onze e meia, mas precisei sair". "É... desculpe, atrasei-me por causa da condução". Agora, é oportuno arriscar a falar no dinheiro: "Quando quer que eu vá apanhar esses mil cruzeiros?"

Atenção: se ele tiver no bolso Cr\$ 1.050,00, paga os mil e ainda o convida para almoçar (não aceite de jeito nenhum). Se não tiver o dinheiro (também convida, mas você recusa). Mandará então telefonar logo mais (quando você não estiver). Pelo código, isto significa que ainda não pode marcar a data do pagamento. Para evitar que isso aconteça, é recomendável que você peça trezentos cruzeiros, alegando que está absolutamente sem dinheiro. Tradução do código: você aceita pagamento parcelado. Se ele tiver os trezentos cruzeiros, dá logo; se não tiver, a história recomeça: a secretaria informando que saiu, o telefone dizendo que não está. Mas não se preocupe. O dinheiro está garantido. Nenhum tostão se perderá. Se puder, ele paga. Isto requer paciência, tto e conhecimento do código usado pelo seu amigo Pereira. E não se exaspere. Ele não faz isso só com você. Faz com todo mundo. Se você se mostrar confiante, inocente, ingênuo, em vez de tomar uma atitude de cínico, irônico e debochaodo, receberá seus mil cruzeiros de volta e talvez, por intermédio dele, ganhará muitas notas de mil ... Isto se tudo correr bem, se o Pereira recuperar-se dessa dificuldade transitória e se você não tiver perdido a paciência.

Não esqueça, meu jovem amigo, de que é preciso se ambientar durante o primeiro ano. Aprenda a julgar os gestos, as meias-palavras, os olhares, as insinuações, pois o brasileiro jamais dirá a palavra 'não'.

Faça uma experiência. Entre numa farmácia e peça um remédio que não existe. O vendedor não dirá que nunca ouviu falar nesse nome, pois isto significa um 'não' definitivo. Vai dizer que acabou, mas que esperam nova remessa dentro de três dias. Mas isto não é o pior. Algumas vezes prefere dizer que no momento não tem o tal remédio, mas que na Casa Aurora, na Rua Direita, no 4, existe. Não vá, pelo amor de Deus: na Rua Direita, no 4, provavelmente não encontrará uma farmácia e, se encontrar, não terão o remédio.. mas podem fornecer-lhe outro endereço, onde talvez exista uma outra farmácia, mas nunca o seu remédio. Não desanime. Não adquira complexos, embora possa demonstrar pequenos distúrbios mentais que em nada o prejudicarão se puder aguentar seis meses sem estourar. Você não será expulso do país por causa de uma loucurazinha - o governo está ao seu lado, uma vez que em sua carteira no 19, o documento que identifica todos os estrangeiros, consta na página 20 o artigo 159. O que diz este artigo? "O estrangeiro pode ser expulso do país, sendo doente mental, caso as manifestações apareçam dentro de seis meses após o embarque".

Em outras palavras, no sétimo mês de sua permanência, as autoridades já aceitam a possibilidade de que você chegou completamente normal, mas, temporariamente, se perdeu no grande labirinto dos "amanhãs"

O CRUSP visto por um mineiro – Derneval R.R. da Cunha - drrcunhal@yahoo.com.br

que significam "nunca", dos "apareça lá em casa" que não representam um convite, dos "virei se Deus quiser" que significam "não conte com a minha presença"; dos "já foi providenciado" cuja tradução é "ainda não vi o caso, nem sei do que se trata" e, finalmente, "quando sua ficha ficar pronta, telefonaremos" que quer dizer "a ficha está na minha gaveta, você foi reprovado, não me amole mais".

- Meu filho - terminou o Dr. André - não o quero prender mais. Aqui está o seu atestado de vacina e o meu grande abraço. Deixe na minha mesa cinco mil francos. Quatro mil e novecentos pelo atestado e cem pelos conselhos que dei. Não dou conselhos grátis, pois ninguém dá valor a eles: quando se paga, pensa-se mais no assunto. Vá com Deus. Desejo-lhe muita sorte e felicidade.

Nunca mais vi o velho. E nunca tirei tanto proveito de cem francos.

(Nota: Este não se trata de um texto sobre criptografia mas de um trecho do livro "Brasil para principiantes". O autor, um húngaro que emigrou para o Brasil após a 2a Grande Guerra, fez uma espécie de crítica (mais para sátira) ao caráter do povo brasileiro que encontrou naquela época, por volta dos anos 1950. Mesmo após esse tempo todo, aparecem ocasiões em que apresento este texto para algumas pessoas e elas ficam surpresas porquê nunca pensaram em si ou em pessoas que conhecem sob esta ótica. Em outras palavras, o texto é antigo porém atual. E ensina alguma coisa. O autor, apesar de húngaro, realmente entendeu o caráter do brasileiro. Talvez não o do brasileiro ideal. A última notícia que consegui encontrar dele na Internet foi que tinha dado um "golpe" financeiro tipo desfalque ou coisa do gênero e se mudou para o Paraguai. O livro não é difícil de encontrar em sebos ou bibliotecas - mas não está disponível para download - dependendo do ambiente em que você foi criado, pode "abrir os olhos" para um novo mundo.)